

A ORAÇÃO DA NEVE.

Ó DEUS, nosso Pai, lava-me de todos os pecados
branco do que a neve.
Da-me sempre o teu Santo Espirito, para te servir
e glorificar, por amor de Jesus Cristo, nosso Senhor.
Amen.

IGREJA LUSITANA EVANGÉLICA DE S. PAULO

Recebi do Ex.^{mo} Sr. _____ N.º 2850
a quantia de Esc. \$ _____, impor-
tancia da sua quota correspondente ao mês
de _____ de 192
Lisboa, _____ de _____
O Tesoureiro

Cosa mais bomaventurada é dar do que receber (Actos XX, 35). 2880

IGREJA LUSITANA EVANGÉLICA DE S. PAULO
(Extinto Convento dos Marianos)

Recebi do Ex.^{mo} Sr. _____ \$ _____, importancia da sua quota corres-
pondente ao mês de _____ de 192
Lisboa, _____ de _____
O Tesoureiro

De graça recebestes, de graça dai. (S. Matheus, X, 8).

IGREJA LUSITANA EVANGÉLICA DE S. PAULO
Extinto Convento dos Marianos — R. das Janelas Verdes

Nesta Igreja há cultos todos os domingos (às 11 1/2 e às 20 1/2),
e todas as Quintas-feiras (às 20 1/2 horas)

A Igreja Lusitana é a restauração da que nos primeiros séculos do Cristia-
nismo existiu na Lusitania: é *cristã*, baseando-se no Novo Testamento de Jesus
Cristo; é *nacional*, governando-se por meio dum Synodo, composto de ecle-
siasticos e leigos; é *apostólica*, seguindo a doutrina ensinada pelos Apóstolos,
e conservando as ordens antigas de *bispo*, *presbitero*, e *diácono*; é *liberal*,
reconhecendo a todos o direito de servirem a religião da sua consciencia; e é
independente da Igreja de Roma, rejeitando a confissão auricular, o purgatório,
a infalibilidade papal, o culto ás imagens, todos os dogmas contrários á
simplicidade e caracter espiritual da Religião Cristã.

Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo

"Unidade na certeza, Liberdade na divida, Caridade em tudo"

(Extinto Convento dos Marianos)

RUA DAS JANELAS VERDES—LISBOA



Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo

"Unidade na certeza, Liberdade na divida, Caridade em tudo"

(Extinto Convento dos Marianos)

Rua das Janelas Verdes

Lisboa, de de 19

Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo

Deus Ama ao que dá com alegria

Eu
membro da Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo, conside-
rando as necessidades materiais da nossa Igreja na manuten-
ção do seu culto e o dever dos congregados em cooperar no
sustento de seu Pastor, proponho-me auxiliar a obra de Deus
nesta congregação, elevando a minha cota mensal para
Esc. a partir do próximo mês de

Local da cobrança

Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo

Deus Ama ao que dá com alegria

Eu
membro da Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo, conside-
rando as necessidades materiais da nossa Igreja na manuten-
ção do seu culto e o dever dos congregados em cooperar no
sustento de seu Pastor, proponho-me auxiliar a obra de Deus
nesta congregação, contribuindo com a cota mensal de
Esc. a partir do próximo mês de

Local da cobrança

Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo

"Unidade na certeza, Liberdade na dúvida, Caridade em tudo"

(Extinto Convento dos Marianos)

Rua das Janelas Verdes

Lisboa, 25 de Novembro de 1937

Ex.^{mo} Irmão da Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo

Ainda ecôa em nossos corações o soluçar de todos os que choraram a separação até à vida eterna do nosso sempre inesquecível e saudoso pastor, D. Joaquim dos Santos Figueiredo, que, durante 38 anos, tão fiel e sempre dedicado foi à obra de Deus na nossa Igreja. A irradiação da sua virtude e da sua bondade, as sintilações puríssimas da sua Fé, produziram em todos nós que o conhecemos no seio da congregação, no convívio particular e na vida íntima do lar, o respeito e a admiração, o aprêço e a estima profunda por aquele grande e nobre coração. Deus levou-o para Si. Mas a Sua santíssima Obra continua alumada pelo exemplo vivo dos que Lhe foram na Terra fieis. A nossa Igreja ha-de continuar, pois, cada vez mais animada e cheia de entusiasmo, com os olhos fitos n'Aquele que desceu do Céu e na Cruz por nós sofreu morte inglória.

O Sínodo da nossa Igreja, em sua reunião de 3 do corrente, elegeu para presbítero da congregação de S. Paulo o Rev. Sr. António Pinto de Ribeiro Júnior. Novo ainda tem dado já provas de ser um dedicado e zeloso servo de Deus. A sua vinda para Lisboa será um grande sacrifício para o trabalho no Norte, mas Deus, na Sua infinita bondade, harmonizará tôdas as coisas e dentro em breve a nossa Igreja terá novamente a orientá-la, a dirigi-la e animá-la, um homem competente e dedicado, que, reunindo tôdas as fôrças, tôdas as vontades, todos os entusiasmos, procurará proseguir, no mesmo espírito de harmonia e paz, a obra de Deus nesta Igreja.

Esperamos que cada crente lhe possa conceder uma colaboração cheia de sinceridade e de verdade, para que a difícil tarefa de um ministro de Deus possa ser facilitada e êle possa empregar tôda a sua energia e actividade no alargamento do Reino de Deus neste mundo.

E que nesta colaboração se faça sentir também a necessidade de auxiliar materialmente a Igreja o melhor que fôr possível, na manutenção do seu culto. Ainda não podemos conceder ao nosso Pastor os meios necessários ao seu sustento e ao da sua família. Amigos de outros países nos auxiliam e assim temos podido manter aqueles que se consagram ao santo ministério. Mas chegou a hora de também cooperarmos e fazermos algo neste sentido. E foi assim que a Junta da Igreja de S. Paulo, contando com a boa vontade dos membros tantas vezes manifesta, se prontificou a garantir ao Sínodo o pagamento duma renda de casa humilde mas confortável para o pastor que fôsse nomeado, juntamente com um subsídio para água e luz.

Estamos certos que todos vamos encarar esta idea com alegria e satisfação, e, num espírito de sacrificio e de amor, reunirmo-nos todos para assim se poder conseguir o cumprimento desta nossa resolução.

Com tôda a consideração, somos

Fraternalmente

conservos no Senhor

A JUNTA DA IGREJA EVANGÉLICA DE S. PAULO

Igreja Lusitana, Católica, Apostólica, Evangélica

"Unidade na certeza, Liberdade na dúvida, Caridade em tudo"

EXTINTO CONVENTO DOS MARIANOS

RUA DAS JANELAS VERDES

Lisboa, 1 de Janeiro de 1938

Ex.^{mo} Irmão da Igreja Lusitana
Evangélica de S. Paulo :

É com muita alegria em nossos corações que vos escrevemos para vos participar o franco entusiasmo com que a congregação acolheu a imperiosa necessidade de cooperarmos um pouco mais nas despesas a que temos de fazer face na manutenção do nosso culto, despesas de que uma grande parte ainda é satisfeita por irmãos, nossos amigos, de países estrangeiros, que se estão lembrando de nós e que se estão sacrificando por nós. Prouvera a Deus que bem depressa sejamos em número suficiente para nos podermos bastar a nós próprios e não sobrecarregarmos os estranhos.

E considerando as despesas certas a que nos obrigamos, a Junta agradece aos Ex.^{mos} Irmãos o cuidado de não deixarem atrazar os seus compromissos mensais, dispondo-se a Junta a ser pontual na cobrança.

E aos Ex.^{mos} Irmãos que escolheram a Igreja como local de cobrança, caso os compromissos não possam, por qualquer motivo, serem satisfeitos no mês devido, esperamos que nos permitam recebê-los em suas moradias no princípio do mês seguinte.

E por tudo vos estamos muito obrigados

Com toda a consideração nos subscrevemos

Conservos no Senhor

A JUNTA PAROQUIAL

Lembrança do Dia das Mães



Todas as coisas contribuem
juntamente para o bem
daqueles que amam a Deus.

Romanos 8:28

8 de Maio de 1938

ESCOLA DOMINICAL DA
IGREJA LUSITANA EVANGÉLICA DE S. PAULO
RUA DAS JANELAS VERDES — LISBOA



Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo

MINISTRO:

REV. A. PINTO RIBEIRO JR.

“Unidade na Certeza, Liberdade na Dúvida, Caridade em tudo”

RUA DAS JANELAS VERDES, 2

LISBOA, de de 19.....

Cultos Especiais da SEMANA SANTA E PÁSCOA DE 1938

na Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo
Extinto Convento dos Marianos — Rua das Janelas Verdes — LISBOA

DOMINGO, 10 DE ABRIL (“RAMOS”), às 11 e às 20,30 h.
**Cultos Comemorativos da Entrada Triunfal
de Jesus em Jerusalém.**

DE TERÇA A SEXTA-FEIRA, 12 a 15 DE ABRIL, às 21 h.
Sermões sobre: **A Vida e Morte Redentora de
nosso Senhor Jesus Cristo.**

SÁBADO, 16 DE ABRIL, às 21 h.
**História Musicada da Crucifixão de nosso
Senhor Jesus Cristo**, pelo côro desta Igreja.
(Para esta sessão a entrada é por convites).

DOMINGO, 17 DE ABRIL (PÁSCOA):
Às 11 h.: **Culto comemorativo da gloriosa
Ressurreição de Jesus Cristo; Celebração
da Ceia do Senhor.**

Às 16 h.: **Reunião Mensal de Confraterniza-
ção entre os Evangélicos de Lisboa e Ar-
redores.** Orador: Rev. PASCHOAL LUIZ PITTA.

Às 20,30: **Culto e prègação sobre a Ressur-
reição de Jesus.**

O côro da Igreja cantará hinos especiais.

ENTRADA FRANCA

“... Jesus Cristo... deu-Se a Si mesmo por nós, para nos remir de toda a iniquidade e
purificar para Si um povo especialmente Seu, zeloso de boas obras”.

(Epístola de S. Paulo a Tito, II: 14).

A Irmã

História Musicada

DA

Crucificação de Nosso Senhor Jesus Cristo

pelo Côro da

Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo
(Extinto Convento dos Marianos)
R. das Janelas Verdes
= LISBOA =

Sábado anterior à Páscoa:
16 de Abril de 1938, pelas 21 horas.

BILHETE DE CONVITE

Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo



NARRATIVA MUSICADA

— DA —

CRUCIFICAÇÃO

— DE —

NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

Cânticos de louvores e hinos para serem acompanhados pela congregação

Pelo côro desta Igreja sob a direcção do
DR. LEOPOLDO DE FIGUEIREDO

16 de Abril de 1938

pelas 21 horas

(Extinto Convento dos Marianos)

Rua das Janelas Verdes

História Musicada

DA

Crucificação de Nosso Senhor Jesus Cristo

pelo Côro da

Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo
(Extinto Convento dos Marianos)
R. das Janelas Verdes
= LISBOA =

Sábado anterior à Páscoa:
16 de Abril de 1938, pelas 21 horas.

BILHETE DE CONVITE

Narrativa musicada da Crucificação de nosso Senhor Jesus Cristo pelo Côro da Igreja Lusitana de S. Paulo

Não escrevo para quem a esta sessão musical assistiu, — e eram muitas, desta vez como sempre, as pessoas que enchiam a Igreja; nenhum destes auditores necessita da descrição do que êles próprios ouviram.

O Côro da Igreja Evangélica Lusitana de S. Paulo não é uma associação artística, mas simplesmente uma falange de congreganistas, que com desvelada dedicação se presta ao trabalho do estudo e ensaios musicais. O que torna este côro notável nas interpretações, — já o temos dito, — é o produto da própria disciplina cultural e a felicidade de ter um director inexcédível em entusiasmo e competência e possuidor duma sensibilidade estética e apurada. Este agrupamento coral tem, já de há anos, uns certos elementos constantes, devotados, mas tem também uma parte eventual, talvez mesmo adventícia das festas, elementos instáveis, que algum dia poderão comprometer o brilho já atingido nas execuções, quando uma ausência inesperada de coristas determine manifesto desequilíbrio de intensidade entre os vários naipes de vozes. Motiva estas idéas, a falta de vozes masculinas na Aleluia deste ano; contudo, graças à segurança e boa afinação dos dois grupos de senhoras, o côro nada

perdeu do seu real valor interpretativo.

O número relativo e proporcionado dos sopranos, contraltos, tenores e baixos não é indifferente quando se deseje obter das vozes a melhor harmonia e o melhor dinamismo expressivo da dicção.

O programa desta festa foi elaborado do modo seguinte:

História da Crucificação, cantata, por Caleb Simper; A Paixão de Cristo, Hino 326, S. H.; O Martírio de Jesus, letra de A. P. R. J.^o, Hino 45-S. C.; Nós humildes Te louvamos, Palestrina, letra de L. F.; Confio em Ti Senhor, Arthur Colborn, letra de L. F.; Pendurado no madeiro, Hino 323-S. H.; Aleluia! Cristo ressuscitou!, Caleb Simper, letra de J. S. F.; e Amor que vence!, Hino 574-S. H.

Os "soli" foram cantados pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Josabeth Mata, com voz bem timbrada e colorida na dicção; embora com natural timidez nos sons mais agudos a sensação de agrado não se prejudicou. E os conjuntos corais, sob a direcção ardente do Ex.^{mo} Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo, foram impecáveis tanto na afinação como na expressão.

Abril, 1938

S. P.

LISBOA, 1 DE MAIO DE 1938

PORTUGAL NOVO

FORMA ESPECIAL
DE
SERVIÇO DIVINO



IN MEMORIAM

D. Joaquim dos Santos Figueiredo

BISPO-ELEITO DA IGREJA LUSITANA

PASTOR DESTA CONGREGAÇÃO
DURANTE 38 ANOS

FALECIDO EM
18-8-1937.

IGREJA LUSITANA EVANGÉLICA DE S. PAULO

RUA DAS JANELAS VERDES, 2
LISBOA, 18 de Agosto de 1938

FESTA DAS COLHEITAS

em acção de Graças a Deus
pelos frutos da terra

na

Igreja Lusitana Evangélica

de S. Paulo

RUA DAS JANELAS VERDES, 2 — LISBOA

Domingo, 9 de Outubro de 1938

Serviços Divinos

às 11 e às 21 horas — Entrada Franca

A Igreja estará engalanada com flores e fruta, e também serão expostos legumes, e vários géneros alimentícios, os quais serão depois distribuídos por pessoas pobres, juntamente com o produto em dinheiro das colectas levantadas por ocasião dos cultos públicos.

O Côro da Igreja cantará hinos adequados, e os sermões, tanto no culto da manhã como no da noite, serão sobre o assunto de A BÊNÇÃO DE DEUS NAS COLHEITAS.

«O' Senhor, quão variadas são
as tuas obras! Tôdas as coisas
fizeste com sabedoria: cheia está
a terra da Tua glória».

(Salmo, CIV: 24).

«Todos esperam de Ti, ó Deus,
que lhes dês o sustento em
tempo oportuno: ... abres a Tua
mão e enchem-se de bens».

(Salmo, CIV: 27 e 28).

Tip. "PORTUGAL NOVO" — LISBOA — ex. 1.000 — Outubro 1938



Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo

R. DAS JANELAS VERDES, 2

= LISBOA =

"UNIDADE NA CERTEZA,
LIBERDADE NA DÚVIDA,
CARIDADE EM TUDO"

IGREJA LUSITANA EVANGÉLICA DE S. PAULO

N.º 5100

Recebi do Ex.º Sr.

a quantia de Esc. \$, impor-
tância da sua quota correspondente ao mês
de

Lisboa de de 193.....

O TESOUREIRO

Coisa mais bemaventurada é dar do que receber (Actos XX, 35).

IGREJA LUSITANA EVANGÉLICA DE S. PAULO

(EXTINTO CONVENTO DOS MARIANOS)

N.º 5100

Recebi do Ex.º Sr.

residente em
a quantia de Esc. \$, importância da sua quota corres-
pondente ao mês de

Lisboa, de de 193.....

O TESOUREIRO

De graça recebestes, de graça dai. (S. Mateus, X, 8).

O que recebe instrução na palavra, reparta de todos os seus bens com aquele que o instrui (Gal. V, 6).



Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo LISBOA

Prezado Irmão:-

Vamos realizar, este ano, no Domingo 9 de Outubro, querendo Deus, pela primeira vez na nossa Igreja, a FESTA DAS COLHEITAS, já muito conhecida nas Igrejas Evangélicas do Norte do País e no estrangeiro, mas quasi desconhecida em Lisboa.

Esta simpática festa, genuinamente cristã, tem uma dupla finalidade: 1.^a Dar graças a Deus pela Sua bênção nas Colheitas; 2.^a Levar aos pobrezinhos alguma coisa daquilo que Deus nos dá com abundância. Em resumo: Gratidão para com Deus e Caridade para com o próximo.

Para que esta festa tenha aquele cunho de gratidão e alegria sã, que deve caracterizar a FESTA DAS COLHEITAS, é necessário que todos os membros da nossa Igreja, contribuam com a sua quota parte. Se todos, conforme as suas posses, enviarem o que puderem em frutas, legumes, hortaliças e toda a qualidade de géneros alimentícios, sem dúvida que a nossa "Colheita" vai ser abundante, para glória de Deus e alegria dos pobres.

Os artigos a oferecer podem ser os seguintes:

Frutas de toda a qualidade, especialmente uvas e maçãs. Legumes: batata, feijão, cebola, abóboras, cenouras, etc.. Géneros de mercearia: arroz, açúcar, macarrão, farinha, café, azeite, grão-de-bico, etc.. Condimentos: Tomates, pi-



A Irmã.....

I CONGRESSO
DA
IGREJA LUSITANA
Católica, Apostólica, Evangélica
a realizar em Lisbôa
nos dias 22 - 23 - 24 - 25
de Junho de 1939

Irmão, se tu amas Portugal, se o queres ver engracido, seguindo a Cristo, mostra peremptoriamente o teu valor neste movimento em que a Igreja Lusitana, a Igreja a que pertences, procura unir forças para, com um novo e vivo ardor, poder continuar a obra de evangelização que vem realizando, há mais de 50 anos, na nossa querida Pátria.

Inscribe-te, pois, hoje mesmo, no nosso Congresso. A tua presença, a tua Fé, o teu desejo de cooperar, a tua vontade, o teu entusiasmo de fazer algo pelo desenvolvimento do trabalho do Senhor, são necessários à tua Igreja, aos dirigentes do trabalho que precisam de virtude para não desfalecer e de ânimo para prosseguir.

Que Deus nos abençoe e abençoe a nossa querida

IGREJA LUSITANA

Boletim de Inscrição

Declaro desejar inscrever-me como Congressista, no I Congresso da Igreja Lusitana, para o que junto a quantia de Esc. 10\$00, importância da minha inscrição.

Nome

Morada

Localidade

Membro (º) da Igreja de

de de 193.....

ASSINATURA DO CONGRESSISTA

BAZAR

EM

AUXÍLIO DAS OBRAS A EFECTUAR

no Templo da

Igreja Lusitana Evangélica
"de S. Paulo"

(Extinto Convento dos Marianos)

Rua das Janelas Verdes, 2 - Lisboa

nos dias

6 e 7

de Março de 1939

das 16 às 19 e das 21 às 24 horas

Exposição e venda de objectos úteis que todos podem e devem aproveitar. Várias atracções e surpresas. Desempenho de um interessante programa recreativo.

A Junta Paroquial da Igreja «de S. Paulo» agradece a todas as pessoas que bondosamente concorreram para o bom êxito deste Bazar, quer enviando prendas (as quais devem ser entregues na séde desta Igreja até ao dia 4 de Março), quer visitando o Bazar para fazer as suas compras, quer enviando os seus donativos em dinheiro.

BAZAR

Em auxílio das obras a realizar no edificio

DA

IGREJA LUSITANA EVANGÉLICA DE S. PAULO

Dias 6 e 7 de Março

DAS 16 ÀS 24 HORAS

NA R. das Janelas Verdes, 2—LISBOA

(AOS MARIANOS)

Venda de Objectos úteis — Várias atracções

— Bufete — Surpresas — Alegria sã —

Non falte a este Bazar! Ajude esta Obra!

— VENHA E CONVIDE AMIGOS! —

SEXTA-FEIRA O "SEGULO" ABRIL, 7—1939

Solenidades do culto evangelico

Hoje ás 21 horas, haverá, na Igreja Lusitana Evangelica de S. Paulo, na rua das Janelas Verdes, 2, serviços divinos sobre a Vida e Morte de Jesus Cristo; amanhã á mesma hora, narrativa musicada da Ressurreição, e, depois de amanhã ás 11 e ás 20 e 30, serviços divinos também acerca da Ressurreição de Jesus Cristo.

Cultos Especiais

DA

Semana Santa e Páscoa de 1939

NA

IGREJA LUSITANA EVANGÉLICA "DE S. PAULO"

RUA DAS JANELAS VERDES, 2

(Extinto Convento dos Marianos)

LISBOA

De Terça a Sexta-feira, 4 a 7 de Abril, às 21 horas:

Serviços Divinos em que se pregará sobre a Vida e Morte Redentora de nosso Senhor Jesus Cristo, conforme as narrativas puras e simples do Evangelho.

(Entrada Franca)

Sábado, 8 de Abril, às 21 horas:

«Narrativa Musicada da Morte Redentora e Ressurreição gloriosa de Jesus Cristo».

(Entrada por convites)

Domingo de Páscoa, às 11 e às 20,30 horas:

Serviços Divinos em que se pregará sobre a Ressurreição gloriosa de Jesus Cristo.

(Entrada Franca)

Nesta Igreja há cultos regulares onde se préga o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, aos Domingos, às 11 e às 20,30 horas, e às Quintas-feiras, às 20,30 horas.

Todos são cordialmente convidados.

Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que n'Ele cre não pereça, mas tenha a vida eterna. — S. João, III:16.

Tip. "PORTUGAL NOVO"—1.000 ex.—Abril/39

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

7-4-1939

CULTO EVANGÉLICO

Na Igreja Lusitana Evangelica de S. Paulo, á rua das Janelas Verdes, em prosseguimento das cerimoniaes da Semana Santa all realizadas, efectua-se amanhã, pelas 21 horas

Recital de Solos, Hinos e Antífonas

Pelo Côro da Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo

Com elementos dos coros das Igrejas Lusitanas de Jesus e de S. Pedro

Sábado, 8 de Abril de 1939

Adeste Fideles	Hino	<i>El-Rei D. João IV</i>
Num Jardim	Solo	<i>Eurico de Figueiredo</i>
Amor que vence	Hino	<i>A. L. Feace</i>
Largo	Solo	<i>Handel</i>
Devoção	Orgão e violino	<i>A. G. Colborn</i>
Justo és, Senhor!	Antifona	<i>Lowell Mason</i>
O Martírio de Jesus	Hino	<i>A. G. Colborn</i>
Crux Fidelis	Antifona	<i>El-Rei D. João IV</i>
Redempção	Hino	<i>Rev. E. Wishaw</i>
Träumerei	Org. violino	<i>Shumann</i>
Senhor, nós Te louvamos!	Antifona	<i>Palestrina</i>
Soliloquio	Solo	<i>A. G. Colborn</i>
Cabeça Ensangüentada	Hino	<i>Hans Leo. Hassler</i>
Eu sei que o meu Redentor vive!	Solo	<i>Handel</i>
Meditação	Orgão e violino	<i>J. S. Bach</i>
Cristo vive!	Antifona	<i>J. G. Rocha</i>
Aleluia!	Antifona	<i>Leopoldo de Figueiredo</i>

Côro sob a Direcção do Ex.^{mo} Sr. Dr. *Leopoldo de Figueiredo*

Solistas: Ex.^{mas} Sr.^{as} *D. Josabeth Matta* e *D. Violet de Figueiredo*

Solos de Violino pelo Ex.^{mo} Sr. *Bertini Feveiro*

Ao Orgão: Ex.^{ma} Sr.^a *D. Georgina de Carvalho Ribas*

Recital de Solos, Hinos e Antífonas

Pelo Côro da

Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo

com elementos dos coros das Igrejas Lusitanas de Jesus e de S. Pedro

Sábado, 8 de Abril de 1939,

pelas 21 horas

BILHETE DE CONVITE

DIARIO DE NOTICIAS (

10-4-1939

MUSICA

Impressões

Recital de solos, hinos e antífonas, nos Marianos, ás Janelas Verdes — Na antiga igreja dos Marianos realizou-se um recital de solos, hinos e antífonas, audição comemorativa da época pascal. Assisti, com muito prazer, a uma execução vocal com elementos dos coros das igrejas lusitanas de Jesus e de S. Pedro, completando o conjunto, em que tinha situação primordial, o coro da Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo. Houve esmero na elaboração do programa, em que figuravam paginas do rei D. João IV, como representação da musica seiscentista, e paginas das melhores, como «Adeste Fideles» e «Crux Fidelis», de Palestrina, Haendel e Bach, mestres incontestados da musica religiosa, além de Schumann, um tanto á margem da composição da igreja. Toda a parte coral se pode considerar muito interessante na optima afinação que revelou, na coesão pouco vulgar em nucleos desta natureza, o que se deve á direcção competente e dedicada do sr. dr. Leopoldo de Figueiredo, de quem é «Aleluia», que o coro executou no final, e que é obra inspirada. Foram solistas as sr.^{as} D. Josabeth Matta e Violet de Figueiredo. No orgão tocou a sr.^a D. Georgina de Carvalho Ribas e no violino, com muito brilho, o conhecido artista Bertini Feveiro. — NOGUEIRA DE BRITO.

REUNIÕES DE PROPAGANDA

Promovidas pela Comissão Organizadora, realizar-se-ão nas três Congregações da Igreja Lusitana em Lisboa, conforme programa a seguir:

Quarta-feira, 12 de Abril, às 21 horas, na Igreja Lusitana Evangélica "de S. Pedro", Largo das Taipas. Falará o Dr. Leopoldo de Figueiredo sobre "O VALOR DOS CONGRESSOS NA VIDA DE UMA OBRA".

Quinta-feira, 20 de Abril, às 21 horas, na Igreja Lusitana Evangélica "de S. Paulo", Rua das Janelas Verdes, 2. Falará o Sr. Josué Ferreira de Souza Júnior sobre "O VALOR DA IGREJA LUSITANA NA EVANGELIZAÇÃO DE PORTUGAL".

Sexta-feira, 28 de Abril, às 21 horas, na Igreja Lusitana Evangélica "de Jesus", Rua Quatro de Infantaria, 70-1.º. Falará o Rev. A. Pinto Ribeiro Júnior sobre "O VALOR DO CONGRESSO DA IGREJA LUSITANA".

VANTAGENS DO PRIMEIRO CONGRESSO DA IGREJA LUSITANA

O primeiro Congresso da Igreja Lusitana trará muitas bênçãos de Deus para o trabalho que esta Igreja vem fazendo há mais de meio século, assim como para a Obra Evangélica em geral. Além desta vantagem, que consideramos a mais importante, citaremos ainda as seguintes:

Uma maior sementeira das Boas Novas da Salvação;

A oportunidade de muitos crentes de diferentes localidades se conhecerem mutuamente;

Uma maior experiência e edificação espiritual dos crentes em geral e dos obreiros em especial;

Algumas horas de prazer e recreio físico;

A realização de algum empreendimento de utilidade para a Igreja Lusitana;

A influência do Espírito Santo, sobre os crentes reunidos, como acontecia no tempo dos Apóstolos.

A possibilidade de uma alma ouvir, pela primeira vez, o Evangelho.

Esta última vantagem, só por si, bastará para que se apoie este Congresso.

Em face do valor de uma alma, todos os esforços se devem empregar, a fim de se lhe levar a mensagem do amor de Deus. E' natural que algumas almas, ansiosas pelo Pão da Vida, encontrem esse alimento na ocasião do Congresso.

DEVEIS:

Inserir-vos desde já, se ainda o não fizestes;

Pensar no Congresso da Igreja Lusitana;

Falar do Congresso da Igreja Lusitana;

Orar pelo Congresso da Igreja Lusitana;

Trabalhar para o Congresso da Igreja Lusitana.

O Primeiro Congresso da Igreja Lusitana marcará um novo período na história desta Igreja

ALGUNS ESCLARECIMENTOS

O custo da inscrição é de Esc. 10\$00, mediante a qual os congressistas da Província têm o direito ao desconto de 50% no custo da viagem nos combóios da C. P., desde o dia 20 a 27 de Junho, a fim de poderem estar, se quiserem, todo este tempo na Capital.

Em Lisboa haverá também uma excursão, com o seguinte trajecto triangular:

Lisboa-Sintra-Cascais e regresso a Lisboa.

Para efeitos de economia, uma sub-comissão tratará com antecedência do alojamento dos congressistas. Desta forma, torna-se desnecessária qualquer preocupação sobre este assunto.

Qualquer esclarecimento poderá ser pedido à COMISSÃO ORGANIZADORA do Primeiro Congresso da Igreja Lusitana, RUA QUATRO DE INFANTARIA, 70-1.º, LISBÔA, ou à sua SUB-COMISSÃO DO NORTE, RUA BARÃO DE S. COSME, 223, PÓRTO.



PRIMEIRO CONGRESSO

DA

IGREJA LUSITANA

CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

A realizar em Lisboa, nos dias
22, 23, 24 e 25 de Junho de 1939

Ajudar o Primeiro Congresso da Igreja Lusitana é contribuir para o progresso espiritual do Evangelho na Pátria Portuguesa

Igreja Lusitana

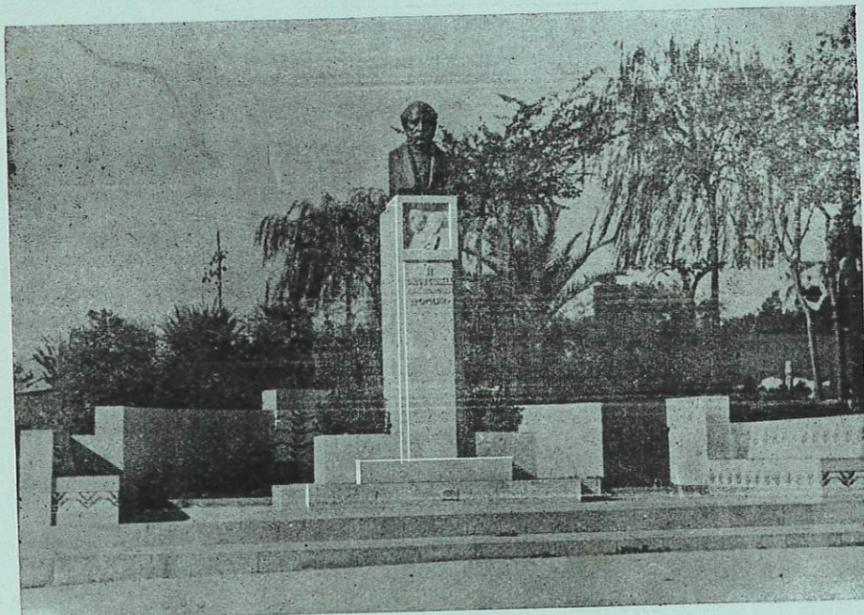
CATÓLICA, APOSTÓLICA, EVANGÉLICA

Número único dedicado ao Primeiro Congresso desta Igreja

PROPRIEDADE DA IGREJA LUSITANA
EDITOR:
Rev. Belarmino J. Vieira Barata

REDACTORES:
Dr. Leopoldo de Figueiredo
Rev. A. Pinto Ribeiro Júnior
José Ferreira de Souza Jr.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua Quatro de infantaria, 70, 1.º
LISBOA



MONUMENTO AO REV. DIOGO CASSELS
Em Vila Nova de Gaia

MAIO DE 1939

PREÇO 1\$00

PRIMEIRO CONGRESSO

DA

IGREJA LUSITANA

CATÓLICA, APOSTÓLICA, EVANGÉLICA

LISBOA

22, 23, 24 E 25

DE JUNHO DE 1939

PROGRAMA

“Ordens Supremas”

Letra de *Maria de Lemos*

Música de *Eurico de Figueiredo*

HINO Dedicado ao I Congresso da Igreja Lusitana

Eia ávante, crentes! Chegou o momento
De entrarmos na guerra do Bem contra o Mal.
Cerremos fileiras, não percam tempo,
Cumprindo as ordens do Bom General!

Vamos, sem receio: Jesus não envia
A ser pregoeiros da Sua Missão,
Salvemos o povo da idolatria,
Prêgando o Evangelho da paz e perdão!

Não nos amedrontem hóspedes traiçoeiras,
Que Deus é connôco p'ra nos defender.
Embora entre espinhos, saltando barreiras,
Ousados lutemos, sem nada temer.

E em nosso esforço teremos a vitória,
Que a Causa é sagrada e cheia de Luz!
Depois da peleja teremos a glória,
Soldados de Cristo, de vêr a Jesus!

HINOS ESPECIAIS

1

“Crentes, àvante!”

Letra de *A. Pinto Ribeiro Jr.*

Música de *Leopoldo de Figueiredo*

- 1 Crentes, àvante! Marchai sem temor,
Firmes na senda de Jesus!
Não vos detenha do mundo o fragor.
Andai na luz!
- 2 Firmes, ousados, lutai contra o mal,
Sempre do lado do Senhor.
Cheios de fé, de vigor perenal,
Mostrai valor!
- 3 Vejam no mundo que sois bons cristãos;
Sêde fieis ao Salvador.
Tende, fraternos, unidas as mãos.
Mostrai amor!
- 4 Não vos fascine do mundo o esplendor,
Eis que nocivo ao crente êle é:
Falso, o seu brilho apaga o fulgor
Da vossa fé.
- 5 Seja no mundo o vosso viver
Um monumento ao Salvador:
Dai testemunho; lutai 'té morrer,
Com santo ardor!

2

“Cantai alegres ao Senhor”

Letra de *A. Pinto Ribeiro Jr.*

Música de *Leopoldo de Figueiredo*

- 1 Cantai alegres ao Senhor,
Os que sentis o Seu poder:
Servi-O sempre com amor,
Obedecei-Lhe com prazer.
- 2 Com gratidão culto prestai
Ao grande Deus que nos criou:
O nome augusto venerai
De Quem por filhos nos tomou.
- 3 Seu povo somos: salvará
Ao Seu rebanho o bom Pastor:
Nem uma ovelha faltará,
Se fôr fiel ao Seu Senhor.
- 4 O que promete cumprirá,
Pois Êle é fiel e tem poder
Da vida a c'roa Deus dará
A quem fôr fiel até morrer.

3

“A Grande Herança”

(Doxologia)

Letra de *A. Pinto Ribeiro Jr.*

Música de *Leopoldo de Figueiredo*

A Sua, paz, a grande herança
Que o Salvador deixou aos Seus,
Nos guarde a todos, hoje e sempre,
No santo amor, na confiança
Do Eterno Deus.

Primeiro Congresso da Igreja Lusitana

Grande excursão ao triângulo de
turismo — Lisboa — Estoril — Sintra

Dia 24 de Junho

Partida às 8 horas — Chegada às 13 horas — Breve
descanso para merendar no Convento dos Capuchinhos

Admirável luz da Praia do Sol

Beleza e encanto de vegetação da Serra de Sintra

— || Alguns dos mais belos lugares de Portugal! || —

Recordações PARA TODA a vida!

Por termos de dar com antecedência o número certo
de excursionistas, pede-se o favor de se inscreverem o mais
breve possível, dando o nome a qualquer dos membros da
Comissão Organizadora ou Sub-comissão do Norte, acom-
panhado de **10\$00**, que é o preço desta excursão.



Primeiro Congresso

da
Igreja Lusitana

CATÓLICA, APOSTÓLICA, EVANGÉLICA

Lisbôa, 22, 23, 24 e 25 de Junho de 1939

Bilhete de Convite

para as sessões plenárias a realizar
nos dias 23 e 24, pelas 21 horas, na
Sala das Sessões da Associação de
Socorros Mútuos dos Empregados no
Comércio e Indústria, R. da Palma, 237.

*Cartão excursionista
distrito*

Primeiro Congresso da Igreja Lusitana

Na Igreja Lusitana Evangelica de S. Paulo, ás Janelas Verdes, teve ontem começo o primeiro Congresso da Igreja Lusitana, que consta de duas especies de trabalhos — teses e comunicações. A's 16 horas fez-se distribuição dos distintivos aos congressistas, aos quais apresentou saudações o sr. Augusto Nogueira. A's 17 horas procedeu-se á abertura da Exposição Evangelica, tendo usado da palavra o sr. Josué Ferreira de Sousa Junior. Seguiu-se um chá oferecido aos congressistas. A's 21 horas, na igreja de S. Pedro, ao largo das Taipas, houve cerimonia de culto, com sermão pelo sr. Agostinho Ferreira Arbiol.

Hoje, ás 10 horas, far-se-á romagem ás sepulturas de alguns pioneiros da Igreja Lusitana. A's 16 horas, sessão de trabalhos, e ás 21 horas, sessão plenária.

Amanhã de manhã os congressistas visitarão Sintra e Cascais. A's 15 e ás 17 horas realizam-se sessões de trabalhos, a primeira das quais para senhoras. A's 21 horas, sessão plenária.

A sessão de encerramento efectua-se no domingo, ás 16 horas, com cerimonia de culto, sermão pelo sr. Ferreira Flandor e leitura das conclusões do Congresso.

A Igreja Lusitana

inaugurou ontem o seu primeiro congresso

Iniciou ontem, á tarde, os seus trabalhos o I Congresso da Igreja Lusitana, em que participam evangelistas de todo o País. A sessão inaugural presidiu o rev. A. Ferreira Flandor, que saudou os congressistas em nome do sr. Frederico Flower, presidente do Sinodo, impossibilitado de comparecer, devido á sua avançada idade.

No decurso dos trabalhos usaram da palavra os revs. Eduardo Moreira, presidente da Aliança Evangelica Portuguesa, Abel H. Santos e Santos Silva. Foi aprovado o envio de telegramas aos srs. Presidentes da Republica e do Conselho e ainda ao presidente do Sinodo e guardado um minuto de oração pelo exito da viagem do sr. general Carmoza. A seguir, efectuou-se a abertura duma exposição fotografica relativa á propaganda evangelica, cerimonia em que usou da palavra o rev. Josué de Sousa. Também ali se vêem enxovais confeccionados pelas crianças das escolas dominicais.

Á noite, realizou-se a segunda sessão do Congresso. Hoje, ás 10 horas, haverá uma romagem ás sepulturas de alguns pioneiros da Igreja Lusitana.

Congresso da Igreja Lusitana

Prosseguiram os trabalhos do I Congresso da Igreja Lusitana. Houve romagem aos cemiterios dos Prazeres, Ajuda e Britanico, onde repousam alguns elementos que se dedicaram á evangelização. Usaram da palavra os srs. Pereira Martins e Bonaparte.

A's 16 horas, sob a presidencia do sr. J. F. de Sousa, foram abertos os trabalhos no antigo Convento dos Marianos, tendo usado da palavra varios congressistas.

A's 21 horas, realizou-se, na Associação dos Empregados do Comercio e Industria uma sessão, presidindo o sr. Pereira de Araujo. Foi feita uma comunicação pelo rev. Belarmino Vieira Barata sobre os «Vultos e factos notaveis da Igreja Lusitana», seguindo-se oração e benção pelo sr. Ferreira Flandor.

Ontem realizou-se uma excursão a Sintra e Cascais, continuando á noite os trabalhos do Congresso. Amanhã, ás 16 horas, na igreja de S. Paulo, dos Marianos, encerra-se o Congresso.

O I Congresso Evangelico

Na igreja de S. Paulo, prosseguiu ontem o I Congresso da Igreja Lusitana, com uma sessão, á tarde, para senhoras, em que presidiu a sr. D. Lavinia Augusta de Figueiredo. Seguiu-se uma reunião para homens, dirigida pelo rev. Belarmino Vieira Barata. Á noite, houve sessão plenária, presidida pelo rev. Ferreira Flandor.

De manhã, os congressistas visitarão Sintra e Cascais. Hoje, realiza-se a sessão de encerramento.

I Congresso Evangelico

Encerrou-se ontem o I Congresso da Igreja Lusitana, em cuja ultima sessão intervieram os revs. Pinto Ribeiro, Ferreira Flandor e Ferreira de Sousa.

COLÉGIO EVANGÉLICO LUSITANO

RUA DAS JANELAS VERDES

(extincto Convento dos Marianos)

SABADO 8 E SEGUNDA-FEIRA 10 DE FEVEREIRO DE 1930

ÁS 21 HORAS

— Festa de homenagem á
Escola, promovida por uma comissão
de antigos alunos e amigos, que a
isso se prestaram.

Igreja Evangélica Lusitana
de S. Paulo



As sete últimas palavras de Cristo

Pequena cantata

por

Arthur G. Colborn

Eu sei que o meu Redentor vive

Solo de

Händel

ALELUIA

Antifona com os Aleluias de Händel

por

Caleb Simper

Pelo coro desta Igreja sob a direcção do

DR. LEOPOLDO DE FIGUEIREDO

com hinos para serem acompanhados pela congregação

11 de Abril de 1936

pelas 21,30

Extinto Convento dos Marianos
RUA DAS JANELAS VERDES

IGREJA EVANGÉLICA

DE

Vila Franca de Xira

CULTO DE MEDITAÇÃO

PARTE CORAL POR UM GRUPO DO

ORFEÃO EVANGÉLICO LUSITANO

DE LISBOA

Solos por D. Violeta Hall de Figueiredo

Ao órgão, Dr. Leopoldo de Figueiredo

5.^a-FEIRA, 13 DE MAIO DE 1937

A'S 20^h,45

«VINDE | Cantemos ao Senhor!» (Salmo 95:1)

«VAMOS à Casa do Senhor!» (Salmo 122:1)

Igreja Evangélica Lusitana
de S. Paulo



NARRATIVA MUSICADA

— DA —

PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO
DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

—————
Cânticos de louvores e hinos para serem acompanhados pela congregação
—————

Pelo côro desta Igreja sob a direcção do
DR. LEOPOLDO DE FIGUEIREDO

—————
27 de Março de 1937
pelas 21 horas
—————

Extinto Convento dos Marianos
Rua das Janelas Verdes

Igreja Lusitana Evangélica
de S. Paulo



NARRATIVA MUSICADA

— DA —

CRUCIFICAÇÃO

— DE —

NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

—————
Cânticos de louvores e hinos para serem acompanhados pela congregação
—————

Pelo côro desta Igreja sob a direcção do
DR. LEOPOLDO DE FIGUEIREDO

—————
16 de Abril de 1938
pelas 21 horas
—————

(Extinto Convento dos Marianos)
Rua das Janelas Verdes



FORMA LITÚRGICA

para um

Serviço Especial
de
Oração pela Paz no Mundo



IGREJA LUSITANA EVANGÉLICA DE S. PAULO
RUA DAS JANELAS VERDES
LISBOA

31 de Dezembro 1939

Recital de Solos, Hinos e Antífonas

Pelo Côro da Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo

Com elementos dos coros das Igrejas Lusitanas de Jesus e de S. Pedro

Sábado, 8 de Abril de 1939

Adeste Fideles	Hino	<i>El-Rei D. João IV</i>
Num Jardim	Solo	<i>Eurico de Figueiredo</i>
Amor que vence	Hino	<i>A. L. Feace</i>
Largo	Solo	<i>Handel</i>
Devoção	Orgão e violino	<i>A. G. Colborn</i>
Justo és, Senhor!	Antifona	<i>Lowell Mason</i>
O Martírio de Jesus	Hino	<i>A. G. Colborn</i>
Cruz Fidelis	Antifona	<i>El-Rei D. João IV</i>
Redempção	Hino	<i>Rev. E. Wishaw</i>
Träumerei	Orgão e violino	<i>Shumann</i>
Senhor, nós Te louvamos!	Antifona	<i>Palestrina</i>
Soliloquio	Solo	<i>A. G. Colborn</i>
Cabeça Ensangüentada	Hino	<i>Hans Leo. Hassler</i>
Eu sei que o meu Redentor vive!	Solo	<i>Handel</i>
Meditação	Orgão e violino	<i>J. S. Bach</i>
Cristo vive!	Antifona	<i>J. G. Rocha</i>
Aleluia!	Antifona	<i>Leopoldo de Figueiredo</i>

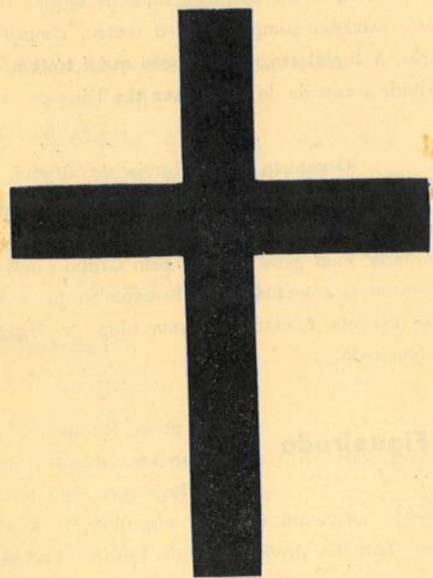
Côro sob a Direcção do Ex.^{mo} Sr. Dr. *Leopoldo de Figueiredo*
Solistas: Ex.^{mas} Sr.^{as} *D. Josabeth Matta* e *D. Violet de Figueiredo*
Solos de Violino pelo Ex.^{mo} Sr. *Bertini Feveiro*
Ao Orgão: Ex.^{ma} Sr.^a *D. Georgina de Carvalho Ribas*

Concêrto de Música Sacra

na

Igreja Lusitana Evangélica "de S. Paulo"

Lisboa



:: 1942 ::
Sábado-Santo
4 de Abril
às 21,30 horas

Recital de Solos, Hinos e Antífonas

— Pelo Cêro da —

Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo

com elementos dos coros das Igrejas Lusitanas de Jesus e de S. Pedro

Sábado, 8 de Abril de 1939.

pelas 21 horas

BILHETE DE CONVITE

CONCERT OF SACRED MUSIC

AT

ST. GEORGE'S CHURCH

LISBON



On Friday
19th June, 1942
at 9,30. p. m.

Concêrto de Música Sacra

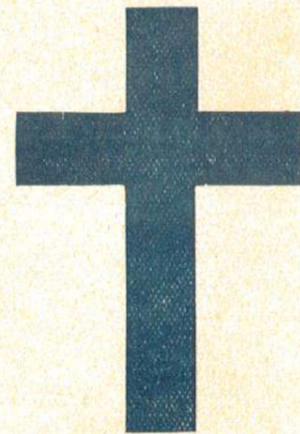
na
Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo
LISBOA



1943
Sábado - Santo
24 de Abril
às 21,30 horas

Concêrto de Música Sacra

na
Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo
LISBOA



1944
Sábado - Santo
8 de Abril
às 21,30 horas

Concerto de Música Sacra
na
Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo
LISBOA



Sábado Santo
5 de Abril, 1947
às 21.30 horas

Concerto de Música Sacra
na
Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo
LISBOA



1948
Sábado - Santo
27 de Março
às 21.30 horas

Programa

6. Dois Cânticos de Natal do Povo Português:

- a. "Andorinha Gloriosa" (Melodia e letra arcaica)
- b. "Natal" (Recolhida em Envendos)
Coro

7. "Belém" (Ch. Gounod)

"O Primeiro Natal" (Melodia Inglesa antiga)
Solos de Soprano

8. "Boa Vontade para com os Homens" (Leopoldo de Figueiredo)

Órgão

9. "Nunc Dimittis" (Leopoldo de Figueiredo)-1.ª audição Solo de Baixos

10. "Glória in Excelsis Deo!" - 1.ª audição (Leopoldo de Figueiredo) Coro

fará uma colecta de ofertas para as despesas do Grupo Coral

PRO MÚSICA SACRA

CÍRCULO DE ESTUDOS DE MÚSICA SACRA

Convidamos V. Ex.^ª a assistir à série de conferências que sob o título «A MÚSICA SACRA ATRAVÉS DOS TEMPOS», o Ex.^{mo} Snr. António Ribeiro da Silva e Sousa (SIDÓNIO MIGUEL) realiza no salão de conferências da Igreja Lusitana de S. Paulo, pelas 21,30.

I — Monodia Gregoriana — 8 de Março.

II — Polifonia Medieval — 22 de Março.

III — Monodia Acompanhada do Renascimento — 5 de Abril.

Rua das Janelas Verdes, 2 — Extinto Convento dos Marianos — LISBOA

Concerto de Música Sacra

na

Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo

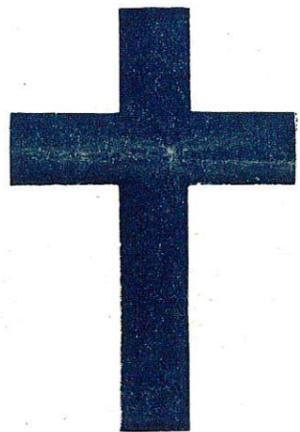
R. das Janelas Verdes, 2 (aos Marianos) — Lisboa

Sábado Santo

16 de Abril de 1949
às 21,30 h.

Convite

Concerto de Música Sacra
na
Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo
LISBOA



1949
Sábado-Santo
16 de Abril
às 21.30 horas



Semana Santa e Páscoa
Igreja Lusitana Evangélica
de S. Paulo
Rua das Janelas Verdes — "Marianos"
LISBOA
1949

AÇÃO DE RENOVAÇÃO CRISTÃ
CONVENTO DOS MARIANOS
R. das Janelas Verdes, 2
LISBOA

30/4/49

A Direcção da "A. R. C." tem a honra de convidar V. Ex.^a e sua Ex.^{ma} família a assistirem à Reunião Inaugural das actividades da "A. R. C.", que se realiza na próxima 5.^a feira, 5 de Maio, pelas 21 horas, na qual usarão da palavra os consagrados oradores Ex.^{mos} Srs.:

REV. DR. LUIZ PEREIRA
Sobre o tema «Cânticos da Vida»

REV. EDUARDO MOREIRA
Sobre o tema «Harmonias Celestiais»

O apreciado Grupo Coral "Pro Musica Sacra" far-se-á ouvir em selectos números do seu repertório, sob a direcção do seu fundador e director-artístico, Dr. Leopoldo de Figueiredo.

Esta Reunião Espiritual terá lugar na Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo, Rua das Janelas Verdes, 2 (aos Marianos) Lisboa.

AGRUPAMENTO JUVENIL DA IGREJA LUSITANA

RUA DAS JANELAS VERDES (Aos Marianos)

LISBOA

A Direcção tem a honra de convidar o Estimado Consócio e sua Ex.^{ma} Família a assistirem a uma Sessão de Cinema Educativo que se realiza no dia 29 do corrente às 21,30 horas.

O Instituto Britânico em Portugal obsequiosamente honra esta sessão com alguns dos seus filmes culturais, que serão exibidos com a gentilissima cooperação da Firma «Pathé Baby, Lda.», mediante o seu projector sonoro de 16 mm.

A DIRECÇÃO

A DIRECÇÃO agradece que, à entrada, seja oferecido um donativo para as despesas do grupo Coral.

“Pró Música Sacra”

Realizando-se na próxima 5.^a feira na Igreja Lusitana de S. Paulo, Rua das Janelas Verdes, 2, pelas 21.30 uma sessão magna de Acção e Renovação Cristã em que o Grupo Coral do Esforço Cristão fará um pequeno concerto de música sacra com números de seu repertório, convidamos V. Ex.^{as} a assistir a esta reunião.

A Comissão

Vila Nova de Gaia, Abril de 1949

Senhor e Correligionário:

periódico ECCLESIA está lançado. Tem um número crescente, ainda que não e assinantes e um distinto, ainda que reduzido, grupo de «Amigos de Ecclesia», antes a publicação e desejariam vê-la desenvolvida e prestigiada, com soma superior à da simples assinatura.

Os dois lados nos têm chegado palavras de incitamento; e sabemos com alegria que temos constituído incitamento para resoluções pessoais e empresas colectivas: alto nacionalismo, pelo facto de serem nascidas do mais acendrado espírito

que se queixam do diminuto número de páginas e dos longos intervalos a que se dá pela regularidade de publicação. Quatro números por ano, totalizando a apregoar o Cristianismo nacional e o Catolicismo primitivo, o regresso à política e à política do Reino dos Céus, como o Divino Mestre a preconizou, é pouco!

Por isso, resolvemos apelar para os 60.000 Portugueses que, no último censo, de

Assinatura do assinante (o) _____
A assinatura deve ser feita em letra legível e com o nome completo.

Local da residência _____
Membro da igreja _____
Morada _____
Nome _____

BOLETIM DE (o) _____ Esc. _____

OFFICIO OFFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATHOLICA EVANGELICA
ECCLESIA N.º _____

Lisboa, 16 de Maio de 1949

Prezado Membro do Grupo Coral :

Como é já do seu conhecimento vai o nosso Grupo Coral cantar a Setúbal no dia 26 de Junho, próximo futuro, e sabemos que é desnecessário encarecer perante o estimado consócio a alta importância deste empreendimento: trata-se dum serviço a prestar ao trabalho da Igreja local, cujos membros, sem dúvida alguma, não-de receber com alvoroço e alegria esta visita de carácter especial.

Mas a Direcção do Grupo Coral, medindo as suas responsabilidades, deseja que esta visita constitua, perante o meio profano, um elemento de honra para o meio evangélico lusitano e nunca um motivo de desprestígio.

Por esta razão, vimos solicitar do querido colaborador, que há tanto tempo nos tem dado a sua valiosa cooperação, que nos informe se para este empreendimento poderemos contar com a sua decidida colaboração nos ensaios especiais que durante o resto deste mês e no próximo se farão, com o horário habitual, isto é às 21 horas de cada 4ª feira e sáb

Na certeza de que a iniciativa vai merecer a sua mais franca adesão, embora com sacrifício, que muito bem avaliamos, pedimos ainda o obséquio de nos indicar os nomes de outras pessoas que pelas suas possibilidades de cantar como também pela sua dedicação ao serviço da sua fé, queiram auxiliar-nos nesta obra em que, acima de tudo, pretendemos honrar o nome de Cristo.

Pela Direcção da ARC.

O Presidente

EDUARDO MOREIRA

MUSICA

GRUPO CORAL «ESFORÇO CRISTÃO»
— Na Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo, às Janelas Verdes, realizou ontem, com numerosa assistência, um recital de hinos e antifonas o Grupo Coral «Esforço Cristão» (A. R. C.) dirigido pelo dr. Leopoldo de Figueiredo. O grupo, composto de 45 figuras de ambos os sexos, cantou, com acertado equilíbrio e cuidada emissão vocal, diversos trechos de sentido religioso, podendo citar-se como exemplo de correcção «Adeste Fidelis», de D. João IV; «Gloria a Cristo», de Ph. Em. Bach; «Caput Cricentatum», de J. S. Bach, e «Jesu Dulcis Memoria» e «Aleluia», do director do grupo coral. Estas iniciativas de coros populares, embora limitados a actos religiosos ou de culto, merecem todo o amparo, pois representam louvável esforço de cultura, de que não podem prescindir os espiritos bem formados, como já temos escrito de outras vezes.
O programa foi completado com solos de órgão em que se ouviu Haendel, Beethoven e Cesar Frank. — A. J. P.

IGREJA LUSITANA EVANGÉLICA DE S. PAULO

Realiza-se hoje, às 21 e 30, na Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo, um recital de hinos e antifonas, com composições de Booth, Sullivan, Bach, Wishaw, Beethoven, Mason, Peace e Leopoldo de Figueiredo.

Diário Popular
24/VI/49

RECITAL DE HINOS E ANTIFONAS
— Organizado pela Acção de Renovação Cristã, realiza-se, amanhã, às 21 e 30, na Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo, um recital de hinos e antifonas. Haverá solos de órgãos e coral, sob a regência do sr. dr. Leopoldo de Figueiredo.

Sexta 23/VI/49

Recital de hinos e antifonas
Amanhã, às 21 e 30, a Acção de Renovação Cristã leva a efeito, na Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo, na Rua das Janelas Verdes, 2, um recital de hinos e antifonas, pelo Grupo Coral «Esforço cristão», sob a regência do dr. Leopoldo de Figueiredo.

Diário de Lisboa
23/VI/49

ACÇÃO DE RENOVAÇÃO CRISTÃ
Rua das Janelas Verdes, 2 — LISBOA

Recital de Hinos e Antifonas
na
Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo



1949
Sexta-feira
24 de Junho
às 21.30 horas

SERVIÇO DIVINO

com um

Recital de Hinos Sacros

PELO GRUPO CORAL DA A. R. C.

na

Igreja Lusitana Evangelica do Espirito Santo

Domingo

26 de Junho de 1949

às 18 horas

Convite

Grupo Coral
ACÇÃO DA RENOVAÇÃO CRISTÃ

Rua das Janelas Verdes
LISBOA

"EXCURSÃO DO GRUPO CORAL DA ARC

A SETÚBAL"

RECITAL DE HINOS SACROS

Amanhã, domingo, pelas 18 horas, na igreja Evangélica do «Espírito Santo», no Bairro Salgado, haverá um recital de música Sacra. Vem o coro de Lisboa, dirigido pelo ilustre médico Dr. Leopoldo Figueiredo, grande musico. Antes do recital haverá um pequeno serviço religioso em que pregará o Rev. Padre Eduardo Moreira, ilustre escritor lizo. Estamos certos que os habitantes de Setúbal, terra de Luiza Todt, irão ouvir este sermão de bela música que, é como todos sabem, um fulcro da Reforma. Tanto, que Damião de Goes, nativo de Alcochete e que foi nosso ministro em Worms, depois da sua chegada, era com belos cantares que atraía assistentes. A entrada é franca, apesar de haver convites.

Um lindo Recital

A Igreja Lusitana Evangélica do Espírito Santo, situada no Bairro Salgado, levou ontem a efeito um Serviço Divino com um Recital de Hinos Sacros para o que se deslocaram a Setúbal em três auto-carros da Capital, os membros da Igreja Lusitana de S. Paulo, de Lisboa.

A Igreja encheu-se por completo tendo o programa sido rigorosamente observado, para o que muito concorreu o Grupo Coral Esforço Cristão da «Acção de Renovação Cristã», sob a regência do sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo.

O serviço litúrgico foi conduzido pelos Pastores J. Pereira Martins e A. Pinto Ribeiro, tendo a prática sido pronunciada pelo Rev.º Eduardo Moreira.

Depois, seguiu-se o recital tendo sido cantados pelo magnifico coral que em Setúbal se apresentou: Hino (Oração da Pátria), Hino (Eis o estandarte), Hino (amor que vence), Hino (pendurado no madeiro).

Hinos: (Renovação das forças), «Justus Dominus», «Glória a Cristo», «Capsul Cruentatum», «Jesu Dulcis memória», «Saude» e Aleluia.

Por último e ao ofertório foi dada a Benção Apostólica.

Referimo nos, com inteiro elogio ao Grupo Coral que tão sábia e artisticamente se portou na festa evangélica de ontem, não sabendo que mais admirar, se o harmonioso conjunto, se a excellencia das vozes ou ainda a magnifica direcção do Dr. Leopoldo de Figueiredo, um artista na arte da junção de sons, escolha de naves e obediência atenta

Portugal Wm
N.º 390 - Abril 1948



Concerto de Música Sacra (Critica)

No nosso número anterior, pela pena do ilustre amigo Sr. A. C. N., definimos consideravelmente «Crítica»; mostrámos para que ela serve e qual é o seu objectivo. Claro, muito mais poderia ter sido dito, e muito se dirá ainda. A Crítica, é das artes que, no campo das ideias, tem maiores horisontes. Evidentemente que há Crítica e há críticos! A Crítica por ser uma arte, serve às ideias e às artes; orienta-as, impulsiona-as e acompanha-as. Certa qualidade de críticos, porém, não chega a ser útil à Crítica; outros então degradam-na com a sua pretenciosa facção, com o seu individualismo mórbido, com a sua «maneira de ver» limitada. Estes críticos em vez de alargarem, restringem; em vez de cultivarem, destroem. São eles o génio mau da Crítica, e foi por sua causa que esta arte se tornou tão temida. Estes criticastros censuram em vez de criticarem; e «a censura é o imposto da inveja sobre o mérito» afirmou-o Stern.

Ao crítico é necessária uma sensibilidade artística, que, em vez de o apaixonar arrastando-o nos preconceitos do seu egoísmo, o deve elevar às alturas da inteligência larga de horisontes, da razão límpida de facciosismos.

Traçada a nossa posição, queremos continuar erectos neste nobre exercício de cultivar.

O «CONCERTO DE MÚSICA SACRA» realizado na Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo, em Lisboa, no dia 27 de Março, mereceu o nosso cuidado crítico. Não fomos convidados para a crítica, mas entendemos por bem ocupar-nos voluntariamente do assunto. E dizemos até, que já outros o deveriam ter feito convenientemente nos anos anteriores.

O meio evangélico tem no Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo um artista; — talvez um artista de «melhor compôr» do que «executar»; mas indubitavelmente um artista. Há muito pois que se devia ter cuidado da sua apresentação mais do que o tem

pretativa, crescendos pouco vigorosos, pausas não observadas por muitos dos executantes, e sobretudo estradas que nunca foram feitas a «us tempo».

Destacamos ainda assim de m. lhor efeito: «Ave Verum» de Moza na segunda execução; «Largo» de Handel; «Calvário» de A. Wishow «O Verbo se Fez carne» e «Aleluia», da sua autoria. Foi pena não ser cantada mais do que uma estrofe (das que temos nos nossos hinários) da «Comunhão» de Beeth ven, pois era muito provável que pudesse sortir um efeito que assim não tivemos tempo de apreciar. O «Justo Dominus», de Lowell Mason (e até a «Comunhão») foi cantado a compasso acelerado de mais; e como também não foi repetido, deu a impressão de que se estava a «despachar»...

Do «conjunto» destacamos o naipe dos «baixos», indubitavelmente o melhor. O dos sopranos, bom nalguns pontos; porém notamos que uma voz sobressaia acima de todas as outras, mostrando claramente que estava ali para «aguentar o papel», — passe a giria... O dos tenores, pouco seguro, mas ainda assim razoável nas peças que destacamos. O dos contraltos, deficientíssimo quase sempre.

Não concordamos que «O Meu Redentor Vive» fosse mais uma vez cantado a solo pela Ex.ª S.ª D. Viollet Hall de Figueiredo. Esta Senhora já não está à altura da sua interpretação. A sublimidade da frase e do estilo musical perdem-se na incerteza e insegurança da sua voz já cansada. Que o Sr. Dr. Leopoldo considere com apurmo esta verdade, e nos desculpe a franqueza, que outro fim não tem do que levá-lo a corrigir-se na escolha futura.

O Violinista prof. Bertini Fereiro, muito bem, no «Adágio» de Corelli e na «Aria» de Handl-Ysaye; e pena foi não o ouvirmos também na «Aria» de Pergolesi, que figurava no Programa e não foi executada.

A Sr.ª D. Celia de Carvalho, bem, nos acompanhamentos ao órgão. Nos solos, quiz-nos parecer pouco segura na técnica daquelle instru-

músicas no "Alimento Espiritual"; não para vaidade do homem, mas para estímulo do artista. E' que o Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo, só de ano a ano, de sábado de Aleluia a sábado de Aleluia, nos vem mostrar do que seria capaz. Daí a razão de vermos nele o artista que compõe, e o "regente" que executa, quando afinal podíamos vê-lo "artista" nos dois aspectos: o da composição e o da execução.

No CONCERTO que levou a efeito no último Sábado-Santo, com o "Grupo Coral ESFORÇO CRISTÃO", mais uma vez vislumbrámos o que ele poderia ser capaz de fazer, se o animasse uma maior dedicação e aplicação à arte de que é, actualmente, o número um na escala dos compositores evangélicos.

Não nos agradou plenamente este concerto. Se houve momentos deliciosos, houve maiores deficiências a assinalar: — pouca expressão inter-

mos que ela deve ser melhor pianista do que organista, a julgar pelas deficiências que observámos, especialmente na "Tocata em ré menor" de Frei Jacinto.

Enfim, "a liberdade de criticar consagra um direito incontestável; e quem pela sua delicadeza doentia, não pode ou não quer ser criticado, — não publica livros", escreveu o Dr. Julio Dantas; e a este respeito nós acrescentamos: não se arrisca a empresas sem a devida aplicação e tempo necessários.

Pedimos por isso ao Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo, mais amplo exercício, e estamos certos do seu triunfo e consagração. Esperamos que estas palavras lhe tenham feito algum bem. "Há críticas e mesmo censuras, que honram mais do que elogios", disse C. Perier.

J. J. Marques da Silva

À Juventude

das Igrejas Lusitanas do Sul

Realizando-se em 29, 30 e 31 de Outubro e 1 de Novembro do corrente ano o II Congresso da Igreja Lusitana, a Direcção do coro da Igreja de S. Paulo, (Grupo Pró-Música Sacra) convida todos os jovens que frequentam as Igrejas do Sul a tomarem parte no grande coro que cantará nos serviços divinos do Congresso, o qual será formado não só pelos elementos que irão do Sul, como pelos diferentes coros das Igrejas do Norte...

Pede-se a todos aqueles que se sentem entusiasmados com esta iniciativa preparem, desde já, as suas cadernetas-mealheiros.

É uma oportunidade que alia, ao prazer artístico excepcional, o privilégio de fazer parte dum grande movimento de força cristã evangélica e o benefício duma agradável excursão em condições verdadeiramente únicas que não cedo não se repetem.

na vanguarda cultural

DECORRIDOS quatrocentos e cinquenta anos após a sua fundação e quando passa meio milénio, no ano próximo, sobre o nascimento do seu fundador, Inácio de Loyola, a Companhia de Jesus apresenta-se, hoje, cheia de vitalidade e na vanguarda das organizações mais dinâmicas da Igreja Católica.

E, no entanto, a sua existência, ao longo destes quase cinco séculos, foi singularmente agitada. A sua influência, o seu poder, e a capacidade militante dos seus membros se é certo que se colocaram em evidência, em várias épocas, na sociedade europeia, também lhe criaram, por outro lado, profundos desdobres, várias perseguições e a reputação de ambígua subreptícia que levou a palavra «jejeita» a adjectivar situações menos claras.

Com a Companhia de Jesus aconteceu o mesmo que com a Igreja, quando esta se deixou conduzir pelo poder temporal, e consentiu situações sem fronteiras, em que não se distinguia o que terminava a preocupação de disseminar a fé e onde coexistiam as ambições de feitura política.

Foi necessária à Igreja uma longa experiência de erros, desilusões e perseguições, quando se instalou nos comandos da sociedade civil e apeteceu conquistar o Poder, para depois retornar à sua raiz evangélica, e reassumir, em plenitude, a pureza da mensagem cristã. Ficaram, no entanto, e no âmbito da Companhia de Jesus, as matrizes históricas que, hoje, são pretexto para um certo cabotinismo que nem por ser anacrónico deixa de ter, ainda, alguns militantes.

Nenhuma ordem religiosa se mantém como esta pelo prestígio cultural que sempre a rodeou. No fim do tempo em que foi fundada, um dos seus objectivos consistiu na formação das élites.

Daí, que em alguns momentos da História se encontrem jesuítas junto de reis, ou conduzindo Governos, ou influenciando directamente aqueles que detinham o Poder. E, entre nós, bastará apontar o padre António Vieira, que se movimentou tão à vontade entre os índios do Maranhão como na corte de D. João IV.

Diga-se, também, que do mesmo programa de acção da Companhia faz parte, desde o início, a preocupação pelos mais desamparados da sociedade, e que se afirma como uma constante da actividade dos jesuítas, e ainda hoje se evidencia, sobretudo nos países do Terceiro Mundo, com especial relevo das populações da América Latina. A defesa da dignidade dos desprotegidos ainda há pouco teve uma expressão de martírio na chacina de seis jesuítas, no ano passado, na Universidade de S. Salvador.

É necessário acrescentar que nos últimos vinte anos foram assassinados, por causa da sua

Com toda a movimentação que tem tido ao longo destes quase cinco séculos, e ao contemplar-se a sua intensa actividade, a Companhia de Jesus afirma-se como uma das presenças mais influentes na história da civilização e da cultura



Pacheco de Andrade

dedicação às populações pobres do Chade, do Brasil, do Zimbabwe, do Líbano, da Índia, da Colômbia e do Gana, trinta e seis membros da Companhia.

Presentemente, as actividades da Ordem concentram-se, de preferência, na formação dos socialmente mais desguarnekidos, através de um trabalho de evangelização que tem a fé como alicerce, encarnada esta em situações quotidianas marcadas pela ignorância, pela des-

protecção social, pelo espezinhamento de direitos humanos, pelo abuso impune dos mais fracos, pelas ofensas à dignidade individual. São situações, aquelas, em que as pessoas não se defendem, porque estão imobilizadas pelo medo e pela prepotência de quem não merece estar no Poder.

À semelhança da parábola do Evangelho, a Companhia de Jesus nasceu como o grão de mostarda e expandiu-se como ele. E numa época resplandecente da História que Inácio de Loyola se recolhe à gruta de Manresa, nas imediações de Monserate e a algumas dezenas de quilómetros de Barcelona, depois de pôr de lado os seus pergaminhos de fidalgo basco. Entrega-se, então, à inteira tarefa de «servir Nosso Senhor».

E a altura em que Leonardo da Vinci, Copérnico, Erasmo, Lutero e Thomas More brilham em plena Renascença, enquanto Cristóvão Colombo prepara as naus em que irá descobrir a América.

Inácio de Loyola desloca-se a Paris, e aí convence sete universitários da Sorbonne a fazerem com ele a experiência da pobreza para, assim, mais desanuviadamente anunciarem a mensagem do Evangelho. Ao morrer, em 1556, são mais de um milhar os membros da Ordem que fundou e, volvidos sessenta anos, este número já se

ampliou até treze mil, é o movimento maior da Contra-Reforma, e pode dizer-se que ele se afirma, nessa altura, como a mais forte expressão de vitalidade numa Igreja que acabava de ser abalada pela rebelião de Martinho Lutero.

A oração, o estudo, a obediência e o compromisso pessoal são os pólos que norteiam o primeiro grupo de Inácio de Loyola, e que constituem os pilares de toda a actividade dos futuros jesuítas. Daí, o facto de a Ordem não se ter desviado das normas que, desde o princípio, a orientam, não obstante alguns curtos-circuitos que têm interrompido, em determinados períodos, a regularidade deste comportamento.

Refira-se, ainda, que na linha da espiritualidade deixada por Inácio de Loyola, e que ainda hoje se mantém, estão presentes um certo optimismo, que tonaliza a forma de encarar o presente e o futuro quando surgem horas difíceis, e um sentido de abertura ao diálogo com os homens, qualquer que seja o espaço social em que estes se situem.

Para esta abertura contribuiu particularmente o penúltimo superior-geral da Ordem, o padre Arrupe, presente em Hiroxima quando ali explodiu a primeira bomba atómica, o qual acentuou como objectivo prioritário, hoje, da Companhia «o serviço da fé e a promoção da justiça». Esta tónica social marcará a acção dos padres jesuítas em algumas situações extremas, designadamente em zonas de conflitualidade social do Terceiro Mundo, antepondo ao que, em tempos, preponderara como «formação das élites» o mais necessário e concreto «serviço dos pobres».

Coroa de glória da Companhia de Jesus foi sempre a sua actividade cultural, a profundidade dos seus estudos e a reconhecida preparação dos seus membros para as tarefas do ensino ou para qualquer outra área de igual exigência. Mesmo

no nosso tempo, alguns grandes nomes pertencem à Companhia, avultando entre eles Terhard de Chardin, De Lubac, Valadier e o que foi, porventura, com Karl Barth, o maior teólogo deste século, Karl Rahner.

Dos colégios que a Ordem tem espalhados pelo mundo saíram homens como Hitchcock, De Gaulle, Liautey, e, ainda vivos, Jaruzelski e Fidel de Castro. Sublinhe-se que, só nos Estados Unidos, a Companhia de Jesus dispõe de cinquenta colégios e vinte e cinco universidades, estando também culturalmente presente em outros países que precisam de acelerar o seu desenvolvimento.

Sinal dos tempos há, entre os jesuítas, a mesma crise de vocações que se verifica em outros espaços da Igreja. Eles são, neste momento, o maior grupo missionário, repartido por todos os continentes, estando quase dez mil na Europa, mil e cem no continente africano, quatro mil e oitocentos na Ásia e três mil e quinhentos na América do Sul, onde as carências sociais, marcadas por uma extrema pobreza, fizeram nascer a teologia da libertação.

Olhando para toda a movimentação que tem tido ao longo destes últimos quase cinco séculos, e ao contemplar-se a sua intensa actividade, a Companhia de Jesus afirma-se como uma das presenças mais influentes na história da civilização e da cultura.

Os erros do passado não anulam o seu enorme contributo cultural nem diminuem o caudal de prestígio que conquistou por direito e esforço próprios. Os erros foram sendo pagos, ao longo do tempo, com perseguições e a expulsão, setenta e quatro vezes repetida, de vários países.

O seu contributo para uma sociedade mais esclarecida e mais justa, esse é demasiado evidente para que, ao fim de quatrocentos e cinquenta anos de história, que hoje se completam, alguém possa silenciá-lo.



Alegoria à expulsão da Companhia de Jesus, por acção de Pombal junto de D. José

PALAVRA
entre
palavras



Quarto domingo do tempo comum «Ele não falava como os fariseus.»
Citação de Marcos, capítulo primeiro

Padre António Rego

Com pele de cordeiro

DE longe vem a luta entre o espírito e a letra, a tradição e as tradições, o dinamismo e a paralisia histórica, a evolução e o fundamentalismo. De longe vem, ganhando contornos dentro de cada tempo e cultura. Quem um dia descobriu um tesouro e depressa o foi esconder com medo de extraviar esqueceu-se que um tesouro escondido já não é tesouro. Tudo o que desce à terra é para ser reconvertido em vida e não para ser resguardado. Porque a terra e o tempo nada resguardam.

Se se trata do homem, tudo o que reduz à defesa da herança, ao hermetismo da doutrina, ao castelo do medo, apodrece e, pior, trai a razão da própria existência.

Sabemos que há interpretação estática da Bíblia. Mesmo no Novo Testamento, está subjacente o pavor da evolução, o pânico do progresso e a recusa do Espírito. O mesmo se pode dizer do Alcorão. Tiradas à pinça, as frases sagradas, fora do contexto e do seu objectivo de incursão no tempo legitimam as maiores aberrações e abençoam as atrocidades mais repelentes. Reduzir Deus a um dogma rígido e negar-lhe a encarnação, a sua presença no tempo e o significado da passagem irrepitível da História. É como se Deus nos desse meios de locomoção e nos exigisse uma constante inércia de movimento. O dogmatismo fanático é a paralisia da mente, a recusa da dignidade de cada tempo e do movimento perpétuo do Espírito.

Não precisamos entrar no mundo árabe para nos apercebermos da existência deste atentado ao evoluir do homem. Têm-nos chegado, é verdade, imagens vivas destes olhares estreitos e manipuladores da comunicação de Deus. Mas entre nós — há grupos cristãos «alguns católicos, embora mais benignos», que alimentam a mesma intransigência doutrinária pretendendo oferecer ao religioso as armas do político. Pequenos grupos, espécie de seitas, muito disfarçados de democráticos porque se não podem vestir de outra pele nos tempos que correm. São mais perigosos do que parecem. Apenas agora andam calados, mas estão por aí. É preciso que não nos deixemos iludir ao ançarmos para longe os misseis dos nossos anátemas.

O bispo da nossa dignidade

O Tarasqueiro é o espírito de resistência, que mantém a dignidade da Igreja em face da sociedade portuguesa. Pelo contrário, saiu a terreiro em defesa dos pretensos e discutíveis direitos de Portugal, que foi uma forma de levar a água ao moinho da política dominante. Não defendeu o Trabalhador e Abel Varzim quando o regime silenciou o jornal. Em contrapartida, apoiou sempre esse nado-morto, tristemente intitulado de «diário católico» que foram as Novidades, conhecido pelo seu alinhamento com as posições do regime. E de tal modo assim foi que era dos poucos quotidianos eximidos à joieira da censura oficial. Os seus altos responsáveis lá estavam para interpretar os sentimentos e a vontade do ditador e dos corifeus do situacionismo. Não admira, assim, que a má consciência — e, porventura, justos temores — de dirigentes eclesíasticos haja determinado a suspensão do jornal na manhã histórica do 25 de Abril.

(Continuado da pág. anterior)

uma forma clara, corajosa e ineludível. Como se um bispo pudesse recusar a política quando esta esmaga o que é essencial à vivência do homem em sociedade.

Expressão de comprometimento

Que motivos terão estado na base da atitude e do abstencionismo do cardeal Cerejeira, que efectivamente comprometeu as esperadas posições da Conferência Episcopal? A amizade que o ligava ao ditador? O receio das imprevisíveis consequências políticas de um posicionamento inequívoco da Igreja? Ou simplesmente o seu carácter frágil perante o temperamento forte e impositivo do autocrata? Por mim inclino-me para esta hipótese. O antigo patriarca foi, efectivamente, o cantar de barro que nunca soube enfrentar o pote de ferro.

É neste ambiente que surge a personalidade esclarecida, forte e denodada de D. António Ferreira Gomes e o calvário do exílio de dez anos que soube suportar com a maior perseverança. Calvário em que para ele terá pesado especialmente a vertente incompreensível, inexplicável e chocante da falta de solidariedade dos seus irmãos no Episcopado.

Como leigo comprometido na organização da Igreja coube-me a honra de privar com D. António Ferreira Gomes. Estive com o prelado português semanas antes de partir para o desterro, no Palácio da Torre da Marca, já a casa episcopal se encontrava envolvida por sujeitos da PIDE e os telefones da mesma estavam sob rigoroso controlo; visitei-o depois no

exílio e estive com ele em Fátima, antes do regresso à diocese. Depois disso distinguiu-me com diversos contactos e longas conversas. Nele me impressionou sempre a vasta cultura, o discernimento, a serenidade feita de lucidez e coragem. Jamais esquecerá a pena que atribuiu ao facto da Igreja, por falta de capacidade, ir perdendo o que D. António chamava «alguns dos seus melhores». E, entre eles, muitos dos que no passado se bateram em nome de princípios e valores de que a Igreja é depositária e de que devia ser intrépida defensora.

No quadro de um silêncio estranho e cúmplice, ante um comportamento que o povo mais esclarecido entendeu sempre como uma expressão de comprometimento da Igreja com o Estado Novo, D. António Ferreira Gomes surgiu como o bispo da nossa dignidade, como o homem cujo gesto bastou para nos redimir de um falso alheamento, de uma ilusória distração, de uma compungente falta de coerência e de coragem.

PS — Não posso esconder a minha decepção e o meu choque pela forma como decorreu o funeral de D. António. A sua figura e o seu papel na história deste país justificavam que se tivesse organizado um cortejo, a pé, entre a Sé e o cemitério da Lapa. Se tal tivesse sido feito e anunciado com tempo, teriam sido muitos os milhares de católicos e de não crentes que teriam acompanhado os restos mortais do grande bispo. Meteu-me pena e feriu-me ver magotes a esgueirarem-se por ruas diversas, sem orientação nem regra. E a chegar, espavoridos, à Lapa constatando que, afinal, a cerimónia já havia acabado...

Diário de Notícias

FUNDADO EM 1864

O ultimato de Bush

CAUSOU profunda estranheza em todo o mundo a aceitação pelo Iraque do plano de paz soviético para o Golfo depois do discurso de Saddam Hussein, proferido no mesmo dia em que se encontraram em Moscovo o ministro dos Negócios Estrangeiros iraquiano e Mikhail Gorbachev. Na verdade, enquanto o Presidente Saddam falava em prosseguir com a guerra, Tareq Aziz preparava-se para o encontro com Gorbachev, a quem iria responder afirmativamente, depois de estudada por Bagdad a proposta soviética. Foi, pode dizer-se, uma reviravolta no curto espaço de algumas horas, e que deixou perturbadas as chancelarias do Ocidente.

Desde já, e perante a dificuldade de interpretar esta aparente contradição dos dois políticos, levantaram-se algumas dúvidas sobre se no Governo iraquiano não se estariam a verificar dissensões profundas a propósito do actual conflito.

Seja como for, há que registar o efeito surpresa com que foi atingido o Ocidente, designadamente os Estados Unidos, com a aceitação por parte do Iraque do plano Gorbachev.

Confrontando o que está a passar-se neste momento com o que tem sido o comportamento do Presidente iraquiano, que se tem revelado um político extremamente habilidoso e que não se detém perante quaisquer escrúpulos, há que reconhecer que a liderança dos acontecimentos esteve muito nas mãos de Saddam Hussein. *Quem não tem vergonha costuma ser muito*

Com algumas das suas atitudes inesperadas, o Presidente do Iraque tem embarcado a coligação multinacional, procurando dividi-la para, assim, a enfraquecer. E nesta linha se inserem as declarações contraditórias que Bagdad continua a fazer, e segundo as quais, ao mesmo tempo que afirma que o Iraque «acredita profundamente na paz», através da imprensa oficial sustenta que o Iraque «está determinado a prosseguir com a luta até à vitória final».

Por tudo isto, compreendem-se as reacções cautelosas dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha perante o plano de paz da União Soviética. Registe-se a posição de desconforto de George Bush, ao ser informado pelo seu homólogo do Kremlin de, que Saddam Hussein aceitou retirar do Kuwait, sem quaisquer condições.

Para os norte-americanos não é agradável esta relação bilateral entre Moscovo e Bagdad, uma vez que a mensagem de Gorbachev a quererem dirigida à ONU e à força multinacional, e não como iniciativa isolada e, no parecer de Washington, não integralmente consubstanciada com o que foi decidido pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Entretanto, perante as reservas norte-americanas em relação ao plano do Presidente soviético, Moscovo adiantou já que se tratava de um ponto de partida para negociações.

Continua, assim, uma porta aberta para um difícil diálogo, a fim de se encontrar uma solução, sendo de salientar o papel de reconhecida evidência que Gorbachev desempenha, neste momento, na crise do Médio Oriente, enquanto no plano interno ele continua a debater-se com enormes dificuldades, e a ser contestado na União Soviética.

Era já de esperar que a resposta do Presidente norte-americano fosse enérgica e não abrisse excepções quanto às exigências feitas pelas Nações Unidas a Saddam Hussein. Daí, que George Bush tenha dado, em jeito de ultimato, um prazo curto para que as forças do Iraque retirem do Kuwait, exigindo que o Chefe de Estado iraquiano aceite publicamente as condições que lhe são impostas (temos que ouvir pública e oficialmente a sua aceitação destas condições).

A rejeição destas condições será penosa para o Iraque, uma vez que, segundo o Presidente norte-americano, «Saddam Hussein arrisca o seu povo a sujeitar-se a mais ataques, a não ser que o Governo iraquiano aceite completamente os termos desta declaração».

A paz é desejada por todos, mas não sob as mesmas condições. Para os Estados Unidos terá de ficar claro que o Iraque foi vencido e se rendeu, na previsão do irremediável. E isso mesmo ficou explicitado nas palavras do Presidente norte-americano, segundo as quais serão definidos mais tarde os critérios específicos que o Iraque terá de cumprir antes que a coligação ponha termo à guerra.

Uma questão de bom senso

A CONTROVÉRSIA em torno da transmissão, pela RTP, do filme de Nagisa Oshima O Império dos Sentidos não constituiu estranheza para muitos telespectadores. Obra ousada («atentado contra os bons costumes»), segundo uns, exigente («diz coisas muito sérias sobre a condição humana»), na opinião de outros, «um espanto», na leitura brejeira dos que têm do erotismo uma noção simplista.

Figuras religiosas, grupos que se pautam por valo-

Peca de Tchekov em Benavente



O Uiso, de Tchekov, é a peça que o grupo de teatro (secção da Sociedade Filarmónica Benaventense) vai estreiar no dia 17, às 21 e 30, no Centro Cultural de Benavente. A peça, com encenação de Alexandre Milano, conta com desempenhos de Ismenia Maria, António Joaquim Baptista e do próprio encenador.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS - 15 | III | 1990

This must interest you to see how much you are missing in Portugal! Tchekov, Benavente or Porto!

res nos antipodas deste processo criativo do realizador japonês e (como seria inevitável) cidadãos de perfil idêntico ao das «irmãs» de um conhecido romance de Camilo José Cela — reagiram com veemência, indo ao ponto de reclamar demissões. Protestos que tiveram eco junto do Executivo e levaram à solicitação de esclarecimentos.

É discutível o critério de passar o filme antes da meia-noite. Afigura-se ter existido uma lacuna em termos de bom senso, na medida em que uma película claramente para adultos deixou pais embaraçados, ao encontrarem filhos a seguir cenas exorbitantes para a sua idade. Pais colhidos de surpresa e, em numerosos casos, hesitando em desligar o televisor, por nada, ou quase nada, poderem já remediar. «A emenda seria pior que o soneto» — houve quem reconhecesse —, designadamente do ponto de vista psicológico. Claro que a transmissão foi precedida de um esclarecimento sobre o respectivo teor, mas nem sempre os adultos se encontram diante do pequeno ecrã. Por outro lado, na apresentação, a obra não ficou devidamente situada, e daí expectativas a privilegiar aspectos «picantes», esquecendo o todo, profundo, do enredo.

Este «défice de sensatez» desagradou a muitos, e deve considerar-se legítimo que alguns manifestem esse estado de espírito. Todavia, ao exigir-se o afastamento de profissionais e a proibição de filmes «contra a moral» (Oshima rejeita o superficial, o linear, «não vende gato por lebre»), parece estar-se a ir longe de mais. Numa sociedade de livre expressão, torna-se perigoso acenar para esses atalhos. Muscular a liberdade significa perdê-la. Porque se a prática da liberdade implica uma moral, uma ética — é inviável inscrever, no concreto, onde a liberdade começa e acaba. Poderá recordar-se o conceito segundo o qual «a minha liberdade termina onde se inicia a liberdade dos outros». Só que esta regra tem a marca da subjectividade — e transpô-la para os actos obriga a constante ponderação, a uma vontade profunda de servir a verdade. Verdade relativa, porque a absoluta de maneira nenhuma se encontra ao alcance dos homens.

Por conseguinte, incumbe apelar, em todas as circunstâncias, para o bom senso. Bom senso que não presidiu ao critério de programar O Império dos Sentidos para aquela hora, em vez de o canalizar para o chamado «fim da noite». Bom senso, ainda, que também não demonstraram quantos, ao criticarem pública e acerrimamente tal exibição, não resistiram à tentação de pressionar no sentido de uma espécie de «ajuste de contas» e de controlo, a partir do exterior, de matéria a difundir por um órgão de Comunicação Social.

A democracia é a consagração do direito a diferença, do respeito pela opinião dos outros, a negação do monolitismo. A moral de uns pode não ser a moral de outros. E seria desastroso tomar a parte pelo todo. Eis normas de ouro dos profissionais da Informação. A preocupação do equilíbrio do pluralismo.

Comportamento que importa estimular e salvaguardar. No interesse dos cidadãos em geral.

As instituições republicanas

Um regime, mais do que o nome, é o trato entre homens; e já Passos Manuel, àqueles que o atacavam por não ter metido mais funda a podoa na monarquia, sentuava com orgulho que cercara o trono de instituições republicanas. Nada se podia fazer contra a vontade do povo; e com este se poderia ir tão longe quando se desejasse.

Três quartos de século depois foi-se mesmo à república. Infelizmente para o País, os monárquicos haviam de contar com a república e reformá-la de instituições monárquicas. Manobrávamos a seu belo prazer, mas não lhe tocavam no nome, tornando-a mais monarquia e de espírito mais reacção, mais saudosista e poeirento do que ela nunca fora, depois da Viradeira, com uma rama doida, desembocando num sugadoio de ingleses e franceses. Por uns e outros seríamos tratados de colónia, em que se ajustam suas contas, como se nós fôramos território neutro ou um campo aldio.

O nome não faz os regimes, como não dá toque ao carácter, à inteligência das pesas; e a verdadeira república de ter uma vivência mais tensa com um chefe de Estado chamado rei do que sob

a férula de qualquer mestre-escola que por tudo e por nada atira com os que deveriam fazer valer os seus direitos de cidadania para os quartos escuros de uma enxovia ou para terras desertas em que não brota o rosmaninho nem se encontra a carícia de uma flor.

A república, mais do que um nome, é uma maneira de sentir, de viver, de os homens se tratarem uns aos outros; e se o soberano e seus ministros têm alma republicana, bem podia a república regime ter sido protelada anos e anos. Mas de facto os nossos últimos monarcas, à parte aquele que verdadeiramente não teve tempo de se definir, como foi D. Pedro V, estavam longe de sentirem em si aquela cidadania agregadora, modelo e estímulo de outros cidadãos. E por isso as instituições republicanas de Passos Manuel não funcionaram, não mostraram capacidade de renovação e comunicabilidade que satisfizesse as aspirações de monárquicos e republicanos. Discutem-se muito os problemas e vivem-se pouco; fala-se muito em doutrinas, antinomias, contradições, heresias e dogmas e não se buscam no dia-a-dia, no convívio das gentes, na rua e nas universidades, os pontos de comunicabilidade entre os cidadãos. Uns e outros procuram impor o seu pensamento em vez de buscarem entrelaçar as maneiras

A república, mais do que um nome, é uma maneira de sentir, de viver, de os homens se tratarem uns aos outros; e se o soberano e seus ministros têm alma republicana, bem podia a República regime ter sido protelada anos e anos.



Raul Rego

é sobretudo este pensamento, pois é o q. continua antes, foi a falta de compreensão de homens que andam os assistentes «que a causa da decadência da Península foi a monarquia e o catolicismo». Das conferências proferidas ressalta isso mesmo, com toda a clareza.

O marquês de Ávila não se engana ao dizer no Parlamento, depois da proibição das Conferências do Casino, que estas tinham por programa fazer compreender aos

gresso mental dos cidadãos, a análise funda dos problemas, estudar as causas da decadência dos povos peninsulares e dizê-lo é confessar que existe realmente essa decadência; e a certos médicos não interessa o diagnóstico, mas a projecção social e vantagens materiais que se possam tirar das enfermidades alheias.

A monarquia e o catolicismo foram as causas da decadência peninsular; mas os vírus da decadência serão intrínsecos à monarquia e ao catolicismo? Ou terão sido inoculados na monarquia e no catolicismo peninsulares? Ao que nos parece, um dos grandes males de toda a sociedade, como nos corpos físicos, acha-se no abafarete. Sentir-se doente e não o querer confessar, sentir-se ignorante e não escancarar o espírito a ideias novas, aferrado a todas as sedições, sentir-se abafar com as companhias, leituras, ambientes, e não abrir as janelas e portas para deixar entrar o ar.

Naturalmente que os dogmas não se discutem. Como os meninos que vêm do céu e aparecem entre quatro paredes, atroando os ares com seus berros de vida estuante. Estão ali, é preciso tratar deles. São realidade, factos consumados. E há regimes liberais que se foram esquecendo da prática liberal, da tolerância, e, à força de mandarem, os homens esquecem-se tam-

bém que devem ser cidadãos iguais aos outros. E se Passos Manuel, em 1836, teria achado natural as Conferências do Casino, já o mesmo não aconteceu, em 1871, com o marquês de Ávila. O conceito de poder endeusara-se, achava-se indiscutível e as doutrinas políticas e religiosas tinham criado como que um terreno próprio, direitos que a outros eram negados. Regredira-se, sem dúvida, na política e na religião.

Contemporâneo das Conferências do Casino é o Concílio Vaticano e aos heréticos políticos e sociais que são Teófilo Braga, Antero do Quental, Eça de Queirós ou Batalha Reis, Adolfo Coelho, corresponde na vida religiosa nacional outra grande figura que é a do bispo António Alves Martins. Também ele se negou a ser um mero instrumento ao serviço das ideias de outrem.

O dogma impõe só a obediência, não aceita a igualdade de mestre e discípulos; e igreja dogmática é igreja fechada. É o Estado monárquico, no seu nome e estrutura, na obediência cega, *perinde ac cadaver*. Não há fraternidade, só imposição e silêncio. E verifica-se até este fenómeno de Alves Martins ter morrido como um hercules, mas isolado, dificilmente se encontrando um prelado que se prestasse a rezar-lhe por alma. A religião dele era a

(Continua na pág. 10)

As instituições

(Continuação da pág. 9)

comunicabilidade; mas recusavam-lha. Não serão o civismo e a religião mais uma forma de viver, um conceito do contacto entre as ideias e actos de indivíduos, de classes, de profissões, do que uma doutrina inmutável como um seixo ou como uma vara de aço? O inmutável não tem vida, não tem veias, nem artérias, nem nele gira o sangue, nem tão pouco sente o amor ou o ódio. E como poderá um homem sensível ao amor e ao ódio concentrar a sua atenção, atirar-se a uma barreira, a uma fórmula que nada significa que será dentro de uma geração o que é hoje. O homem vivo convive, o morto é enterrado para uma cova, para um museu.

Os conceitos fundamentalmente em confronto são o de revolução e conservação, na vida política como na vida religiosa e, até, na vida física. E a diferença entre ambos está sobretudo em que a Revolução olha, em geral, ao dia de amanhã, enquanto o conservantismo atenta sobretudo ao dia de ontem que gostaria de ver repetido ainda amanhã.

Em política, como em religião, não há conceitos rigorosamente inmutáveis porque senão dir-se-ia que o conservantismo tende para o imobilismo, enquanto a Revolução que é a corrente que passa e em que as águas se vão acilando a medida que novos riberros e riachos entram na caminhada.

E Passos Manuel, onde vai ele? Rodeara o trono de instituições republicanas, sem dúvida; tão republicanas que a sua mensagem continua viva, projectando-se sobretudo nos domínios da instrução, da consciencialização do homem, de forma a torná-lo verdadeiramente um cidadão e não um súbdito. E que aos conceitos de monarquia ou presidente, no topo, correspondem os de cidadão igual a outros cidadãos, ou súbdito obedecendo as ordens do seu senhor.

No seminário dos Olivais DN 11/6/91

Igrejas cristãs debateram questões polémicas do aborto

O Conselho Português de Igrejas Cristãs, fundado a 10 de Junho de 1971, comemorou o seu vigésimo aniversário com a realização de um encontro, que ontem terminou, no seminário dos Olivais, sobre «Fé e questões éticas».

O ABORTO foi um dos temas ontem debatidos e sobre ele foram postas diversas questões pela advogada do Porto Helena Pina Cabral, a socióloga, também do Porto, Helena Vilaça, a enfermeira, de Setúbal, Dulce Cabete e o pastor metodista do Porto Jorge Barros e Sousa que, juntamente com o moderador, Leopoldo Figueiredo, ex-assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa, constituíram a mesa do painel.

Quarenta e quatro países introduziram nos últimos 20 anos alterações à sua legislação sobre o aborto, 42 no sentido de alargar o leque das circunstâncias em que uma mulher pode re-

correr à interrupção voluntária da gravidez, dois no sentido de as restringir.

Nos países da CEE, a maioria das legislações permite o recurso ao aborto, sendo a Grécia e a Holanda os países onde essa legislação é mais permissiva (completamente livre), e a Irlanda e a Bélgica onde é mais restritiva, visto que o aborto é considerado ilegal em todas as situações, com excepção daquela em que é absolutamente imprescindível para salvar a vida da mulher.

A lei portuguesa, que admite o aborto nalgumas circunstâncias (caso de violação, previsão de malformações congénitas, perigo de vida para a mãe ou para a criança), mas exige um complicado processo burocrático para que seja levado à prática, integra o grupo das menos permissivas de entre as que consagram a licitude da interrupção voluntária da gravidez.

Questões como: a partir de que momento se pode considerar que existe vida (momento do acasalamento da célula feminina com a masculina? Quando o ovo se fixa na parede do

útero? Quando, aos 24 dias de existência, o coração do feto começa a bater? Ou quando ao fim de nove semanas já se lhe poderia tirar impressões digitais?) surgiram durante as intervenções e o debate. Não à hipocrisia, sim à informação, à educação sexual, à criação de estruturas de apoio aos deficientes e à divulgação do planeamento familiar foram algumas ideias que suscitaram consenso. Dois temas, também polémicos, foram debatidos neste encontro: «Divórcio: sim ou não?» e «Homossexualidade numa perspectiva cristã».

O Conselho Português de Igrejas Cristãs (Copic) resultou de uma experiência ecuménica com início em 1956, ano em que a Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, a Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal e a Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica formam um organismo de cooperação, a Comissão Intereclesiástica Portuguesa. As três Igrejas juntaram-se dois membros observadores, o ramo português do Exército de Salvação e a colónia evangélica alemã que habita em Portugal.

FASE FINAL



Portugal 91

QUARTOS DE FINAL

SÁBADO, 22 de Junho

Lisboa

Portugal	2
<small>(Após prolongamento)</small>	
México	1

Porto

Brasil	5
Coreia	1

Domingo, 23 de Junho

Braga

Austrália	1
<small>(ap. Austrália após penaltys)</small>	
Síria	1

Faro

Espanha	1
URSS	3

MEIAS FINAIS

Quarta-feira, 26 de Junho

Lisboa

Portugal	1
Austrália	0

Guimarães

Brasil	3
URSS	0

3º e 4º lugares

Sábado, 29 de Junho

Porto, 21.30

Austrália

URSS

FINAL

Domingo, 30 de Junho

Lisboa, 19.00

Venceu Portugal por Penalties

Portugal 0

4-2

Brasil 0

Os que disseram não

VER
Salazar
o inimigo
uma mais
da PAZ

O DESAPARECIMENTO do KGB como polícia política começou já a trazer à tona de água casos mais ou menos obscuros que durante décadas permaneceram submersos num mar de especulações, suposições, hipóteses e que só agora, assim se espera, virão a ser conhecidos em toda a sua verdade. O caso Wallenberg é um deles. É nesse sentido que o novo presidente daquela organização policial entregou já ao embaixador da Suécia em Moscovo cinco documentos inéditos que prometem fazer luz sobre o que de facto passou após a sua detenção, em 1944, pelo Exército Vermelho.

Raoul Wallenberg, diplomata sueco, estava em Budapeste em Julho de 1944 quando, a um ano do termo da II Guerra Mundial, os comboios da morte continuavam a circular pela Europa central, transportando judeus arrebanhados pelas temíveis SS nazis para os campos de extermínio aí situados. Nomeadamente Auschwitz e Bergen-Belsen.

Foi quando em serviço na Embaixada do seu país na capital húngara que descobriu estar a ser distribuído aos judeus que conseguissem provar ter familiares na Suécia um documento que funcionava como uma espécie de salvo-conduto e os colocava fora do

controlo das autoridades alemãs de ocupação, dada a posição neutral mantida por aquele país escandinavo. Raoul Wallenberg, que além de diplomata era também formado em Arquitectura e um desenhador de grande talento, não hesitou um segundo: desenhou um passe falso, rigorosamente igual ao que era fornecido pelos alemães, fotocopiou-o em série e, apondo-lhe o selo branco da Embaixada, fê-lo clandestinamente distribuir por milhares de judeus que assim ficaram a coberto das perseguições nazis. E, levando ainda mais longe o seu corajoso desafio, estendeu a sua acção ao próprio gueto de Budapeste, onde os judeus eram mantidos para, a partir daí, se decidir da sua sorte. Wallenberg declarou uma série de edifícios de apartamentos aí existentes propriedade da Embaixada sueca e todos quantos neles residiam ficaram a salvo.

Foram dezenas de milhares de judeus que Raoul Wallenberg conseguiu fazer escapar de uma morte certa, num gesto de humanidade e coragem que encontra paralelo no que um compatriota nosso, também ele diplomata — Aristides de Sousa Mendes —, quatro anos antes levava por diante, igualmente com pleno êxito, quando exercia as funções de cônsul de Portugal em Marselha.

Estava-se em Junho de 1940 e, ante o avanço imparável dos exércitos nazis pela Europa adentro, milhares de judeus procuravam desesperadamente chegar a Portugal para, a partir do nosso país, se porem a salvo nos EUA. Contrariando as ordens rigorosas que recebera de Lisboa, no sentido de dificultar ao máximo a obtenção desses vistos de trânsito, Aristides de Sousa Mendes, durante três dias a fio, praticamente sem dormir, entregou-se à tarefa humanitária de emitir vistos para uma autêntica multidão em pânico, calculando-se que tenha conseguido fazer escapar à prisão e à morte à volta de meio milhão de judeus. A desobediência às ordens de Salazar pagou-a com a destituição do corpo diplomático, sendo impedido de voltar a exercer qualquer cargo público até morrer, em 1954.

Foi pior ainda, contudo, a sorte que o destino reservou a Raoul Wallenberg. Quando o Exército Vermelho, em finais de Dezembro de 1944, entrou em Budapeste, já ele conseguira que o último comandante alemão desistisse de cumprir, antes de retirar com as suas tropas, as ordens taxativas recebidas de Adolf Eichman no sentido de liquidar os 70 mil judeus que ainda existiam na Hungria.

Estranhamente, quando, na sua condição de diplomata de um país neutro, Wallenberg entrou em contacto com os comandos russos para tentar obter gêneros alimentícios e medicamentos para os seus protegidos, foi detido pelas autoridades soviéticas e, até hoje, nada mais se soube de concreto sobre o seu destino. Moscovo sustentou sempre que o diplomata morreria em 1947, numa prisão moscovita, vítima de um ataque cardíaco. Mas antigos detidos, libertados recentemente, afirmaram tê-lo visto num campo de prisioneiros ainda em meados dos anos 80. Morto ou (ainda) vivo, é tempo de o caso Wallenberg ser devidamente esclarecido.

Casos como os de Wallenberg e Sousa Mendes, entre tantos outros, são a prova viva da grandeza do Homem e da sua ilimitada capacidade de solidariedade para com o seu semelhante — mesmo quando à sua volta a noite se abate e a insanidade dos ditadores tudo parece submeter à sua tirania de terror e trova

Recordar este nome.
VER

Amor ao Brasil

NUMA altura em que se fala tanto das dificuldades que os brasileiros residentes em Portugal estão a enfrentar para vencer a burocracia nas repartições do Estado e certos preconceitos criados pela imagem do País no interior, é oportuno destacar o trabalho daqueles outros que desenvolvem, aqui dentro, um serviço admirável e constante em prol das relações culturais luso-brasileiras. Deles quase não se fala e poucas vezes são lembrados pelas autoridades num gesto de gratidão, ou num sinal de apreço. Não estamos a pensar nos políticos nem nos agentes dos governos, que esses, ao fim e ao cabo, têm o dever de interpretar, bem ou mal, as pulsações da história e de accionar os mecanismos diplomáticos. Estamos a lembrar, sim, os brasileiros que, sem nenhuma obrigação profissional e sem qualquer objectivo político, assumem espontaneamente o compromisso de defender, cada qual a seu modo e no seu quadrante pró-

prio, os valores comuns e a convergência de destinos de dois povos.

Os grandes empresários nacionais, por exemplo, que criaram há 10 anos a Fundação Cultural Brasil-Portugal para apoiar iniciativas capazes de enriquecer um espaço que ressecava por falta de recursos oficiais, quem se lembra deles, quando passam por Lisboa, para lhes dizer, em São Bento ou no Terreiro do Paço, simplesmente «obrigado» pelo que fazem por Portugal? Ou quem avalia o esforço dos mestres e dos filólogos que todos os dias no Liceu Literário Português, sem cansaço e sem paga, dão aulas ou conduzem investigações sobre as mudanças da sintaxe e os modelos gramaticais da língua? Ou quem reconhece a devoção dos professores de Literatura, que chegam ao cúmulo, no magistério, de fotocopiar milhares de textos para que os alunos conheçam os clássicos e possam sentir a riqueza da poesia, do romance e do teatro português?

Quantos outros casos ainda poderíamos referir envolvendo

Esta não é a hora de os Portugueses ficarem preocupados porque 20 ou 30 mil brasileiros, com ou sem diploma universitário, estão a concorrer com eles no mercado de trabalho



A. Gomes da Costa

os brasileiros que, de Manaus a Porto Alegre, na cátedra ou na pesquisa cartográfica, na convivência associativa ou no levantamento da música barroca, no comércio ou na indústria, na vida ou na criação, dão testemunho permanente da existência, em todos os campos, de um profundo e renovado sentimento de amizade e de orgulho por Portugal e pela obra dos Portugueses; ao mesmo tempo que se nota uma certa falta de reconhecimento e de louvor a esse

trabalho, bem como a ausência de reciprocidades, do outro lado do Atlântico, em relação ao que se faz no Brasil para preservar matrizes e manter vivos os *gens* e os *patterns* de uma civilização.

Por isso, entendemos que esta não é a hora de os Portugueses ficarem preocupados porque 20 ou 30 000 brasileiros, com ou sem diploma universitário, estão a concorrer com eles no mercado de trabalho, e muito menos de importarem de outros países os este-

reótipos e a má vontade para com um povo que tem, como escrevia o Eça, os mesmos defeitos e as mesmas virtudes, só que dilatadas pelo sol dos trópicos. Nem é altura, tampouco, de acenar com leis e regulamentos, lembrar as «noites das garrafadas» e o confinamento na ilha das Flores dos imigrantes da década de 30. Pelo contrário: se alguns países estão a impor exigências para receber cidadãos brasileiros; se na França ou na Inglaterra, na Alemanha ou nos Estados Unidos a televisão passa quadros negativos referentes ao Brasil; se lá fora são criadas barreiras para o ingresso de jovens recém-formados e se o Brasil é sinónimo de violência e de criminalidade, de devastação da Amazônia e de miséria das favelas, de corrupção e de escândalos administrativos — em Portugal tem de ser diferente. Mudem-se os regulamentos, mas atenda-se aos pleitos; relevem-se as faltas e receba-se a juventude com carinho; contraponha-se à maledicência das reportagens os aspectos positivos e saudáveis da nação; transfor-

me-se por algum tempo os Restauradores e o Rossio, a biblioteca joanina de Coimbra e o Palácio de Cristal do Porto em espaços brasileiros», onde apareça a música e a arte, a alegria e a criatividade, os artistas e os escritores, os técnicos e os cientistas deste país; fale-se alto, para toda a Europa ouvir, que Portugal está com o Brasil; proclame-se que uma casa portuguesa, para o ser de verdade, tem de receber sempre, com ternura e com respeito, qualquer brasileiro que chegue.

Afinal de contas, não deve ser somente nos dias de festa e de boda que se mostra amizade; é também nos momentos de crise e de inquietação. Por isso, os Portugueses devem deixar bem claro, e agora mais do que nunca, que o Brasil, para eles, está acima das directivas da Comunidade Económica Europeia, das opiniões do *Financial Times*, do mau humor da *gendarmaria* francesa ou das buscas suspeitas dos inspectores da alfândega de Miami. E está acima porque o Brasil, na história e no sonho, foi sempre o melhor que Portugal criou.

BRÁVO

Amor ao Brasil

NUMA altura em que se fala tanto das dificuldades que os brasileiros residentes em Portugal estão a enfrentar para vencer a burocracia nas repartições do Estado e certos preconceitos criados pela imagem do País no interior, é oportuno destacar o trabalho daqueles outros que desenvolvem, aqui dentro, um serviço admirável e constante em prol das relações culturais luso-brasileiras. Deles quase não se fala e poucas vezes são lembrados pelas autoridades num gesto de gratidão, ou num sinal de apreço. Não estamos a pensar nos políticos nem nos agentes dos governos, que esses, ao fim e ao cabo, têm o dever de interpretar, bem ou mal, as pulsações da história e de accionar os mecanismos diplomáticos. Estamos a lembrar, sim, os brasileiros que, sem nenhuma obrigação profissional e sem qualquer objectivo político, assumem espontaneamente o compromisso de defender, cada qual a seu modo e no seu quadrante pró-

prio, os valores comuns e a convergência de destinos de dois povos.

Os grandes empresários nacionais, por exemplo, que criaram há 10 anos a Fundação Cultural Brasil-Portugal para apoiar iniciativas capazes de enriquecer um espaço que ressecava por falta de recursos oficiais, quem se lembra deles, quando passam por Lisboa, para lhes dizer, em São Bento ou no Terreiro do Paço, simplesmente «obrigado» pelo que fazem por Portugal? Ou quem avalia o esforço dos mestres e dos filólogos que todos os dias no Liceu Literário Português, sem cansaço e sem paga, dão aulas ou conduzem investigações sobre as mudanças da sintaxe e os modelos gramaticais da língua? Ou quem reconhece a devoção dos professores de Literatura, que chegam ao cúmulo, no magistério, de fotocopiar milhares de textos para que os alunos conheçam os clássicos e possam sentir a riqueza da poesia, do romance e do teatro português?

Quantos outros casos ainda poderíamos referir envolvendo

Esta não é a hora de os Portugueses ficarem preocupados porque 20 ou 30 mil brasileiros, com ou sem diploma universitário, estão a concorrer com eles no mercado de trabalho



A. Gomes da Costa

os brasileiros que, de Manaus a Porto Alegre, na cátedra ou na pesquisa cartográfica, na convivência associativa ou no levantamento da música barroca, no comércio ou na indústria, na vida ou na criação, dão testemunho permanente da existência, em todos os campos, de um profundo e renovado sentimento de amizade e de orgulho por Portugal e pela obra dos Portugueses; ao mesmo tempo que se nota uma certa falta de reconhecimento e de louvor a esse

trabalho, bem como a ausência de reciprocidades, do outro lado do Atlântico, em relação ao que se faz no Brasil para preservar matrizes e manter vivos os *gens* e os *patterns* de uma civilização.

Por isso, entendemos que esta não é a hora de os Portugueses ficarem preocupados porque 20 ou 30 000 brasileiros, com ou sem diploma universitário, estão a concorrer com eles no mercado de trabalho, e muito menos de importarem de outros países os este-

reótipos e a má vontade para com um povo que tem, como escrevia o Eça, os mesmos defeitos e as mesmas virtudes, só que dilatadas pelo sol dos trópicos. Nem é altura, tampouco, de acenar com leis e regulamentos, lembrar as «noites das garrafadas» e o confinamento na ilha das Flores dos imigrantes da década de 30. Pelo contrário: se alguns países estão a impor exigências para receber cidadãos brasileiros; se na França ou na Inglaterra, na Alemanha ou nos Estados Unidos a televisão passa quadros negativos referentes ao Brasil; se lá fora são criadas barreiras para o ingresso de jovens recém-formados e se o Brasil é sinónimo de violência e de criminalidade, de devastação da Amazônia e de miséria das favelas, de corrupção e de escândalos administrativos — em Portugal tem de ser diferente. Mudem-se os regulamentos, mas atenda-se aos pleitos; relevem-se as faltas e receba-se a juventude com carinho; contraponha-se à maledicência das reportagens os aspectos positivos e saudáveis da nação; transfor-

me-se por algum tempo os Restauradores e o Rossio, a biblioteca joanina de Coimbra e o Palácio de Cristal do Porto em espaços brasileiros», onde apareça a música e a arte, a alegria e a criatividade, os artistas e os escritores, os técnicos e os cientistas deste país; fale-se alto, para toda a Europa ouvir, que Portugal está com o Brasil; proclame-se que uma casa portuguesa, para o ser de verdade, tem de receber sempre, com ternura e com respeito, qualquer brasileiro que chegue.

Afinal de contas, não deve ser somente nos dias de festa e de boda que se mostra amizade; é também nos momentos de crise e de inquietação. Por isso, os Portugueses devem deixar bem claro, e agora mais do que nunca, que o Brasil, para eles, está acima das directivas da Comunidade Económica Europeia, das opiniões do *Financial Times*, do mau humor da *gendarmaria* francesa ou das buscas suspeitas dos inspectores da alfândega de Miami. E está acima porque o Brasil, na história e no sonho, foi sempre o melhor que Portugal criou.

BRÁVO



Gorbachev foi bom político e mau economista

Guennadi Guerassimov *

TUDO PARECIA igual nesse dia de Abril de 1985. Morrerá outro líder. No semanário *Notícias de Moscovo* estava definida uma determinada actuação para cobrir o acontecimento, isto porque os nossos dirigentes estavam a desaparecer um após outro.

O Departamento de Propaganda do Comité Central do PCUS enviou, com urgência, uma instrução adicional: publicar, na primeira página e a todo o tamanho da mesma, uma fotografia do novo líder. A mesma mensagem, com a foto, foi enviada a todos os semanários. A nota não especificava o que fazer com o evidente sinal de nascença que lhe marcava a testa. Na semana seguinte, todos os semanários se assemelhavam, com uma única diferença: alguns «melhoraram» a imagem, dissimulando o sinal, e outros deixaram a foto tal como a tinham recebido. O *Notícias de Moscovo* pertencia à segunda categoria. Para além deste episódio, tudo continuava como dantes. Mas em breve as coisas começaram a mudar. O novo líder convidou os editores-chefes das principais publicações para um encontro.

Foi a primeira vez que encontrei Gorbachev. E daí talvez a segunda, porque, em 1953, estivemos no mesmo local ao mesmo tempo: na

Faculdade de Direito da Universidade de Moscovo. Era um velho e superlotado edifício na Rua Herzen, daí que, indubitavelmente, tenhamos passado um pelo outro.

Cometi muitos erros na minha vida... Estudei Direito Internacional e ignorei as actividades do Komsomol. Ele estudou Direito Estatal e foi activo no trabalho partidário. Nunca nos encontramos.

De qualquer modo, nós, os editores-chefes, chegámos ao encontro com a bem-treinada predisposição para ouvir e aprovar. Para nossa grande surpresa, Gorbachev pediu que falássemos primeiro. Ninguém estava preparado para ser voluntário. Então, Gorbachev apontou para um dos rostos que reconheceu: N. Gribachev, editor-chefe da publicação mensal *União Soviética*. Ele falou longamente da crise na crítica literária.

Mas recorde-me também de I. Laptev, editor-chefe do *Izvestia*, falar do «crédito de confiança» dado pelo povo ao jovem líder (jovem, quando comparado com os seus antecessores) e que o tempo desse crédito «não é ilimitado».

Gorbachev foi o último a falar. Sobre a importância do apoio para o seu plano de perestroika pelos *mass media*. E nós prometemos-lhe esse apoio — em troca da *glasnost*. E demos-lho.

A perestroika devia ter sur-

gido havia muito. A sociedade estava grávida de mudanças. Raisa Gorbachev, a nossa primeira dama até há pouco, nas suas memórias, *Espero...*, transcreve extractos das cartas do noivo, Misha. Estas transcrições revelam uma profunda insatisfação de um jovem estudante de Direito soviético perante os assuntos de Estado naquele tempo, no início dos anos 50.

Quase toda a gente percebia que algo estava fundamentalmente errado na nossa sociedade. A maioria aceitava, simplesmente, as regras do jogo. Alguns até pensavam que tudo fazia parte da natureza das coisas. A minoria queria protestar. Acabaram atrás das grades, em instituições psiquiátricas, ou no estrangeiro. E existiam pessoas que tentavam manter-se no sistema para o melhorarem. Não para o mudar, mas para o melhorar.

Vivíamos numa sociedade fechada. Livros contradizendo Marx ou Lenine eram fechados em salas especiais, apenas nas principais bibliotecas e praticamente inacessíveis. Os que aprendiam uma língua estrangeira ou viajavam para o exterior podiam ler Hack ou Arendt ou outros críticos do totalitarismo, mas guardavam os conhecimentos para si, receosos de perder o privilégio de viajar para o estrangeiro.

Edições limitadas de livros

proscritos eram editadas, para distribuição entre membros do partido (200 ou 300, no máximo). Recordo o 1984, de George Orwell, que foi publicado em 1984, numa edição limitada e «fechada» e cuja introdução me foi pedida. Tentei alertar o potencial leitor para os perigos do totalitarismo. Mas os dirigentes partidários não tinham tempo para ler. Nem sequer os seus secretários. E as coisas continuavam na mesma.

Nunca se regressa a um velho amor ou a um livro já lido. É muito triste reler agora o *bestseller* de Gorbachev, *A Perestroika e a Nova Forma de Encarar o Nosso País e o Mundo*, publicado pela primeira vez em 1987.

Prestando tributo às nossas conquistas de colectivização, ele escreve: «Graças à colectivização, a possibilidade de fome endémica foi abolida para sempre do nosso país.» O autor critica propostas para mudar o sistema social: «Estas pessoas não entendem que é simplesmente impossível, mesmo que alguém o deseje, levar a União Soviética a optar pelo capitalismo.»

A linha de defesa do socialismo pugnada por Gorbachev foi já abandonada por aqueles que, com ele, iniciaram a perestroika. No seu último livro, *O Golpe de Agostinho: a Verdade e as Lições*, tenta de apresentar a velha versão da nossa história, segundo a qual o «Termidor de Estaline» a meio da década de 20 traiu e espezinhou as ideias de Lenine. Esta linha de raciocínio está ultrapassada hoje pela infundável torrente de artigos publicados na nossa imprensa provando que Estaline era filho de Lenine — em sentido político. Certamente, a noção de direitos humanos era alheia a Lenine e a sua ditadura do proletariado, em nome da qual milhões foram mortos e abatidos, a começar por Lenine.

Mas todos temos sinais de nascença do nosso tempo e não é fácil cortar com algo que se tornou quase uma segunda natureza para muitas pessoas, doutrinas pela propaganda partidária.

Porém, o resíduo ideológico não foi o seu maior erro. O Presidente Gorbachev recebeu o Prémio Nobel da Paz. O seu nome nunca foi sequer sugerido para Prémio Nobel da Economia. Isto sintetiza as suas actividades: político brilhante, mau economista. E penso que, se pudéssemos ter tido uma situação económica satisfatória, não teríamos tido aquela horrível onda de nacionalismo.

Ele certamente mudou o mundo para melhor e tenho a certeza de que o mundo não irá esquecer. A Guerra Fria está sepultada no fundo do Mediterrâneo, em Malta. O



Guerassimov: «Ele mudou o mundo para melhor e o mundo não vai esquecer isso»

perigo de confrontação acabou, a Rússia até pediu para integrar a NATO. A Alemanha está reunificada, os países do Leste europeu são livres para cometerem os seus próprios erros. As relações com a China, o nosso maior vizinho, estão normalizadas.

Ele mudou também o país, mas terá sido para melhor? A maioria saudou a nova liberdade, em particular a liberdade de expressão. Mas as pessoas confundiram discussões com soluções. Discutimos os nossos problemas até à exaustão, mas eles resistem e negam-se a desaparecer. Gradualmente, compreendemos que somos muito melhores a analisar as coisas do que a fazê-las, a criticar do que a sugerir ideias criativas.

A perestroika não tinha um plano mestre positivo. O seu objectivo principal era melhorar o sistema, não modificá-lo. O seu motor deveria ser o partido. A palavra de ordem era: «Mais socialismo! Mais democracia!» Os erros foram programados e aprovados. Gorbachev escreveu no seu livro: «Não existe garantia contra os erros. Mas o maior erro, em minha opinião, é o medo de cometer erros, parar e nada fazer.»

Os erros foram muitos. A ênfase inicial no fabrico de máquinas para encher o mercado mundial com os nossos carros de alta qualidade, etc., foi um erro. A ideia inconcebível de proibir as bebidas alcoólicas na Rússia, separar os Russos da vodka é ignorar a experiência de outros países nas suas campanhas anti-alcoólicas, ignorar, por exemplo, a «Lei Seca» nos EUA, nos anos 20. Esta aventura bem-intencionada abriu um enorme rombo no nosso Orçamento estatal, aumentan-

do o consumo de açúcar para níveis elevadíssimos (usado para bebidas espirituosas), e arruinou o nosso vinho, cerveja e até a indústria de garrafas, sectores que ainda não recuperaram.

Esta história triste poderá continuar indefinidamente. Mas os erros são apenas uma parte da história. A descoberta que cada um de nós fez durante os primeiros anos da perestroika foi algo que valeu a pena, que A. Sakharov sempre afirmara: para mudar a nossa sociedade, precisamos de uma democracia multipartidária, economia de mercado e repúblicas iguais em direitos, na sua independência face a Moscovo e na sua interdependência.

E aqui Gorbachev começou a hesitar, a mover-se para a direita, convidou aliados duvidosos, que o traíram, e não defendeu os que o ajudaram sempre.

Isto foi completamente diferente do seu início. Assim como Gail Sheehy afirma no seu livro *Gorbachev: a Construção de Um Homem Que Abalou o Mundo*, «tal como viveu a sua vida com um pensamento duplo, será, provavelmente, recordado após a sua morte política pelo emaranhado das suas contradições».

Pode-se ter a opinião que se quiser: o grande reformador, o grande destruidor e assim sucessivamente. Ele salvou o mundo para a democracia. Esse foi o seu triunfo. Falhou na satisfação das necessidades básicas do seu povo para ter uma vida decente e este voltou-se contra ele. Essa foi a sua tragédia. Que a História o julgue.

* Embaixador russo em Lisboa

No fecho da edição

Teles Roxo, antigo dirigente do FC Porto, faleceu ontem vítima de um acidente de viação, perto de Vilar do Paraíso, Vila Nova de Gaia. Teles Roxo, de 49 anos, residente em Espinho, foi a única vítima mortal do acidente, ocorrido cerca das 18 e 30, e no qual ficaram feridas com gravidade três pessoas, na sequência do embate frontal entre duas viaturas ligeiras. No mesmo veículo de Teles

Roxo seguia também seu pai, Armando Leopoldo Roxo, de 70 anos, residente na Maia, e um indivíduo não identificado, ambos internados no Hospital de Gaia. Teles Roxo chefiou o departamento de futebol profissional do FC Porto no período em que o clube conquistou, entre outros títulos, a Taça dos Campeões Europeus, em Maio de 87, e a Taça Intercontinental, em Dezembro desse ano.

As últimas horas passadas no Kremlin

dimir Markov

dia 25 de Dezembro, tarde, tudo parecia vital no Kremlin. Poucos funcionários am nos «Volga» e nos pátios a-se a limpeza vital.

POSTOS de segurança dias antes, tinham sido transformados em serviço de segurança do Governo russo. Caram três vezes a carteira profissional, tirando o nome, à semelhança do que fizeram com os colegas autorizados a residir na residência do Presidente da URSS no último da sua estada no Kremlin.

Nesta primeira impressão de normalidade, que contava fortemente com a apreensão do momento crítico, logo foi remetida ao segundo plano quando, ao terceiro andar do antigo apartamento onde funciona o gabinete do Presidente, fui informado por um dos responsáveis pela segurança presidencial de que a bandeira vermelha da URSS seria substituída pelo pavilhão tricolor da Rússia logo depois da sua alocação televisiva anunciando a demissão.

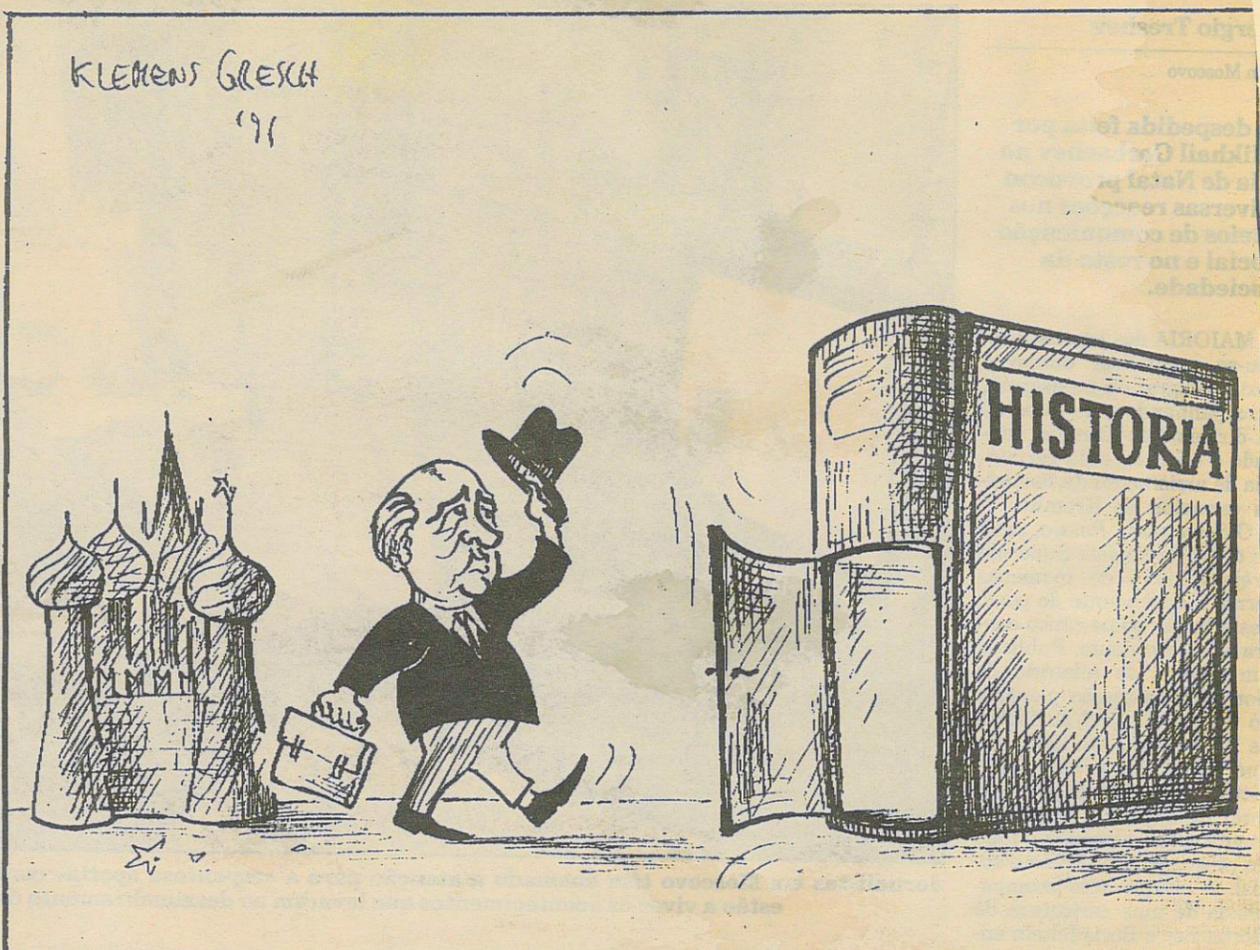
Proximo-me de Pavel Pamenko, um dos conselheiros presidenciais que, ao longo dos últimos sete anos, tratava as conversações de Mikhail Gorbachev com os dirigentes dos Estados Unidos e outras altas personalidades de língua inglesa. Mesmora, o Pavel, que eu conheço desde os meus estudos acadêmicos de Línguas Eslovas, não pretende abandonar «a equipa de Gorbachev». «Nós», afirma, «enquanto um processo objetivo ainda mal compreendido qual a substituição do regime comunista, que se creditou completamente, e as consequências muitas vastas do que se propuser, inclusive a desintegração de todo o Estado. O contexto da situação consiste na que o homem que possuiu este mesmo processo obrigado a sair da cena.»

O próprio Gorbachev, ao que parece, ainda não sabe que papel político lhe caberá no futuro próximo. Sabe-se, sim, que a partir de 26 de Dezembro ele passa a encabeçar o Fundo Internacional de Investigações Políticas e Socioeconómicas, formado logo depois do *putsch* de Agosto. Na conversa com George Bush, bem como, uma hora antes, falando com Hans-Dietrich Genscher, comunicou que continuará a contribuir para a realização das reformas na Comunidade de Estados Independentes (CEI), bem como para a afirmação da nova mentalidade na política internacional.

De maneira delicada, Mikhail Gorbachev expôs a Bush a sua opinião sobre a necessidade de se reconhecer todos os Estados constituintes da nova Comunidade. Defendeu que é do interesse de todos os Estados da Europa e do mundo contribuir para evitar as tendências centrífugas e reforçar a cooperação no quadro da CEI. «É o nosso dever comum», prosseguiu, acrescentando que está decidido a usar todo o seu prestígio internacional para que a Comunidade «seja eficaz e viável».

Contribuir para o êxito da CEI

Gorbachev só começou a falar do seu desejo de «contribuir para o sucesso» da Comunidade depois de o acordo estabelecido em Brest, a revesa tanto do Presidente como dos parlamentares das repúblicas, ter sido aprovado pelo Parlamento soviético. Este revelou não estar em condições de se opor à vontade de Boris Ieltsin, cada vez com mais poder.



O Kremlin acabou no dia 25 para Gorbachev. Mas é opinião unânime dos dirigentes mundiais que o seu lugar na História está garantido, como mostra este «cartoon» de Klemens Gresch, que o DN publica em exclusivo

No entanto, Gorbachev mantém a sua posição de princípio: mesmo depois do encontro de Alma Ata, onde o protocolo de criação da Comunidade foi assinado por mais oito repúblicas, além da Rússia, Ucrânia e Bielorrússia, ele não pode concordar com a «linha de desagregação do país», como foi dito no seu discurso de demissão. Agora, que não conseguiu defender e

manter a sua política de preservação da «Grande Pátria», retirou-se. Mas tenciona fazer «tudo o que estiver nas suas forças» para que as decisões da Comunidade «levem à concórdia real na sociedade, facilitem a saída da crise e o processo de reformas». Gorbachev apelou tanto a Bush como aos dirigentes dos outros países para que ajudem Ieltsin e a Rússia, que é

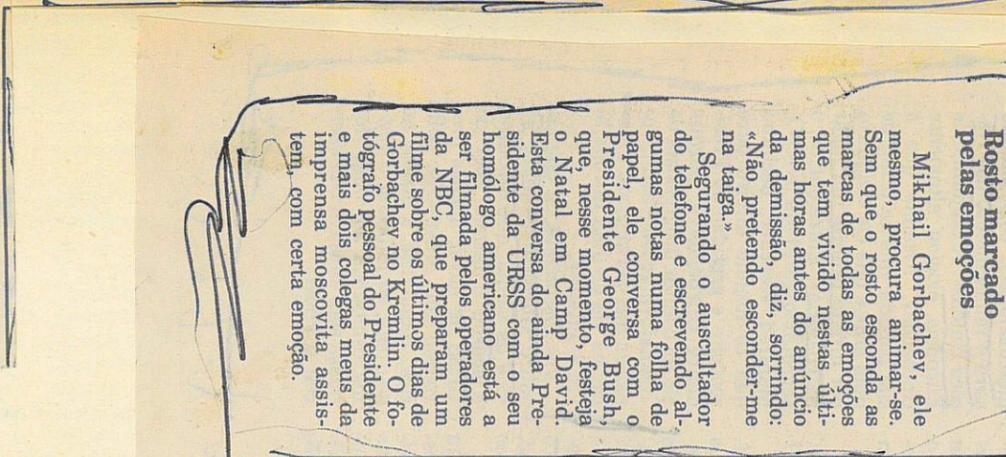
de quem muito depende o futuro da *perestroika* iniciada pelo Presidente da URSS.

A importância de cumprir os acordos

Nas mensagens pessoais que Mikhail Gorbachev endereçou aos líderes dos principais países, no dia da sua retirada, não só agradeceu a cooperação prestada nos últi-

mos anos como também exprimiu a esperança fundamentada de que ela venha a ter continuidade já a um nível qualitativamente novo. É curioso o episódio — que revelamos em primeira mão — referido por Gorbachev na conversa telefónica com o ministro dos Negócios Estrangeiros da RFA, Genscher: de-

(continua na pág. 10)



Rosto marcado pelas emoções

Mikhail Gorbachev, ele mesmo, procura animar-se. Sem que o rosto escondia as marcas de todas as emoções que tem vivido nestas últimas horas antes do anúncio da demissão, diz, sorrindo: «Não pretendo esconder-me na tanga.»

Segurando o auscultador do telefone e escrevendo algumas notas numa folha de papel, ele conversa com o Presidente George Bush, que, nesse momento, festeja o Natal em Camp David. Esta conversa do ainda Presidente da URSS com o seu homólogo americano está a ser filmada pelos operadores da NBC, que preparam um filme sobre os últimos dias de Gorbachev no Kremlin. O fotógrafo pessoal do Presidente e mais dois colegas meus da imprensa moscovita assistem, com certa emoção.

Regresso de Gorbachev não está excluído

(continuado da pág. 7)

das conversações em Arbat (no Cáucaso), em que o Presidente soviético deu, em princípio, o seu acordo à unificação germânica nas condições defendidas por Bonn. Gorbachev disse-lhe que era muito importante cumprir os acordos. «Eu enassegurei-lhe que eles se cumpriram e mantive a promessa», comunicou Gorbachev.

Alguns minutos após a conversa telefónica com Gorbachev, foi posta no ar, em princípio, a última declaração do Presidente da URSS, durante 12 minutos. «Pobre Mikhail Sergueievitch», suspiraram dos seus conselheiros em frente do televisor. No pequeno ecrã, Gorbachev, embora notoriamente nervoso, lê firmemente o texto, fazendo as necessárias pausas. O seu autodomínio e a convicção pessoal

de estar certo, apesar de os acontecimentos se terem desenvolvido contrariamente às suas ideias, merecem respeito. Ele pensou em demitir-se logo a seguir à assinatura do acordo sobre a Comunidade, em Brest, no próprio dia 9 de Dezembro. Mas permaneceu no Kremlin, a fim de entregar o Poder de forma mais ou menos ordenada e organizada.

Logo após a declaração televisiva, deveria ter lugar um encontro pessoal de Mikhail Gorbachev com Boris Ieltsin no Kremlin, conforme fora combinado. O último decreto do Presidente da URSS a ser assinado por Gorbachev respeita justamente à renúncia dos poderes de comandante supremo das Forças Armadas e à transferência do direito de utilização das armas nucleares para as mãos do Presidente da Rússia.

Já terminou a entrevista concedida por Gorbachev à

omnipresente televisão norte-americana CNN, mas Ieltsin ainda não se encontra presente no Kremlin. «Ele não virá e, pelos vistos, proporei um encontro noutra lugar», comunica-me um dos conselheiros de Gorbachev com patente irritação. Será o começo de um novo confronto? Mas, nesse caso, que se vai fazer ao botão nuclear?

Botão nuclear em «mãos seguras»

Minutos mais tarde, tenho a oportunidade de conversar com o marechal Evgueni Chapochnikov, ex-ministro da Defesa da URSS e presentemente comandante supremo das Forças Armadas da antiga União, que surgiu inesperadamente no Kremlin, onde acabara de estar com Gorbachev.

A transmissão do botão nuclear processou-se «num instante», disse, em resposta à

minha pergunta, acrescenta «como é devido» e volta a sorrir. Ele agora está em que mãos? «Em mãos seguras», responde evasivamente, e mais uma vez em tom de gracejo, o marechal. Mas eu insisto. Se Ieltsin não esteve no Kremlin, quereria isso dizer que o famigerado botão nuclear foi passado das mãos de Gorbachev para as de um militar, o marechal Chapochnikov?

Trata-se, porém, de assunto que não consegui esclarecer junto do marechal, que, entretanto, desapareceu, no meio de dois indivíduos de ar duro e vestidos à civil, no elevador do Kremlin.

Cerca das 21 horas, encontrei o professor Alexander Iakovlev próximo do gabinete de Gorbachev, que para ali se retirou acompanhado pelos seus auxiliares mais chegados. Mostra uma disposição filosófica. Disserta longamente sobre o fenómeno da

necessidade na História e considera inevitável a passagem a uma economia de mercado, ao multipartidarismo e ao pluralismo, por muito complexo que isso seja.

«Drama da democracia é falta de oposição»

Iakovlev tem uma ideia diferente da Comunidade de Estados Independentes. «Eu desejo todo o sucesso à Comunidade, mas, por enquanto, não estou a ver como é que ela poderá funcionar», salienta. «O drama da democracia neste país é a ausência de uma oposição», considera ele, ressaltando que isto não significa de maneira nenhuma que, neste momento, seja já necessário constituir uma oposição a Ieltsin. É preciso — observa Alexander Iakovlev — dar-lhe a possibilidade de levar a cabo as reformas. «Mas, eu falo por princípio: todo o monopólio oprime»,

precisa o companheiro de Gorbachev.

Ainda nessa noite, oiço da boca de vários conselheiros próximos de Mikhail Gorbachev uma mesma ideia: o ex-Presidente da URSS não tenciona tomar uma atitude de oposição a Ieltsin. No que concerne a Iakovlev, continuará o seu trabalho científico na Fundação Internacional: «junto com Gorbachev».

Considera possível o regresso de Gorbachev aos mais altos níveis da política? «Sim, considero isso perfeitamente possível», responde-me Iakovlev, e desaparece para lá da porta do gabinete de um homem que vai passar apenas mais alguns minutos no Kremlin. Mas poderá acontecer que passe menos tempo do que hoje se nos afigura provável até que Gorbachev regressasse efectivamente a este local?

Exclusivo DN-ECA

UMA das leituras mais emocionantes que nos podem suceder, às pessoas das letras, é *Os Jornalistas*, de Honoré de Balzac.

para além do natural. «Para o jornalista, tudo o que é provável é verdade.» Trata-se de um axioma estúpido, como tudo o que Balzac inventa. Reflectindo nele, nós percebemos quantas falsidades se explicam e quantas arranhadelas na sensibilidade se resumem a fanfarrônicas e não a conhecimento dos factos. Em geral, o pequeno jornalista é um profeta da Imprensa no que toca a banalidades, e um imprudente no que se refere a

De um modo geral, os jornalistas não se definem como guardas-avanzados da civilização. Têm vergonha de se representar como tal, ou, se o fazem, é exibindo simpatias generosas ou deslumbrantes indignações, mas nunca pelo seu lado intriguista, que é o prodígio da sua casta



Agustina Bessa-Luís

nião quase alarmante, uma sabedoria modesta, uma sublime condescendência que pareça reanimar todos os dias os direitos atropelados, todos os dias, da pobre humanidade.

Se eu não viesse para Lisboa, em busca do contrapeso à minha dignidade caseira, ao meu génio caturra e faccioso das belas frases, eu tornava-me num fóssil da dinastia mais snob que há: o solitário superior. O solitário superior não tem terceira idade, não envelhece ao pé do bule de chá e a abeberar bolachas na xícara. Vive numa constante afirmação de princípios, se é que vive; vive de um certo número de ideias e compaz-se a coleccionar paliteiros de prata ou bonecos da Rosa Ramalho. Enfim, lê o *Telêmac* e ruma o *Fausto*.

Mas um jornalista puro-sangue, como eu, tem que vir para Lisboa. O jornalista que não é um puro-sangue não passa de um personagem. Não é um ambicioso, como eu não sou. Escrever é para ele (neste caso para mim) a sua fortuna, o seu lar, o seu poder, o seu posto, o seu prazer, a sua alma. Balzac diz que este género de jornalista possui uma espécie de vontade brutal e de capacidade teatral que não se encontra em mais ninguém. Esta espécie de jornalista, que é provavelmente a minha

(e se é provável, é verdade), tem algo de chefe, de especulador, de merceeiro e de mastim espiritual. E isto que me fará, provavelmente, sempre provavelmente, conselheira de Estado, porteira da glória, picadeira de ponto da celebridade, tudo isso à altura da nobre missão de informar e de criar beleza, como se diz.

De um modo geral, os jornalistas não se definem como guardas-avanzados da civilização. Têm vergonha de se representar como tal, ou, se o fazem, é exibindo simpatias generosas ou deslumbrantes indignações, mas nunca pelo seu lado intriguista, que é o prodígio da sua casta. A intriga é a moral da história, que tem que ter alguma.

Felizmente eu encontro-me situada nessa casta. Portugal, como a França, no dizer de Balzac, é colossal até nas suas misérias, até nos seus erros. E quem ilumina tudo isso é o jornalista. Só numa coisa estou em falta com os deveres do jornalista: quando aparece um livro de um amigo meu, não descubro nele encantadoras novidades e ideias ousadas. Em geral não descubro nada. Será porque não deixei o Porto definitivamente e ainda me costumou sentar à sombra dos castanheiros do Gólgota, como uma doméstica com sorte e uma castelã com tranças? É provável, e mais que certo.

Agustina de Agostini Bessa-Luís



coisas sérias. Quando Balzac refere que a crítica só serve para fazer viver o crítico, isto estende-se a muitas outras tendências do jornalista: o folhetinista, que é o que Camilo fazia nas gazetas do Porto; e o que eu faço escrevendo esta rubrica. Eu própria não estou isenta de uma soma de articulismos, de recursos à blague, de graças adaptáveis, de frequentação do lado mau da imaginação, de ridículos, de fastidiosos conselhos, de discursos convencionais, de condenações fáceis, de birras imbecis, de poesia de barbeiro, de elegâncias chatas, de panfletismo «bom cidadão». Quando não sou nada disso, sou assunto para jornais, mas não sou jornalista.

Se um francês é jornalista antes de ser francês, eu acuso-me dessa cultura perniciosamente antes de me viciar nos honestos textos dos clássicos. O que me fez vir para Lisboa foi a vocação jornalística. Não se pode ser jornalista no Porto, como não se pode ser profundo em futilidades, que é o que faz a fortuna do fazedor de artigos. As ciências morais e políticas só se exercem bem na capital, seja Paris ou Atenas. O tenor da folha de jornal tem que ser, como eu, provinciano. Só assim terá o tom virgiliano da écloga pastoril, que combina bem com a diatribe e a coragem parlamentar. Porque o jornalista, como eu, se não é um contralto de esquerda, tem que ter, de vez em quando, uma opi-

2 Ele deixou entrar a luz

Anthony Lewis

Mikhail Gorbachev deixou-nos o ano velho, sem que ninguém o lamentasse. Muitos comentários que se fizeram à sua demissão eram evolutivos. Segundo os seus críticos, não era um tirano democrata. Foi o responsável nas transformações revolucionárias. Contemporizou, tornou-se indeciso, falhou.

No seu país, as críticas eram ainda mais acesas. Roy Medred, o historiador comunista antiestalinista, afirmou: «O que a União Soviética era em 1985, quando Mikhail Gorbachev chegou ao Poder, apesar de todas as suas deficiências, era muito melhor do que é hoje.» Em 1985, havia milhares de políticos que sofriam no Gulag e quer que dissesse uma palavra crítica ao sistema era candidato a morrer. Em 1985, Andrei Sakharov era mantido em Gorki, ameaçado pelo KGB, alimentado à força quando entrava em greve de fome. Em 1985, não havia em toda a enorme vastidão do país um único jornal ou uma única emissora que fosse independente. Em 1985, os alemães do Leste que estavam a passar para o Ocidente eram tratados no Muro de Berlim. Os polacos e os Eslovacos viviam num silêncio inflexível, mantidos num império estrangeiro juntamente com os Polacos, os Húngaros e os Búlgaros. Tudo isso Gorbachev pôs termo. Deixou entrar a luz da liberdade de expressão e da liberdade de Imprensa

no seu país, pondo cobro a 70 anos de escuridão totalitária. Não enviou exércitos quando se abriram brechas no Muro de Berlim, quando os Checos, os Polacos e outros formaram governos de sua livre escolha; criou condições para que o processo se desenrolasse. Em 1985, ninguém sonhava que as liberdades pudessem chegar tão longe e tão depressa — que o enorme mecanismo da tirania fosse desmantelado em sete anos. Ou que isso pudesse suceder de forma assaz pacífica apesar dos exércitos de burocratas, da polícia secreta e dos soldados às ordens do regime. Foi assim, porque quem fez esse desmantelamento foi alguém que conhecia o sistema por dentro, que conhecia a psicologia das suas legiões. Só Gorbachev, que estava mais por dentro do que todos os de dentro, o poderia fazer. Andrei Sakharov foi a voz da verdade, o inspirador, o santo. Mas a estrutura comunista não se dissolveria a uma ordem sua. Melor Sturua, columnista do *Izvestia*, escreveu na revista *Foreign Policy*, durante a sua visita à Universidade de Minnesota, que a queda do comunismo seria em qualquer caso inevitável. Seria, sim, um dia. É como alguém prever que a supremacia branca não pode continuar eternamente na África do Sul. Mas isso não diminui o feito do Presidente P.W. Klerk em pôr-lhe termo agora. Sturua escreveu que Gorbachev estava verdadeiramente interessado no Poder. Se assim fosse, podia facilmente ter travado as mudanças, mantido a tirania e desfrutado a vida de um dirigente soviético à moda antiga. Se Leonid Brejnev, já senil, foi capaz de manter a coesão do sistema durante anos, decerto Gorbachev poderia fazê-lo. E esperava-se que a quisesse um homem que subiu dentro do sistema jogando o jogo do servilismo, fruindo os poderes e os privilégios. Certo



Mas ele fez o contrário. Mandou Sakharov voltar de Gorki. Abriu caminho a uma Imprensa crítica. Pôs termo ao monopólio histórico do Poder pelo Partido Comunista, permitindo que outros falassem e se organizassem. A seguir, em 1988, jogou o lance decisivo de criar um parlamento que fosse efectivamente eleito pelo povo. Foi uma eleição imperfeita, mas suficientemente livre para que se registasse a falta de adesão popular ao comunismo e se instalasse a ideia da democracia. Cometeu erros enormes. Libertou Sakharov, mas não prestou atenção aos seus avisos. Não se quis submeter à prova da eleição popular, o que lhe custou a legitimidade. Foi fazendo cada vez mais concessões aos conservadores e não viu a ameaça que eles constituíram até que se lançaram contra ele no golpe de Agosto. O golpe foi a sua perda, pois fez erguer a resistência popular e, a seguir, a repulsa por todo o ideal comunista. Mas há nisso muita ironia. Sem a experiência das liberdades crescentes durante o mandato de Gorbachev, é duvidoso que os directores dos jornais e das estações de rádio e o comum das pessoas tivessem coragem de resistir ao golpe como resistiram. O mundo deve-lhe tanto como o seu próprio povo. Pôs fim à guerra fria, que em toda a parte constituiu a maior ameaça às liberdades — e à própria vida. Fez com que os ponteiros do relógio nuclear retrocedessem. Em minha opinião, a apreciação justa é a que fez David Remnick, do *Washington Post*, ao escrever pouco antes do Outono na *New York Review of Books*: «Apesar do halo de penumbra que agora se está a formar à sua volta, Gorbachev será, com toda a certeza, considerado o político mais determinante da segunda metade do século XX.» (Exclusivo DN/*New York Times*)

ERROR

Bíblia e literatura



Henrique Barrilaro Ruas

É objectivamente repugnante envilecer o que a cultura da nossa própria gente tem por mais puro e mais belo e mais santo. Felizmente para o homem não existe apenas o critério objectivo, a medida objectiva. Porque «Alguém» sonda os rins e os corações

ELE aí está, patente, o Livro Santo. Na sua forma hoje mais divulgada, tem perto de dois mil anos. Os seus textos mais antigos são contemporâneos de antiquíssimas civilizações e foram, até há pouco tempo, os mais antigos testemunhos de povos há muito adormecidos. A parte espiritualmente mais rica, humanamente mais profunda, da cultura europeia, pouco a pouco tornada cultura universal, nasceu — continua a nascer — dessas páginas em que o divino se faz humano e os homens surgem como herdeiros de Deus. Todas as tempestades do coração humano, todas as formas da dor e da alegria nelas se estadeiam — mas envolvidas num oceano de graça. As mais dolorosas experiências da humanidade encontram aí solução ou esperança. Ninguém, até hoje, se abeirou dessa fonte que não tenha, ao menos uma vez na vida, achado nela com que matar a sede. E no entanto a água que ela dá a beber muda de sabor e de eficácia consoante a qualidade e até a intensidade da sede de cada um. Quando Jerónimo começou a ler esses livros compostos e ritmados por uma sensibilidade e uma arte para ele desconhecidas, o seu espírito claramente romano protestou: como era possível que a luz de Deus assim estivesse coada e reflectida ou refractada nesse linguajar inseguro e gaguejante, feito de repetições inesperadas, de saltos bruscos, de paralelos e antíteses de mau gosto? O futuro tradutor do Antigo Testamento de hebrai-

co para latim iniciara-se nas diversas versões latinas que no seu século corriam de igreja em igreja. Depois, ao comparar com essas traduções por de mais rudes a altura da famosa versão grega dos LXX, obra da comunidade judaica de Alexandria muito antes da era cristã, o fulgor helenizante dessa Bíblia (ainda hoje lida nas Igrejas de cultura grega) trouxera-lhe alguma dúvida de carácter científico: até que ponto seria legítimo conformar à mentalidade helénica ou helenística esse depósito sagrado de uma revelação sobre-humana? Foi então que o Papa S. Dâmaso (aquele que uma antiga tradição, com certo ou incerto fundamento, quer que seja pré-português) o encarregou do grande trabalho que seria a glória laica da sua vida: transpor para a claridade e o rigor da latinidade esse tesouro oriental. Veio a ser (com algum arranjo posterior) a chamada Vulgata. Fiel à sua intenção vulgarizadora, popular, a Igreja da Idade Média fomentou por algum tempo a versão da Bíblia para as línguas vernáculas. Assim a palavra de Deus descia até ao rústico (que, neste campo, tanto era o homem do campo como o homem da corte), para que cada qual pudesse sentir-se envolvido no diálogo inefável. Mas desde cedo se assistiu ao previsível fenómeno da invasão do texto sagrado por leituras mais ou menos heterodoxas. A invenção da imprensa, na segunda metade do século XV (um dos indícios da modernidade), se por um lado servia de freio às deturpações, supressões ou aditamentos, por outro vinha

exponenciar a facilidade de divulgação de qualquer erro. Daí a dureza com que a Igreja Católica passou a proibir ou pelo menos a desaconselhar a tradução da Bíblia. E o campo ficou largamente aberto ao quase monopólio (em termos práticos) da leitura da Sagrada Escritura pelos protestantes. Com a perda efectiva do uso do latim fora dos restritos meios clericais ou de alta sabedoria, longamente se quebrou o antigo diálogo espiritual, intencionalmente. Apesar de um Corneille ou de um Racine, a situação durou até praticamente ao século XIX, em que o Romantismo, na sua paixão pelo medieval, recuperou para a cultura europeia vulgar também a mais arcaica das suas fontes.

A Bíblia passou então a orientar a inspiração ardente de um Chateaubriand ou de um Hugo (para apenas citar os mais conhecidos entre nós), e a grande literatura erudita e popular foi

buscar aos dois Testamentos matéria e por vezes forma de obras de alto estilo. Mas foi já nos nossos dias que o texto sagrado se fez alimento quotidiano de grandes nomes da literatura. O caso mais notável é certamente o de Claudel. Paul Claudel não foi somente um escritor inspirado na Bíblia; foi também um exegeta. Houve nele, ao mesmo tempo que um respeito absoluto, religioso, pelo que está escrito, um imenso, poderoso entusiasmo poético pelas vozes surpreendentes e exaltantes que nesse livro dos livros encontrava. Nunca ele consentiu em discutir, juntamente com críticos de variadas escolas, o sentido espiritual, a mensagem divina que os seus olhos lhe ofereciam à inteligência e sobretudo ao coração. Nenhum interesse descobria nas terríveis, apaixonantes polémicas que opunham um Harnack a um Loisy. Que ganharia o homem em seguir essas questões sem destino,

os intermináveis debates acerca da data exacta em que este ou aquele texto foi realmente redigido? Que tem isso que ver com o destino do homem, ou com a felicidade e a dignidade de cada um dos homens? Para Claudel, o Velho Testamento, serve, como o sabia a patrística, cada um dos passos, cada uma das verdades do Novo. Nessa correspondência de eras e de mistérios ele ganhava, em todos os momentos da leitura e da meditação, um inesperado sinal de Deus. Ou seja: um novo alimento para a grandeza do homem. A semelhança de Santo Agostinho, também ele tomava cada versículo da Bíblia como (para falar à maneira de Leibniz) a *monada* que em si continha toda a informação e toda a sensibilidade, um espelho de prodigiosa presença, oferecido ao olhar da inteligência inocente. No aprofundamento, nessa descida ao poço de Jacob, qualquer homem de boa vontade seria capaz de encontrar a água viva que dessedenta para a vida eterna... Mas é impossível descobrir essa água luminosa e fecunda se não chegarmos ao poço de Jacob levados ao menos por um pouco de sede. A mulher da Samaria andava mergulhada em pecados e até servia de escândalo para os vizinhos e parentes. Trazia, porém, dentro do peito, uma chaga a roê-la: alguém percebeu que ela tinha sede, e sede de água viva. Tivesse ela sido uma escritora, e essa experiência de um meio-dia estival teria ficado narrada num intenso trecho autobiográfico... Mas o que dela ficou foi mais que todas as autobiografias. Ficou o exemplo da graça

que desce dos Céus e da secura de uma terra sedenta. Ninguém (só Alguém) teria imaginado que nesse corpo dado à aventura na sensualidade se escondia um coração capaz de amar até ao infinito. Essa mulher da Samaria ficou, para todos os tempos, como exemplo dessas conversões súbitas, violentas, contrastantes, que a história religiosa da humanidade guarda como extremos de amor divino. Mas importa que se tenha coração. Também nestas coisas poderá ter cabimento a palavra popular: «Ninguém diga "desta água não beberei"».

Há muito que houve o primeiro que se aproximou do poço de Jacob numa intenção meramente natural, ou mesmo anti-sobrenatural, mais profanadora que profana — e veio a tomar o sabor próprio dessa água... Mas foi o próprio Claudel um convertido?

É talvez humanamente que é mais difícil perdoar. Sobretudo quando um longo hábito, em que não entram somente as fórmulas do dogma ou as sensibilidades litúrgicas e as normas da moral, mas também se acumulam e prosperam os gostos docemente saboreados, e o repouso no travesseiro das certezas, quando um hábito poderoso e quase criador levanta turbilhões de revoltas e quase força o coração ao ódio ou ao desprezo. É objectivamente repugnante conspurcar, envilecer tudo o que a cultura da nossa própria gente tem por mais puro e mais belo e mais santo. Felizmente para o homem — para cada um de nós — não existe apenas o critério objectivo, a medida objectiva. Porque Alguém sonda os rins e os corações.

DN 27/11/92

ais, e os chamados novos pobres, que são uma realidade não exclusivamente portuguesa, reflectem esta realidade controversa: a de que ao desenvolvimento económico do País não corresponde, proporcionalmente, a segurança social de muitos dos seus cidadãos.

Enquanto a vertente económica secundarizar a vertente social, não só haverá problemas, como o próprio espírito da democracia, a que está subjacente um certo humanismo, sairá perturbado.

Como sublinhou um sociólogo português, se é verdade que a pobreza se afirma em períodos de crise económica, também é certo que «começamos a notar que ela subsiste e reproduz-se nos períodos de prosperidade económica, à semelhança do que ocorre com a pobreza tradicional». E acontece que, não obstante termos a viver um momento económico que a própria ONU considera «sem paralelo», «continuamos a ver indícios muito claros de que há pobreza, que ela subsiste e que, eventualmente, aumenta».

Não pode dizer-se de uma sociedade que ela está no bom caminho, se nas preocupações com o crescimento dos seus índices de desenvolvimento não estiverem, pelo menos em pé de igualdade, preocupações com o bem-estar social dos seus cidadãos. Sobretudo se esse bem-estar se confina a ter apenas o indispensável para sobreviver. E vivemos num país onde situações a esta escala parece estarem a aumentar.

Ecumenismo em Portugal

CRISTÃOS REUNIRAM-SE em Viseu para reflectirem sobre os caminhos da unidade. Lá estiveram representantes do Conselho Português das Igrejas Cristãs — que integra a lusitana, a metodista e a presbiteriana — e da Comissão Episcopal da Doutrina da Fé — católica —, numa perspectiva de «prolongamento» do que se passou no Encontro Ecuménico Europeu, realizado em Santiago de Compostela.

Se esta permuta de experiências e de posturas doutrinárias constituía, em si, obviamente, um dado de grande importância, linhas de acção acordadas terão ultrapassado expectativas.

Basta referir a criação de uma comissão mista com a incumbência de preparar a próxima Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos e a marcação para o mês de Julho, na Figueira da Foz, de nova sessão de trabalho, que será consagrada ao estudo de fórmulas de evangelização comum, de promoção da fé e de apoio a paz nos países africanos de expressão oficial portuguesa.

Igrejas que querem estar cada vez mais de mãos dadas e se pretendem redobradamente inseridas no mundo, na vida quotidiana, cruzada por todo o género de problemas, onde procuram *entender* Cristo em cada pessoa. Daí o amplo consenso dos participantes em torno de questões como os direitos humanos, a justiça social, a ecologia e a imigração.

Aprofundar o conceito de ecumenismo, dialogar *de facto*, sem intuítos hegemónicos, sem medo das palavras e das dificuldades reais, foi a grande aposta que ressaltou em Viseu. Por conseguinte, o espírito de recusa de privilégios, de ostentação de influência (a chamada lei do mais forte), a ideia de adesão à grandeza da humildade, baseada na consciência (na sabedoria) de que todos aprendem com todos.

Cristo como meta, vértice, *unidade*. Os caminhos é que têm sido (são, continuarão a ser, não se sabe até quando) *diversos*. Todavia, diversidade que deve ser tomada como fonte de enriquecimento nos rumos das grandes convergências essenciais. Um percurso de *entrevista, de dar e receber*, de exposição de problemas internos de cada Igreja e no quadro do relacionamento entre todas, a fim de que, *em conjunto*, se encontrem as melhores soluções. Ecumenismo numa projecção de *unidade*, não de unicidade. Porque se trata, fundamentalmente, de *aproximação*. Com o tempo e o espaço a inspirarem meios de crescimento na fé. De busca do que une, mais do que de apego ao que divide. *Embora ponderar as divisões seja uma forma de potenciar a «união»*. Tolerância, portanto, a morte de condenações e ofensas ou indiferenças mútuas, e (em contrapartida) o cântico à amizade, à colaboração, ao interiorizado encontro que, afinal, todas as confissões proclamam «no mesmo e único Jesus Cristo, salvador e redentor do homem».

O pensador Agostinho da Silva tornara familiar dos Portugueses a expressão *saudades do futuro*, curiosa e criteriosamente usada a propósito do encontro de Viseu. Na verdade, também aí se esboçou um traço de união entre a saudade da «unidade perdida» e a saudade do *dever* (do retorno às nascentes).

Um prometedo passo *inter-religioso no País*. Numa sociedade em que muito se fala de *utilidades*, mas em que — à semelhança do que ocorre além-fronteiras — *vai crescendo também um certo gosto do transcendente*, se notam múltiplas e contraditórias *apetências para o sobrenatural*. Com efeito, desaguam novas seitas e novos signos de «redenção», mesmo que moldados por nítido simplismo.

Nexos de religiosidade em contraponto a pressões de ordenamentos sociais, apesar de tudo, *muito negociadas*. Circunstância que as Igrejas tradicionais — no caso, as cristãs — precisam, sem dúvida, de ter na devida conta.

Viseu representa um marco. A dinamização do ecumenismo entre nós, se bem que tardia, *poderá mudar* imensa coisa. Em todas as dimensões da vida colectiva.

A protecção à velhice

AQUESTÃO dos lares para idosos e do que, à sua sombra, de escandaloso e revoltante se passa não é nova. Há muito que se sabe que, muitos deles, de lares só têm de facto o nome e que, desde as instalações propriamente ditas ao modo como neles são tratados os internados, não passam realmente de autênticos armazéns de cadáveres adiados. Numa sociedade onde cada vez mais a família vive fora de casa, os pais no emprego, os filhos na escola, escasseia quem esteja disponível para olhar e assistir aos idosos que nela existam. Daí que, por necessidade real, nuns casos, por simples desejo de comodamente alijar um peso tido já por *inútil* noutros, acabam as famílias por recorrer aos lares *procurados para esse fim*. Este é, pois, um *negócio* que tem vindo a florescer entre nós de há dez anos a esta parte, sobretudo nas duas principais cidades do País. Só que não faltaram

os aventureiros, os que de imediato viram nele apenas um meio fácil de fazer dinheiro com um mínimo de investimento. Foi assim que em Lisboa e Porto começaram a aparecer, um pouco por todos os bairros, lares sem um mínimo de condições, instalados em prédios decrepitos e impróprios para o fim em vista e, mais grave ainda, a funcionarem à base de pessoal sem qualquer preparação técnica e psicológica para este tipo de serviço. Daí que tivessem principiado a vir a lume, com preocupante frequência, casos lamentáveis, para não dizermos mesmo revoltantes, de autênticas sevícias a que idosos acamados e indefesos nalguns desses pseudolares foram submetidos.

A esta realidade se referiu agora o ministro Silva Peneda ao propor a alternativa das instituições particulares de carácter social que poderão assumir aspectos diversificados — desde a criação de lares à imagem e semelhança dos de fins lucrativos mas a funcionarem sob a alçada directa dos serviços sociais, até às chamadas «famílias de acolhimento» que se mostrem disponíveis para receber em casa idosos desamparados e sem terem quem por eles olhe. São soluções, à partida, viáveis e que importa efectivamente implementar. O drama da *velhice e da solidão* da terceira idade faz parte do quotidiano moderno, como todos sabemos, e assume particular gravidade nos grandes centros urbanos. Lisboa está cheia de velhos que vivem isolados em quartos, em casas tão ou mais velhas do que eles próprios, dependentes da caridade da vizinha que lhes acode, se adoecem, arrastando os dias e as noites sem diálogo nem comunicação possíveis seja com quem for. Não é certamente por acaso que o número de *suicídios* de idosos tem vindo, preocupantemente, a *aumentar* nos últimos tempos.

A verdade é que se há, no sector privado, lares para idosos devidamente apetrechados, onde o ambiente que neles se respira é acolhedor e saudável e nos quais os utentes se sentem de facto gente, esses lares nem sempre estão ao alcance da bolsa da maioria das famílias. Daí que, não obstante as carências graves com que os restantes funcionam, lhes não faltem clientes, atendendo aos preços naturalmente bem mais acessíveis que praticam. As alternativas em que o Governo parece disposto a apostar podem ser efectivamente uma solução positiva, capaz de abrir perspectivas animadoras.

Nada disto invalida, é importante sublinhá-lo, que os lares com fins lucrativos já existentes e os outros mais que venham a criar-se deixem de estar sob o olhar atento das autoridades, através dos Serviços Sociais do Estado. O ministro fala em «inspecções periódicas», de forma a garantir que, neles, «os idosos recebam o tratamento a que têm direito». É bom que assim seja. É bom que, cada vez mais assiduamente, assistentes sociais e outro pessoal qualificado surjam *de improviso* nesses lares e se inteirem da realidade do que lá se passa. E sempre que se detectem novos casos de desenfreada e ignóbil exploração dos utentes, sempre que se verifique que esses pseudolares estão a funcionar à margem dos mais elementares princípios, que a lei sobre eles impenda sem apelo nem agravo. E tempo de a terceira idade deste país ser olhada e tratada com a dignidade e o respeito a que tem direito e que, lamentavelmente, tantas vezes lhe são recusados.

PALAVRA
entre
palavras



Padre António Rego

«Apresentação do Senhor»
«Por Ele próprio ter sofrido a
provação é que pode socorrer
aqueles que a experimentam.»
«Carta aos Hebreus», cap. 2

A contradição

A história conta-se em poucas palavras: quarenta dias após o nascimento em obediência à lei de Moisés — como diz o Êxodo — Maria leva o Menino ao Templo para o oferecer a Deus. É a Apresentação de Jesus, festa que ultrapassa a solenidade do próprio domingo. Que se passa afinal para além do precisismo litúrgico?

Um contraste (outro!) quase escandaloso: enquanto Malaquias descreve uma pomposa entrada do Anjo da Aliança no templo, com fanfaras de glória vibrantemente sopradas pelo triunfal «Salmo 23», o evangelista Lucas aponta, com uma timidez quase repassada de insignificância, a Apresentação de Jesus no Templo. Ninguém dá por Ele a não ser um sábio que fora iluminado pelo discernimento e pela promessa de que não partiria deste mundo sem que os seus olhos testemunhassem a Luz que fora enviada.

E o velho Simeão. Os seus olhos já se não deixam iludir pelas aparências nem o seu coração se embala com a impressão ligeira. A Luz é quase uma obsessão, e é perante a Luz que ele se deixa deslumbrar. Tão forte e convicta é a sua palavra sobre Jesus que o Concílio Vaticano II a retoma como título da Constituição Dogmática sobre a Igreja (*Lumen Gentium*). E tudo se passava numa presença discreta e apagada. Nem por isso sem conflito. Simeão faz o grande discurso sobre Jesus como sinal de contradição. A salvação de Jesus parte do conflito que existe dentro do próprio homem: os seus mecanismos (paradoxais) de procura de felicidade, a sua luta entre trevas e luz, a sua inconformidade permanente face às agressões do limitado e do impossível. E todas as vagas do bater irrequieto do seu coração que desencadeiam operações cruzadas de guerra e paz.

E o homem concreto, finito, que vai encontrar em Cristo o desafio do Infinito. Duma forma dolorosa e por vezes irregular. No desencanto do tempo vivido e na avidez do tempo por viver, a perguntar-se de que lado está a vida. Tudo isto foi assumido na naturalidade de Jesus e nem a sua Transcendência lhe ofereceu as roupagens triunfantes do antigo Testamento. Significando mesmo que, após a sua vinda, Deus será visto com um novo olhar.

Vaticano II aproximou-se em tese das posições dos republicanos

- defendeu Faria Pimenta no Congresso da Gulbenkian

Encarnação Viegas

DOIS TEMAS estiveram ontem em foco no Congresso sobre a I República, a decorrer na Gulbenkian: o painel dedicado à «Igreja e a questão religiosa» e a mesa-redonda que abordou a figura de Afonso Costa na triplice condição de homem, estadista e símbolo.

Há, com efeito, uma inter-relação entre eles, tornando-se indissociável da lei de separação da Igreja e do Estado, de 20 de Abril de 1911, o nome do então ministro da Justiça do Governo provisório. Poderá, talvez, acrescentar-se que Afonso Costa foi o «rosto» emblemático de um confronto que estalou na sociedade portuguesa a partir da aprovação do diploma citado, de um anátema que haveria de perpetuar-se para além da vigência da I República até ao retorno da vivência democrática, em Portugal.

E, no entanto, a génese desse conflito pouco terá a ver com a essência da religião e antes se situa no domínio das confrontações políticas nos últimos anos da monarquia, como salienta Raul Rego, na sua *História da República*, ao lembrar as tentativas dos católicos para se organizarem no plano temporal que deram origem ao Partido Nacionalista, cujos dirigentes, afirmando-se indiferentes à «forma de Governo dentro de qualquer regime», só aceitavam para os seus comportamentos «a aprovação do Sumo Pontífice».

Pretendiam os homens da I República retirar ao catolicismo a condição de «religião do Estado» que a Carta Constitucional consagrara, colocando em pé de igualdade todas as confissões religiosas existentes desde que não ofendessem a moral pública



Raúl Rego voltou a sublinhar os traços marcantes de Afonso Costa enquanto homem público

público português». Era a adopção prática dos princípios de laicização na sociedade portuguesa — já esboçados, de resto, no período monárquico — e tão caros aos republicanos do princípio do século, separando a Igreja do Estado e deixando a este uma posição de neutralidade.

Mas estavam em jogo outros interesses que, desde meados do século XIX, tinham avivado radicalismos. Os processos inquisitoriais não estavam, ainda, esquecidos e as teses da Revolução Francesa registavam apreciações avanços em Portugal. A Igreja tomara posição adversa ao liberalismo nascente através da encíclica *Quanta Cura*, de Pio IX, à qual foram anexadas as 80 proposições do *Syllabus*, o que provocara enorme celeuma entre os

va uma exigência dilemática.

Os propósitos laicizantes dos responsáveis republicanos haveriam de fazer-se sentir nos diversos sectores da vida portuguesa, com particular realce para os que, pela sua vertente cultural, iriam influir no desenvolvimento intelectual de uma nação marcada pelo analfabetismo. E só no consulado sidonista haveriam de registar-se os primeiros sintomas de reaproximação, entre o Altar e o Poder, sobretudo porque, a muitos católicos portugueses, não eram indiferentes as teses do liberalismo religioso, recusando, por isso, a intolerância que caracterizara as relações da Igreja com a sociedade civil. Aliás, o episcopado português, muito politizado, não aceitava desvincu-

rentes dessa realidade de que Raul Rego dá testemunho, citando um escrito, de 1912, do cónego Aires Pacheco, onde se lê que «a nomeação dos bispos, mais dependente do Governo do que da Santa Sé, recaía, de ordinário, em sacerdotes políticos, e só excepcionalmente em sacerdotes estranhos a qualquer agremiação da política militante».

Esta temática, que, a par de outras e para um conhecimento mais ampliado e sua divulgação do pensamento político, da ética e da moral dos responsáveis da I República, foi ontem aflorada no Congresso, ainda que o debate não se tivesse aprofundado como se desejaria, porque a questão religiosa é ainda actual. E porque o é, aqui, se lhe dá o devido realce, primeiro porque na mente dos portugueses nascidos a partir da década de 30 não se diluiu, de todo, a ideia inculcada do jacobinismo dos republicanos de 1910, do seu agnosticismo ou mesmo ateísmo; depois, porque as sociedades cristãs evoluíram em direcção a uma verdadeira liberdade religiosa, reforçando, sobretudo, os princípios da tolerância e fraternidade — que também são bandeira da República —, expressos e implícitos nos documentos conciliares e, hoje, geralmente seguidos pelo mundo cristão.

É a constatação dessa realidade actual, que não limita o catolicismo à mera realização de actos de culto nem dá ao poder político o direito de se sobrepor às convicções religiosas dos cidadãos, que levou ontem Carlos Faria Pimenta, no debate sobre «A Igreja e a questão religiosa», a sublinhar a aproximação das teses do Vaticano II às posições dos homens da I República.

«Porque eles tinham razão», como concluiu.

Cresce contestação ao bispo de Bragança

António Marujo

Novos abaixo-assinados apelam desesperadamente à saída do bispo de Bragança. A nunciatura não comenta. Mas os católicos transmontanos não desistem e dizem não poder continuar assim, apelando no final: "Tem de haver uma solução."

Circulam novos abaixo-assinados contra o bispo de Bragança, nos concelhos daquela diocese. A confirmação do facto é do jornal "A Voz do Nordeste", que ontem saiu, ao fim da manhã, em Bragança. Segundo aquele quinzenário, o documento pede ao nuncio apostólico da Santa Sé em Lisboa "um bispo que [nos] fale de Deus e não de política, que [nos] una e não [nos] divida, que seja caridoso e não vingativo, que seja humilde e não prepotente".

Da nunciatura, ontem contactada pelo PÚBLICO, não há "qualquer comentário" a fazer ao assunto. Mas o primeiro abaixo-assinado enviado para Lisboa — que recolheria cerca de dez mil assinaturas do concelho de Bragança, segundo "A Voz do Nordeste" — deixa a Igreja portuguesa e a representação da Santa Sé com um delicado caso entre mãos: sabe-se que o actual bispo de Bragança é contestado por muita gente, mas o Vaticano — último responsável pela nomeação e mudança dos bispos — não cederá nunca a pressões deste género, para retirar um bispo de uma diocese.

D. António Rafael também se fechou a qualquer contacto com a comunicação social. Mesmo depois de ser entrevistado pela RDP/Nordeste, o bispo voltou atrás, pedindo que as suas declarações não fossem transmitidas. O seu secretário, José Carlos Martins, afirma não conhecer esta entrevista, dizendo que o bispo apenas decidiu "não fazer declarações públicas", critério com o qual o seu secretário está "de acordo". Na emissora regional da RDP, entretanto, Estácio Araújo confirmou-nos a existência da entrevista e do pedido do bispo, que decidiram respeitar.

Com o bispo ausente em Madrid, na assembleia da Conferência Episcopal Espanhola, o secre-

PAULO DUARTE



D. António Rafael, o bispo contestado

tário afirmou ontem desconhecer ainda a existência do segundo abaixo-assinado agora noticiado. Pelo contrário, na sua opinião, "há uma calma real aqui na cidade, e começam a sentir-se reacções, porque há muitas pessoas que foram enganadas e objecto de uma burla", comentou. O jornal oficial da diocese, o "Mensageiro de Bragança", divulgou, no final da semana passada, notícias de várias pessoas que contavam a história dos seus filhos de 12 e 14 anos a serem convidados para assinar o texto da contestação. (Aliás, D. António Rafael acabou por atingir notoriedade nacional porque as suas polémicas homilias eram noticiadas pelo actual director-adjunto do semanário diocesano, Inocêncio Pereira, simultaneamente correspondente da agência Lusa em Bragança.)

O correio expresso vindo de Bragança

O PÚBLICO teve, entretanto, acesso à cópia da prova de entrega, pelos CTT, na nunciatura, do "express-mail" com o abaixo-assinado proveniente de Bragança. Do mesmo modo, as primeiras assinaturas do documento são

perfeitamente identificáveis. Citamos algumas: Noémia Veloso, Maria da Conceição Gonçalves, Maria José Machado Pereira, Luís Manuel Miranda Ferreira de Almeida.

Para José Carlos Martins, muitas das assinaturas do documento "são nomes que nem sequer existem" e outros são de crianças e pessoas a quem esconderam a verdadeira intenção da iniciativa. Segundo apurámos junto de responsáveis católicos em Bragança, houve de facto pessoas que terão assinado o texto, na convicção de que estavam a pedir apenas o regresso do Octávio Sobrinho Alves à paróquia "escolar" da cidade.

É neste facto que muitos situam a origem remota deste último episódio de contestação ao bispo de Bragança. O padre Sobrinho Alves foi demitido, pelo bispo, do cargo de vice-reitor do seminário e de responsável da paróquia "escolar" da cidade, em Setembro passado. Para muitos católicos de Bragança, esta foi a gota que fez transbordar a paciência. Sobrinho Alves afirmou ao PÚBLICO não ter "nada a ver com o abaixo-assinado" e que nunca foi contactado por ninguém para tal.

"Como sacerdote, a única

coisa que quero é construir a verdade na caridade, mas sem medo nem bajulações", afirmou o padre Sobrinho, repetindo a única posição pública que aceitou divulgar, no órgão oficial da diocese, correspondendo a um pedido que lhe foi formulado.

O certo é que um grupo de cem frequentadores da missa na paróquia escolar quis pedir ao bispo o regresso do padre Sobrinho, como responsável. Mas D. António Rafael só aceitou a receber um grupo de 22, e o diálogo terá sido bastante duro, com o prelado a recusar a proposta dos fiéis católicos.

"Tenha pena de nós, Senhor Nuncio!"

Nasceu então, da iniciativa de algumas senhoras, a ideia do abaixo-assinado posto a circular em Bragança, e enviado para a nunciatura, a que se segue agora o segundo documento com o mesmo objectivo.

"A paciência tem limites", diz o texto. "Não nos podem obrigar a aturar um megalómano que agora só pensa num desproporcionado palácio episcopal e numa catedral que lhe sirva de sarcófago", continua. E, logo a seguir, comparam os autores: "E tantas terras sem igrejas condignas, tantas terras sem assistência religiosa". E acabam com um apelo quase desesperado: "Tenha pena de nós, Senhor Nuncio Apostólico! É impossível que o Santo Padre queira assim uma diocese; mas, se for preciso, faremos chegar a ele o triste estado em que nos encontramos. Assim é que não podemos continuar. Tem de haver uma solução".

Depois de oito anos de conflito surdo entre o bispo e parte do seu clero (em 1983, depois de receber uma série de cartas anónimas, D. António Rafael pediu a intervenção da Judiciária, que inquiriu alguns padres considerados política e eclesialmente mais conservadores que o próprio bispo), os autores desta contestação organizada em abaixo-assinados esperam, a avaliar pelo texto, que a sua iniciativa possa produzir efeitos. A maior parte dos observadores contactados pelo PÚBLICO consideram, no entanto, que ela terá o efeito contrário ao pretendido. Ou que, passada a fase da euforia, o caso será progressivamente esquecido. A não ser que aconteça como a outros antecessores de D. António Rafael que desagravavam ao povo com a sua actuação e a quem a população, de um modo mais ou menos violento, acabou por expulsar. ■

Diário de Notícias

FUNDADO EM 1864

Cinco séculos de evangelização

EM REPRESENTAÇÃO do chefe da Igreja Católica, o cardeal-patriarca de Lisboa encontra-se em Angola para presidir aos quinhentos anos de missão da Igreja Católica naquele país. Neste momento em que sopra por todo o território um vento de paz que põe termo a longos anos de luta dos Angolanos, a Igreja Católica comemora cinco séculos de presença naquela grande nação africana. As celebrações prolongam-se até Junho do próximo ano e terão, então, a presença de João Paulo II. A missão da Igreja Católica começou com os missionários portugueses que ali chegaram ao mesmo tempo que os navegadores. Houve, assim, simultaneamente com as primeiras acções de conquista territorial uma intervenção aculturante em que o Evangelho foi pregado aos nativos, mas da qual sobreviveram costumes, tradições e as crenças nativas.

Hoje, põem-se várias questões relacionadas com a civilização e as suas origens, tema, no entanto, por vezes descontextado de uma época que estava ainda sob o domínio da actual consciencialização de valores sociais e direitos a que o homem de hoje se encontra sensível. Não só no continente africano ou no continente americano, mas na própria Europa, com a colonização romana, e posteriormente com o advento do cristianismo, as considerações a fazer são paralelas. O processo da civilização tem vários patamares, e a virgindade das culturas miscigena-se ao longo dos séculos. Como fez no Brasil, o chefe da Igreja Católica dirigirá a acção dos missionários portugueses em Angola nos quinhentos anos em que estes têm mantido a sua presença. Mas a actividade deles não se limitou à evangelização. Foi complementada através de acções de carácter social que, realizadas também em outras confissões cristãs, alfabetizaram populações autóctones, criando escolas, e as apoiaram com serviços, designadamente no campo da saúde, construindo hospitais.

Hoje, neste momento, se comemora são cinco séculos de cristianismo em Angola. Hoje, passada a turbulência dos primeiros tempos após a independência do grande país africano, o valor e o contributo da acção missionária são reconhecidos pelas autoridades do país. E os encontros que o cardeal-patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, terá com Jonas Savimbi e o Presidente José Eduardo dos Santos, embora ocorram sob o signo da consolidação da paz, testemunham o papel da Igreja no presente e no futuro do grande angolano.

No simpósio que decorreu em Luanda antes da festa nacional do catolicismo em Angola, foram encarrados vários aspectos da missão da Igreja, tendo sido postas em foco a «necessidade e urgência da encarnação do Evangelho na cultura africana», o que sublinha o reconhecimento da realidade autóctone e dos seus valores. Por outro lado, foi evidenciada a preocupação por «uma formação humana e cristã integral», de modo que a uma sociedade que tem sido marcada pelo sofrimento, por divisões profundas, pela desconfiança entre etnias, e por ódios provocados por uma guerra que só agora atingiu o termo sejam contrapostos valores como o respeito pela vida, a tolerância e o sentido da concórdia. São valores cuja aplicação a actual situação do país exige — para que a paz estabelecida há pouco seja decisivamente consolidada — e que a Igreja angolana se esforça por tornar efectivos.

Neste momento, ao celebrarem-se quinhentos anos de evangelização, é natural de Angola a quase totalidade do episcopado bem como o seu clero. O que significa que o cristianismo tem, hoje, ali, uma feição mais local e realista. Porquanto melhor compreenderá e mais perfeitamente se adaptará à cultura do país, deixando, assim, de ser uma desajustada tradução europeia.

Uma questão pouco clara

O JUIZ Clarence Thomas foi finalmente admitido no Supremo Tribunal dos Estados Unidos, após uma tempestuosa batalha que opôs, não tanto os republicanos aos democratas, ou mesmo os admiradores aos críticos daquele magistrado, mas sim os que duvidam aos que acreditam numa história de assédio sexual no local de trabalho alegadamente ocorrida há dez anos. A polémica, supostamente demonstrativa da abertura da democracia norte-americana ao tratamento público de todas as questões, acabou antes por ilustrar as distorções e os vícios do sistema. Infelizmente, não parece ter contribuído para uma melhoria da consciência colectiva do problema do assédio sexual.

Porque o problema existe, e deve ser tomado a sério. Nos Estados Unidos, como em Portugal, como em tantos outros países em que a mulher aprendeu a competir com o homem em áreas profissionais tradicionalmente masculinas, não poucas vezes pagou essa «intromissão» com o preço de ser importunada — nos casos mais graves submetida a uma espécie de chantagem de troca de melhores condições de trabalho por favores daquela natureza, nos outros incomodada com sugestões ou convites indesejados, e continuados para além do seu desagrado expresso.

É necessário fazer todas estas precisões porque, também nos Estados Unidos, não tem faltado o aproveitamento de situações de falso assédio, e o modo como o caso Clarence Thomas foi conduzido acabou por desencadear uma espécie de guerra dos sexos em

muitas áreas da sociedade, com suspeitas recíprocas, juízos de intenção e delírios persecutórios. A aproximação entre pessoas que se desejam pode incluir algumas das expressões que, usadas noutro contexto, devem ser condenadas como formas de abuso e de assédio sexual. Mas haja a sabedoria de as distinguir, porque o neofundamentalismo, associado a uma coisa a que nos Estados Unidos se chama hoje *political correctness* (à letra, *correção política*) seria capaz de condenar Romeu por assédio sexual de Julieta.

O assédio — e aqui a expressão em língua portuguesa é ajustada e reveladora — é uma forma de cerco, e não há memória de sitiados felizes. A primeira grosseira do *machismo* que o protagoniza é a de julgar-se no direito natural a essa forma de agressão, e a segunda a de decidir que tal cerco é implicitamente desejado pela mulher — mesmo quando esta o negue. A terceira é a de ser incapaz de compreender que são outros os caminhos da sedução.

A arrogância, a insistência não consentida, a deslegitimidade de atitude tipificam o assédio, que se torna particularmente danoso quando é exercido em aproveitamento abusivo de desníveis de hierarquia laboral. Como em muitas outras situações de convívio humano, é a imposição de vínculos de poder que envenena finalmente a relação, na medida em que estabelece um constrangimento que a parte ofendida podia, noutras condições, vencer em legítima defesa, restabelecendo a distância necessária perante o intruso. Os que pensam que este problema é apenas um tique de puritanismo norte-americano mal resolvido deverão informar-se melhor sobre o quotidiano das jovens operárias, empregadas de comércio ou dos serviços, num país que gosta de designar-se como sendo de «brandos costumes».

É este elemento agravante do abuso do poder, e da confiança na sua impunidade, que torna particularmente chocante o comportamento atribuído ao juiz Clarence Thomas — a ser exacta a versão fornecida por Anita Hill. Mas é também a luta pelo poder — neste caso a batalha política entre facções do *establishment* em Washington — que dá razões para duvidar dela. É visível que os adversários da nomeação daquele magistrado procuraram o escândalo, não porque tivessem decidido uma cruzada de moralização dos detentores de cargos públicos, mas porque era preciso encontrar qualquer coisa para o atacar — e o que apareceu como mais eficaz foi um episódio meio escabroso, logo aproveitado até à náusea.

Numa exibição do carácter vicioso deste procedimento, o magistrado foi combatido, dias a fio, com grande exposição televisiva, não pela justeza ou inadequação do seu perfil político a um elevado cargo público — e em muitas capitais ele seria simplesmente considerado reaccionário —, mas por esse episódio, sobre cuja exactidão persistem dúvidas, dado o carácter totalmente inconciliável das duas versões. O modo não foi pedagógico para a condenação do autêntico assédio sexual, nem para a sua destrição dos gestos legítimos de cortejar e seduzir. Clarence Thomas, tornado objecto de um assédio político pouco limpo, sobreviveu ao cerco com as eventuais culpas que tenha, e viu franqueadas as portas do Supremo Tribunal. Na sedução, há portas que só se abrem pelo lado de dentro.

O PAIS através dos jornais

PRIMEIRO DE JANEIRO

Discriminação

Um artigo de Manuel Aguiar

Emigrantes escolheram, vez mais, os seus representantes no Parlamento, em círculos, que a lei desincentiva com excessivo centrismo, de «Europa» para da Europa». O primeiro há mais de um ano, talvez quase um milhão de portugueses, e os 84 327 recenseados, não enviaram o seu sufrágio por correspondência em Lisboa 29 460. No sentido, que se estende por outros continentes, os expatriados serão, numa estimati-

va prudente, mais de dois milhões e meio. Os eleitores, exactamente 103 103. Os votantes, 31 642.

Como se vê, é enorme a desproporção entre os universos real e potencial de recenseados, explicada, à partida, pelo carácter facultativo do acto e pela decorrente impossibilidade de um esforço sistemático para combater tal alheamento. O que foi tentado, há quase dez anos, num ensaio legislativo mal sucedido, que visava incentivar *oficiosamente* o recenseamento, tornando-o obrigatório (em princípio, embora sem impor a aplicação de sanções), e facilitar a sua efectivação nos consulados ao longo do ano. Há, todavia, para este generalizado desinteresse bem mais decisivas causas. Por exemplo, uma representação limitada a quatro deputados em São Bento, independentemente do número de inscritos nos cadernos eleitorais, que configura a única excepção ao sistema proporcional adoptado na Constituição de 1976. E outras discriminações gritantes, como a polémica exclusão do voto nas presidenciais, contra a qual, aliás, o PSD se tem particularmente insurgido. (...)

PÚBLICO

Círculo vicioso

(...) Na sua origem, a arquitectura da administração pública — idealizada por Salazar e conservada, no seu essencial — adaptava-se a uma sociedade paralisada, em que era necessário pôr ordem nas finanças públicas e num conceito de Estado e de líder político à imagem do homem de Santa Comba.

O essencial desta arquitectura ainda hoje se mantém de pé. No limite absurdo, se, numa repartição pública, se acabaram os lápis e só existe provimento na rubrica destinada às borrachas, comprar-se-ão mais borrachas, mas ter-se-á de esperar pelo Orçamento do ano seguinte para se poder, enfim, ter mais lápis.

Esta estrutura acaba, naturalmente, por ser torpedeada por todos os lados, até porque existem normas legais que se anulam mutuamente e que podem sempre ser invocadas.

Cai-se, assim, num círculo vicioso, de que é difícil sair. É

que, se o bom senso nos leva naturalmente a ser compreensivos para as muitas «fugas» aos processos burocráticos — que, muitas vezes, são a única forma de ultrapassar certos bloqueios —, assim abre-se a porta à ausência de controlo e de moralidade.

Pela mesma porta por onde passam funcionários e políticos diligentes e bem-intencionados, podem igualmente passar os corruptos. Torna-se muito mais difícil separar o trigo do joio. Por um efeito perverso, as normas feitas para fazerem do Estado uma fortaleza moral tornam-se no melhor aliado da pequena e grande corrupção.

Exige-se, pois, a reforma do Estado, que nunca se quis — ou se foi capaz — emprender.

Uma reforma que deve compreender que a moralidade das questões públicas nunca poderá ser assegurada por normas burocráticas cada vez mais complexas, mas antes se deve basear na transparência dos actos da administração, única forma de possibilitar o seu controlo pelos cidadãos e, se necessário, pelos tribunais.

CARTAS ao director

Reformados

Tenho mais de setenta anos e na altura «regimental» passei à situação de aposentado da Função Pública. Vejo no vosso jornal a realização do Congresso de Gerontologia Social e, por isso, me interrogo se algum idoso esteve nele presente e fez ouvir a sua voz.

De toda a maneira, e sem perder de vista os tempos livres (que são quase todos), os equipamentos sociais (que são um descargo de consciência) e os trabalhos próprios (que podem ser alguns), ponho duas questões bem simples.

A aposentação pode ser aquilo que se chama *morte civil*, mas não se confunde

com eutanásia. Não há uma boa morte como não há uma boa aposentação. Ninguém quer que o matem e ninguém se quer realmente matar!

O que achamos urgente é fixar uma pensão mínima igual ao salário mínimo nacional. Nem mais nem menos! Desde já, porém, devia ir diminuindo a distância que separa um montante do outro, para que um dia sejam iguais e seja, assim, encontrada a meta da justiça.

Do mesmo modo, é urgente atribuir aos reformados subsídio de refeição equivalente, pelo menos, ao benefício que se obtém indo almoçar aos Serviços Sociais, quase sempre situados longe da residência, onde não podem ficar sempre os familiares no activo para cozinhar.

São problemas tão simples e tão humanos estes! Continuamos, no entanto, à espera de que o Governo, cheio de prestígio, se lance na tarefa da indexação das pensões aos vencimentos, matando, nessa matéria, com uma *cajadada* a diferença entre idosos e novos e, no seio dos idosos, entre os antigos e os modernos.

Guy Teixeira
Lisboa

DN 8/5/97

Recusada conversão de Salman Rushdie

NEM CONVERTENDO-SE, ou dizendo que o fez, o autor dos *Versículos Satânicos* escapa ao anátema sobre ele lançado pelo falecido *ayatollah* Komeiny. Os dirigentes da comunidade islâmica da Grã-Bretanha recusam a profissão de fé e o arrependimento de Salman Rushdie, por considerarem que não se trata de uma atitude «verdadeira e sincera».

O escritor, que vive numa clandestinidade forçada desde que foi condenado à morte, como blasfemo, por Komeiny, anunciara, em Dezembro, a sua conversão ao Islamismo, durante um encontro com dois imãs (sacerdotes) muçulmanos.

Mas numa reunião agora efectuada por 34 imãs, na mesquita principal de Londres, foi decidido continuar a considerar Rushdie como blasfemo enquanto não renegar os *Versículos Satânicos* e retirar o livro do mercado, «pois as palavras têm de ser acompanhadas por actos».

A Música perde Silva Pereira

Um dos maestros portugueses mais notabilizados no estrangeiro, Silva Pereira, morreu, ontem, no Hospital Egas Moniz, vítima de doença prolongada. Contava 79 anos.



Silva Pereira: uma vida dedicada à Música e notabilizada como director de orquestra

O MAESTRO Joaquim da Silva Pereira bem cedo iniciou a sua carreira musical, pois a sua primeira apresentação pública como violinista aconteceu aos 11 anos, em Lisboa. Diplomado, depois, pelo Conservatório Nacional, onde obteve as mais elevadas classificações, seguiu, então, para Paris, ali estudando, largos anos, sob a orientação de professores como Jacques Thibaud e George Enescu.

Tendo percorrido diversos países como concertista, Silva Pereira, que no conjunto da sua carreira dirigiu 150 orquestras sinfónicas na Europa, Estados Unidos, Japão, União Soviética e África, foi, durante muitos anos, destacado elemento da Orquestra Sinfónica Nacional, só se dedicando mais tarde à arte de reger, remontando a sua estreia, em Lisboa, como maestro, ao ano de 1947.

Como bolsheiro do Instituto da Alta Cultura em Viena, onde trabalhou com Hans Swarowski, obteve nesta cidade, com a classificação de *Excelente*, o diploma de director de orquestra, tendo sido, igualmente, discípulo de Car-

lo Zecchi, em Itália, alcançando a primeira classificação, entre 54 alunos, no curso de Verão da Academia Chigiana de Siena, em 1956. Desempenhou, de 1957 a 1974, o cargo de maestro-director da Orquestra Sinfónica do Porto, e, de 1964 a 1965, o de director do Conservatório da capital norte-nha. Para além de ter sido presidente da Comissão Nacional da Música (UNESCO), foi, também, director musical do Teatro de São Carlos, no tempo de João Paes, e pode

dizer-se ter sido o maestro português que mais vezes dirigiu a Companhia Portuguesa de Ópera do Teatro da Trindade.

Silva Pereira fez a sua primeira digressão pelos países de Leste da Europa, em 1971-1972, dirigindo concertos na União Soviética, Checoslováquia, Bulgária e Jugoslávia, apresentando-se, também, no Brasil e nos EUA, país que o fez cidadão honorário de Lansing, capital do Estado de Michigan.

Membro do júri dos con-

ursos internacionais de Génève, Orense, Washington, Canadá, Villa-Lobos, Luís Costa e Viana da Motta, Silva Pereira exerceu, desde 1974, o cargo de director da Orquestra Sinfónica da RDP, ocupando, igualmente, as funções de chefe de departamento das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa. Recorde-se, aliás, o papel relevante desempenhado pelo maestro, ao lado dos músicos, durante o processo de extinção destas orquestras.

Silva Pereira dirigiu, também, em Dezembro de 1984, no Teatro de São Carlos, a Orquestra da RDP, tendo como solista Vasco Barbosa, no concerto comemorativo dos 120 anos do DN.

Eleito, em 1975, o maestro do ano por Bucareste e possuidor de várias condecorações, Silva Pereira, viúvo, era pai de Maria Judite Silva Pereira e de Manuel Silva Pereira, adido cultural da Embaixada de Portugal em Luanda e nosso antigo colega de Redacção, e irmão de Maria José Silva Pereira e de Elisa Regina Silva Pereira.

A missa de corpo presente é, hoje, celebrada, às 14 e 30, na Basílica da Estrela, onde o corpo se encontra, desde a tarde de ontem, em câmara ardente, seguindo o funeral, às 16 horas, para o cemitério do Alto de São João.

À família enlutada, em particular a Manuel Silva Pereira, o *Diário de Notícias* apresenta as mais sentidas condolências.

Hora evangelista chega à Guatemala

Bertrand de La Grange

As Igrejas evangélicas entraram em competição aberta com a Igreja Romana na América Latina, onde vive metade dos católicos de todo o mundo.

Fontes de fricção com as hierarquias eclesásticas tradicionais, podem ser também um trunfo político, como no Peru, onde influenciaram o eleitorado na escolha de Fujimori como Presidente da República, e, sobretudo, na Guatemala, onde há três meses um pregador evangelista se transformou em Chefe de Estado.

Sem grande pudor, Pedro, de 25 anos, conta todas as suas antigas perversões. Alcoolismo, droga, roubos para comprar cocaína, e mesmo homossexualidade, diz ele com uma expressão de profundo desgosto. Não omite nenhum pormenor escabroso, para que o seu auditório verifique como é que mudou desde que «reecontrou Jesus Cristo». A cena passa-se num hotel da capital guatemalteca, onde se reúnem, todás as segundas-feiras, os membros de uma célula da Fraternidade dos Homens do Evangelho Completo, que agrupa protestantes e alguns católicos carismáticos.

As confissões públicas desenrolam-se à hora do almoço segundo um ritual criado na Califórnia e adoptado por 53 células existentes na Guatemala (cerca de três mil aderentes). Depois do *benedicite*, os convivas entoam cânticos religiosos e a seguir dois ou três dirigem-se ao microfone a fim de contarem as suas infelicidades. Entre duas garfadas, os seus correligionários aplaudem ou riem gostosamente quando a «testemunha» começa a fazer troça de si mesma.

«O êxito da nossa organização», defende o presidente da secção guatemalteca da Federação Internacional dos Homens do Evangelho Completo, Roberto Velasquez, «deve-se ao facto de nos reunirmos para falar dos nossos problemas». Todos afirmam que este empenhamento religioso modificou a sua atitude e lhes permitiu restabelecer uma vida de família calorosa e relações profissionais harmoniosas.

Catorze mil templos

Noventa por cento católica há pouco mais de vinte anos, a Guatemala vive neste momento na época evangelista, depois de ter eleito, facto sem precedentes, um protestante para a Presidência da República. Hoje em dia, cerca de 30 por cento dos 9 milhões de habitantes pertencem a uma

das trezentas denominações protestantes instaladas no país. Segundo Edmundo Madrid, presidente da Aliança Evangélica da Guatemala (organização que reúne cerca de uma centena de denominações), há mais de 14 000 templos evangélicos no país — muitos mais do que as igrejas católicas — sem contar com os Mórmones e as Testemunhas de Jeová.

«As Igrejas protestantes tradicionais» (luterana, metodista, presbiteriana, baptista) «são muito minoritárias. A linha conservadora, até fundamentalista, domina fortemente, sobretudo com os pentecostais e os neopentecostais, que representam por si só 75 por cento dos evangelistas. Depois de tantos anos de violência, de medo e de desespero, as pessoas descobriram na Bíblia uma forma de se aproximarem de Deus. (...) As igrejas pentecostais aparecem como um refúgio contra os vícios que agravam a pobreza e as divisões familiares», acrescentou.

Os pastores — todos guatemaltecos, ao passo que metade dos padres católicos são estrangeiros e não falam as línguas indígenas — são designados pelos fiéis no seio da sua própria comunidade e não dependem de nenhuma hierarquia. «Isso explica em parte o êxito dos evangelistas, porque cada comunidade

escolhe a sua igreja, o seu pastor e até o seu ritual», sublinha Peter Townsend, director do Instituto Linguístico de Verão, organismo protestante criado nos Estados Unidos, que traduziu o Novo Testamento nas vinte e uma línguas utilizadas pelos índios de origem maia (60 por cento da população total).

Tanto na capital como nas zonas rurais, onde os índios constituem a imensa maioria da população, os templos estão a abarrotar e não apenas ao domingo. Os serviços religiosos são semelhantes muitas vezes a concertos de variedades — a guitarra eléctrica e o órgão electrónico substituíram a tradicional marimba (um grande xilofone) nos cantos mais remotos —, que se transformaram a pouco e pouco, graças à música e aos cânticos incansáveis dos fiéis, em histeria colectiva no momento da «descida do Espírito Santo».

Os índios e as classes médias parecem os mais atingidos, mas o fenómeno é idêntico nos pequenos templos dos bairros de lata e nas gigantescas salas equipadas com ecrãs de vídeo dos bairros mais remediados. Os serviços religiosos da Elim, uma das mais importantes igrejas evangélicas, são espectaculares. Repartidos por três andares, vários milhares de fiéis gritam e dançam antes de atingirem o êxtase, com os

braços no ar, de joelhos ou deitados no chão.

A Igreja mais discreta

O Presidente da República, Jorge Serrano, pertenceu vários anos à Elim antes de passar para uma igreja mais discreta, o Sgaddai. No dia 13 de Janeiro, vésperas da sua tomada de posse, os seus correligionários organizaram uma cerimónia privada no decurso da qual não hesitaram em o apresentar como «o profeta de Deus» encarregado de pôr cobro a trinta anos de violência na Guatemala. Jorge Serrano obteve 68 por cento dos votos expressos, o que constitui evidentemente um motivo de inquietação suplementar para a hierarquia católica, já muito abalada com a progressão espectacular dos evangelistas.

Alguns bispos vêem na chegada ao Poder de um protestante o resultado de um *complot* montado pelos Estados Unidos a partir do fim dos anos 60, com o objectivo de combater a teologia da libertação.

Numa carta pastoral difundida em Janeiro de 1989, o arcebispo da Guatemala, monsenhor Prospero Penados, afirma que Washington apoia os «grupos não católicos (...) para consolidar o seu poder económico e político na América Latina», porque «os evangelistas defendem uma

concepção individualista da salvação eterna que coincide plenamente com os postulados do liberalismo e portanto com o capitalismo». O presidente da Conferência Episcopal, monsenhor Rodolgo Quezada, apesar de ser considerado o mais progressista dos bispos da Guatemala, não acredita nada na teoria do *complot*. Considera que certos pastores evangélicos estão mais empenhados no plano social que certos padres católicos. «Não acho que venha a existir uma confrontação religiosa, porque o Presidente Serrano não cometerá a asneira de favorecer os protestantes», afirma.

Os bispos acham que, para travar a vaga protestante, a Igreja Católica deve também manter uma presença no terreno político. É por isso que a hierarquia católica e mesmo o Vaticano têm evitado até ao momento tomar posição sobre o caso do padre Andres Giron, eleito deputado pela Democracia Cristã e designado para a presidência da Comissão Parlamentar dos Direitos do Homem. «É uma maneira de manter o equilíbrio», diz o padre Giron, com uma grande gargalhada. O Presidente da República é um evangelista fundamentalista e o presidente da Comissão dos Direitos do Homem é um padre... revolucionário!

(Exclusivo DN-«Le Monde»)

Canal da Igreja não será apenas para católicos

— disse Roberto Carneiro após nomeação para presidente da TVI

O CONSELHO Geral da Televisão Independente elegeu, ontem, por unanimidade, Roberto Carneiro presidente daquele órgão, após uma reunião que «marca uma nova etapa» do processo de constituição do quarto canal televisivo, recentemente atribuído pelo Governo. Duarte Cunha e Nuno Guedes transitam da anterior para a actual direcção.

«Tarefa complexa, mas exaltante», foram as primeiras palavras do novo presidente da TVI, que afirmou aos jornalistas pretender «prestar um serviço digno que vá ao encontro das aspirações de todos os portugueses».

Sendo um canal da Igreja Católica, Roberto Carneiro foi peremptório ao afirmar que «em Portugal não há lugar para um canal de televisão só para católicos». Em seu entender, «há lugar para um canal de inspiração humanista e cristã, que seja veiculador dos valores universais, valores que estão na base da própria matriz cultural

portuguesa e da maneira de ser do povo português e da civilização ocidental a que pertencemos».

Nesse sentido, «ao tomar esta decisão histórica, faz-se uma proposta aberta a todos os portugueses sem excepção: católicos, cristãos, não cristãos, ateus, agnósticos, de qualquer outra religião», frisou.

Na presença de D. José Policarpo e do presidente cessante, Xavier Pintado, Roberto Carneiro acrescentou que «seria grave que outra concepção mais mesquinha pudesse estar na base desta proposta».

Enfrentar polémicas sem ter medos

Para cumprir estes princípios, o responsável evocou quatro requisitos «fundamentais» na implantação da TVI. Primeiro, apontou, ter o «sentido do diálogo aberto com todos os portugueses, promover o diálogo entre os portugueses e en-

tre estes e o mundo». Em segundo lugar, a TVI deverá prestar um serviço cultural «que possa estimular a pessoa livre, inteligente, sensata, onde as questões mais polémicas da contemporaneidade estejam presentes, sem ter medo de enfrentar as grandes questões».

O sentido da independência perante lobbies, interesses particulares e privilégios foi outro aspecto considerado essencial para o presidente, para quem a TVI «é uma televisão que não pode estar ao serviço de um privilégio social, cultural ou político».

Finalmente, o «pluralismo» integrará também o projecto, que «aposta na grande riqueza da diversidade dos portugueses e no valor da diferença».

Defender regras de concorrência

À recente notícia de que o Governo não irá subsidiar as duas televisões privadas, Roberto Car-

neiro referiu, a exemplo do que se passa noutros países, que «ou a televisão pública tem acesso ao mercado publicitário dentro das regras de competição abertas, tal como os canais privados, ou todos têm acesso a um sistema de financiamento, através de subsídios do Estado ou de taxas, cobradas junto dos utentes».

Referindo não ser para si «claro que os dois sistemas se venham a acumular», o presidente da TVI apontou, no entanto, que se a televisão estatal acumular os dois processos, esse «não é necessariamente o melhor sistema».

Como ponto de partida do seu trabalho, Roberto Carneiro pretende estudar os múltiplos *dossiers* e integrar-se em todo o processo, de modo a «tomar, a curto prazo, as decisões que são estrategicamente importantes». Na sua opinião, neste momento, as estratégias não passam ainda pela nomeação de pessoas, mas por «decisões importantes quanto à forma

como a TVI vai estruturar-se, emitir e chegar a casa dos portugueses».

Sobre a questão do sexo e da violência nas televisões, e sobre o que se tem especulado na matéria em relação à TVI, Roberto Carneiro foi claro, dizendo que «a TVI não será uma televisão puritana, nem fará caça às bruxas, pejada de fantasmas sobre o que pode ou não transmitir».

A programação estará, no entanto, limitada a um princípio, segundo o responsável. «O que a televisão oferece terá de estar imbuído de muito respeito e não agredir as pessoas», realçando a «oferta de alta valia cultural e humanista», cujas opções «irão permitir a adesão maioritária dos portugueses».

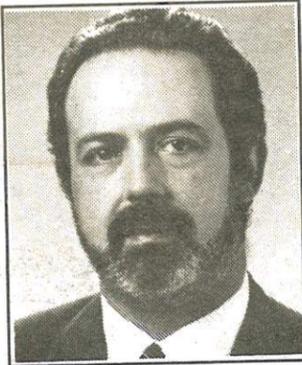
O presidente do Conselho Geral referiu, entretanto, que a questão da rede transmissora continua a ser estudada, não tendo ainda sido feita uma opção entre a Teledifusão ou a criação de uma rede própria.

Saber ou não saber, eis a questão

A abertura dos arquivos da polícia secreta da ex-RDA, a Stasi, quando esses arquivos estavam mais que «vivos» — os dados mais recentes datam de há dois anos — foi um acto de coragem política dos Alemães. Exactamente por o ser foi motivo de grande controvérsia. Recordo-me de uma discussão que tive com Willy Brandt — e não foi só uma conversa mas uma discussão —, em que ele

defendia veementemente não apenas o encerramento dos arquivos da Stasi como inclusive a sua destruição. Eu, em plena altura em que se decidia do futuro dos arquivos da PIDE-DGS, defendia a sua preservação e rápida abertura. Mas Brandt tinha razão num ponto: a abertura desses arquivos seria fortemente traumática para a nação alemã, não apenas a Leste, mas também a Oeste. Nesta questão há dois aspectos distintos. O primeiro, que é comum aos arquivos da Stasi, da

É exactamente porque a natureza policial dos regimes comunistas impregna toda a sociedade que não é possível o carácter perverso dos regimes e a actividade das organizações policiais



José Pacheco Pereira

uma forma brutal, a forma intrinsecamente policial desses regimes. A actividade policial tem aí um carácter estruturante da própria sociedade, a começar pela obsessão, pela segurança como principal fio condutor de toda a acção, e a acabar na delação «de massas». Na verdade, no comunismo, o principal factor de engenharia social foi a polícia política.

Os arquivos apreendidos pelo Exército alemão, durante a invasão da URSS, em 1941, e depois apanhados pelos exércitos aliados, já tinham revelado não só a extensão das delações nos regimes comunistas como o seu carácter «social», muito mais do que estritamente político. Enganam-se, pois, os que pensam que era a conflitualidade política o principal «inimigo» da actividade policial. Pelo contrário, os processos cuidadosamente elaborados pelo NKVD incluíam denúncias, julgamentos e severas punições a «crimes» tão pouco políticos como o da camponesa que, tendo abusado do seu vodka e deixado os porcos fora do curral do kolkhoz durante a noite, pagava com tal «crime» uma deportação para um dos campos da Sibéria.

Na lógica dos regimes totalitários comunistas deixar os porcos — propriedade colectiva do kolkhoz — fora do curral era um comportamento anti-social, que revelava as perigosas tendências

subversivas da camponesa. A camponesa do lado, kolkhoiziana de choque, não podia deixar, por isso, de cumprir as suas obrigações face à sociedade e denunciar o alcoolismo da vizinha.

Aliás, a mesma lógica e o mesmo entendimento sobre a naturalidade do regime comunista levava a considerar que a dissensão política não podia deixar de ser uma manifestação patológica, uma doença. Se o regime comunista restituía, pela abolição da propriedade privada, o homem a sua bondade natural, só por (loucura) é que qualquer indivíduo recusava esse retorno às suas origens ontológicas. O envio de dissidentes para «tratamento» em hospitais psiquiátricos era a conclusão inevitável quem actuava contra os seus próprios interesses tinha uma «doença» anti-social e devia ser sujeito a «cura».

É exactamente porque a natureza policial dos regimes comunistas impregna toda a sociedade que não é possível realizar uma ruptura com o carácter perverso desses regimes sem expor a actividade das organizações policiais. O trauma da revelação dos arquivos da Stasi acompanhará as últimas gerações que viveram na RDA, mas favorecerá a ruptura das seguintes com a experiência do comunismo. E por isso que, neste caso, adaptando o dilema de Hamlet, acho preferível saber a não saber.



Na nas forças militares e policiais que os regimes comunistas assentavam

PIDE-DGS ou de qualquer outra polícia política não democrática, tem a ver com o carácter intrinsecamente perverso do que se encontra nestes arquivos. Se o trabalho policial é essencialmente sobre as fraquezas humanas, as polícias políticas reduzem-se praticamente à exploração dessas fraquezas. O objectivo fundamental da repressão política é destruir os factores de personalidade que se traduzem na coragem das atitudes de revolta, e para isso as polícias recorrem não só ao puro terror e violência, mas à depravação da identidade daqueles que entendiam como inimigos. A manipulação da homossexualidade, a chantagem sobre a vida íntima, a exploração dos vícios privados eram os prin-

cipais instrumentos de actuação policial, em particular na obtenção de informações e de denúncias.

Os arquivos são, pois, penosos do ponto de vista ético: estão cheios de denúncias de familiares sobre familiares, de amigos sobre amigos, de companheiros de trabalho sobre companheiros de trabalho, numa rede de pequenas traições que atravessa toda a sociedade, desde os clubes de futebol até às igrejas.

O segundo aspecto tem a ver com aquilo que os arquivos como o da Stasi e, sem dúvida, no futuro, quando se conhecerem, os da Tcheca-NKVD-KGB, revelam da própria natureza totalitária dos regimes comunistas. Nesses arquivos espelha-se, de

3 2 1 a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

Faleceu em Lisboa o professor Barahona Fernandes, com 84 anos. Ao longo da sua vida, em que desenvolveu intensa actividade científica e clínica e se empenhou na defesa da democracia, João Barahona Fernandes fez amizade com grandes vultos da cultura e da filosofia, como António Sérgio, Carlos Reis ou Viana da Mota. Teve também participação activa na Associação de Médicos Escriitores e em acções de alerta para os perigos da guerra nuclear. Ainda a semana passada havia participado numa cerimónia de homenagem ao médico Pulido Valente e fazia parte da comissão que em breve vai homenagear o psiquiatra Eduardo Luís Cortesão, recentemente falecido. O funeral de João Barahona Fernandes realiza-se amanhã às 10 horas da Igreja de São João de Deus para o cemitério dos Olivais.



No fecho

DW - 23/1/92

Diário de Notícias

O combate à seca

AS MEDIDAS anunciadas pelo Executivo para combater os efeitos da seca que está a fazer sentir-se no País parece não terem despertado grande entusiasmo entre os agricultores. De qualquer modo, foi positivo que o Conselho de Ministros não tivesse levado tanto tempo quanto se receava a estudar a maneira mais eficaz de enfrentar a situação — como o ministro Arlindo Cunha explicou que iria ser feito, no final do seu encontro com os parceiros agrícolas, quando estes o procuraram, há dias, preocupados com o crescente agravamento da situação.

Como se sabe, a ausência de chuvas tem vindo a suscitar um generalizado mal-estar entre os homens ligados à terra e ao gado. O panorama é preocupante em todos os sentidos: quer no que diz respeito à agricultura e à pecuária quer, também, no que toca às populações em geral. As autarquias não escondem os seus receios de que o abastecimento público venha a sofrer drásticas reduções quando o Verão apertar. Neste momento, por exemplo, o flagelado Alentejo bebe já as reservas de Agosto. Sem esquecer que as afluências mensais de água aos aproveitamentos hidroeléctricos têm vindo a ser notoriamente inferiores ao desejável, afectando, a médio prazo, o fornecimento de energia.

O cenário traçado pelo Instituto Nacional de Meteorologia não deixa margem para dúvidas nem permite optimismos. É mesmo bastante claro e objectivo. Ainda que a partir de agora, e até à chegada do Verão, haja uma precipitação superior à normal nesse período do ano, os resultados práticos desse tardio aparecimento da chuva já pouco ou nada adiantarão. Este é, pois, um ano de excepção e confrontamo-nos com a pior seca dos últimos dez anos.

É evidente que se não espera do Governo que mande encher as albufeiras onde elas já, preocupantemente, roçam as quotas mínimas. Tão-pouco que se sobreponha às forças da natureza e faça chover a rodos onde até as orações falharam. Mas exige-se-lhe, naturalmente, que acuda com os fundos necessários e imediatos, de forma a minimizar os resultados desastrosos da seca no que diz respeito aos seus efeitos na agricultura e, muito particularmente, no sector animal. É sombria a ameaça que pende sobre as culturas da Primavera, muitas das quais, tudo assim o indica, nem chegarão sequer a ser semeadas. Por outro lado, sabe-se que a rede de barragens com que o País conta não é de modo nenhum famosa, não surpreendendo que muitas das zonas de regadio estejam já a não ter água suficiente para a rega.

OPINIÃO

Tudo isto poderá deixar muitos agricultores à beira da falência e só uma ajuda por parte do Estado poderá evitar que acabem por desistir da vida que escolheram. Entretanto, os animais, especialmente os bovinos, começam a morrer de fome e desidratação, e corre-se o risco de ter de cair-se no abate maciço e indiscriminado das reses. As pastagens escasseiam, as reservas de água ao alcance das manadas estiolam e, por si sós, os criadores não têm recursos com que enfrentar a catástrofe iminente.

Compreende-se, assim, a expectativa criada pela promessa do ministro no sentido da aplicação de «um naipe de medidas adequadas e rápidas» para obstar à situação. Rápidas, foram-no; adequadas, e a avaliar pelas primeiras reacções dos visados, nem tanto. A Confederação Nacional da Agricultura não esconde mesmo as suas reservas — não propriamente em relação à verba consignada para auxílio dos agricultores (20 milhões de contos) mas, sim, ao modo como virá a ser aplicada. Ao mesmo tempo, não disfarça os seus receios sobre a quanto irão ascender os juros dos créditos especiais. Daí que tenha já reiterado o seu propósito de integrar as comissões de acompanhamento da crise, para uma avaliação justa das situações e repartição dos meios de auxílio. Uma repartição que não se adivinha pacífica nem será isenta de críticas, mas que o ministro se recusa a remeter para um organismo expressamente criado para esse fim. Em seu entender, essa é uma tarefa que será da exclusiva competência dos técnicos do Ministério, com a colaboração de organismos vocacionados para esse tipo de questões, como sejam os diversos institutos de apoio financeiro ao desenvolvimento agrícola. Para tanto, irão ser criadas fichas de candidaturas para os agricultores e serão as direcções regionais de agricultura que, no terreno, irão avaliar a gravidade das situações.

Com a nossa atávica propensão para a burocracia e o arrastar dos processos, é legítimo o receio de que nem a chuva caia nem as medidas cheguem aos respectivos destinatários com a brevidade que se deseja. Seria dramático que, por falta de resposta adequada (sobretudo, atempada), a situação de pré-catástrofe com que já muitos dos agricultores e criadores de gado portugueses se confrontam viesse a transformar-se em catástrofe total.

Pontos de convergência

NÃO É A PRIMEIRA vez que uma organização sindical, entre nós, pede para ser recebida por uma instituição da Igreja Católica. Há ainda poucos dias, a CGTP teve, a seu pedido, um encontro com o representante da Conferência Episcopal portuguesa.

Os temas abordados nestes encontros estão sempre relacionados com problemas existentes na área laboral, e com situações daí decorrentes, e que contendem com a vida dos trabalhadores.

Neste momento, e embora os índices de desemprego

no País sejam os mais baixos de toda a Comunidade Europeia, existe uma evidente instabilidade social, com greves em vários sectores e contestações às tutelas das respectivas áreas. Ultimamente, uma vaga de greves tem criado alguma perturbação não só nos espaços com ela relacionados mas na própria sociedade civil, como é o caso da greve dos transportes e a da função pública.

Já há alguns meses a CGTP tinha tido, também a seu pedido, um encontro com o Secretariado da Comissão Nacional Justiça e Paz, que é um organismo de leigos que depende da Conferência Episcopal portuguesa. As questões enunciadas nesses encontros dizem sempre respeito à área do trabalho.

Transcorrida que foi aquela fase em que a Igreja era suspeita aos trabalhadores, e na sequência desse juízo sofreu alguns momentos de dissabor, representantes das duas centrais sindicais, da UGT e da CGTP, já se encontraram com altas figuras da Igreja portuguesa. Diga-se que alguns dos principais dirigentes sindicais no nosso país militaram, quando jovens, em movimentos de feição operária como a JOC e a LOC, organismos de inspiração católica que tornaram visível a sua presença e, de algum modo, tiveram a intervenção que lhes foi possível durante a vigência do regime do Estado Novo.

De há um século para cá, tornaram-se conhecidas algumas encíclicas pontificias sobre o mundo dos trabalhadores, e ainda recentemente foi comemorado o centenário da *Rerum Novarum* pelo actual Papa João Paulo II com uma outra encíclica, também sobre o mesmo tema, a *Centesimus Annus*.

Segundo um dos dirigentes da CGTP, ao representante da Conferência Episcopal, D. Albino Cleto, foram apresentadas posições sobre «valores que são caros à Igreja, os quais estão em quebra». Esses valores têm a ver com a solidariedade e com a justiça social.

Na última encíclica do actual Papa, a *Centesimus Annus*, a solidariedade é apresentada como sendo «um dos princípios básicos da concepção cristã da organização social e política». Em todo este contexto, em que abundam os problemas, o homem surge como centro de uma sociedade que, frequentemente, o esquece, atraída por um macrocosmo de interesses e de outros valores em que o económico prepondera de modo absoluto.

É também naquele documento pontifício que se assinala que «as questões levantadas pela sociedade não são examinadas à luz de critérios de justiça e moralidade, mas antes na base da força eleitoral ou financeira dos grupos que as apoiam».

Naturalmente que a mensagem da Igreja concebida nestes e em outros termos, que põem em relevo a «centralidade do homem dentro da sociedade», tem bastantes pontos comuns aos movimentos sindicais, em tudo aquilo que se relaciona com o cumprimento da justiça social e com a valoração e o respeito da dignidade da pessoa humana, neste caso dos trabalhadores.

O encontro de representantes de um aparelho sindical com um dignitário da Igreja Católica dificilmente terá, hoje, quaisquer efeitos políticos. Mas nem por isso deixa de sublinhar áreas de convergência entre uma instituição, que dispõe de uma enorme força espiritual, e estes movimentos. Sempre que está em causa a dignidade de quem trabalha.

D. h. 21-3-92

Rei Nicolau

A BRIU ao público, no Porto, a exposição medieval que fez parte da nossa representação da Europa de 1992 e causou surpresa entre os estrangeiros. Se nos julgavam um pequeno reino de contrabandistas que faz do mesmo o seu último expediente, caíram na realidade entre doce e amargo de nos incluírem numa História rica e grande. Aqui, em Portugal, uma geração de mestres-escolas, dados na convicção de que o 25 de Abril foi para nós o marco de uma civilização e antes disso não existiu nada, uma exposição como esta balde de água fria. Não faltam séculos, desconfortos da vaidade e a bitola abaixo do calcanhar de milhares dos Portugueses que é o tema de admitir que a insignificância é uma regra de democracia. Pente as referências ao passado, houvesse quem se murasse na ignorância num reino que, se cheira mal, é a mesma um reino a preservar. «Urraca? Quem era a Urraca?», disse uma jovem, ferida nos seus princípios que são os de se pôr a salvo numa cultura de casta. Há quem, não podendo admirar ninguém de qualquer maneira, Urraca existiu e fazia parte do nosso imaginário da construção primária. Decerto era bruto como um calhau, mas significava um direito na horda dos pretendentes que marcavam territórios e zelavam vontades. Assim se fez a História e a nossa apresentação no mundo. A exposição foi recebida no Museu Soares dos Reis, que funciona no Palácio das Carrancas. É a moradia que

os Moraes e Castro mandaram construir com o ouro do Brasil, que, pelos vistos, não ia todo a reboque das fragatas inglesas e alimentava muitas bocas no reino. Os Carrancas, os Moraes e Castro, portanto, (de quem se lê, no *Guia do Porto*, que chamavam assim por terem ar severo, o que é uma golpada no senso comum e um autêntico disparate), tiveram que alojar Souto no seu palácio quando da segunda invasão francesa. Era das suas janelas, segundo a lenda, que Souto lançava dinheiro a quem lhe desse vivas, chamando-lhe «Rei Nicolau».

Ora, o marechal do Império Jean de Dieu Souto nunca teve na vida o nome de Nicolau. Era um *soubriquet* que o estado-maior do marechal Ney lhe tinha posto e que se destinava a todos os falhados. Como a campanha de Portugal, não primou pelo êxito, Souto recebeu o nome de Nicolau. E se alguém ia para debaixo das janelas do Palácio dos Carrancas dar vivas ao «Rei Nicolau», só o podia fazer por troça, o que estava conforme com o espírito dos Portuenses. É tal a força de um erro que em 1988, em *Les Autographes* está escrito «Jean de Dieu dit Nicolas», com a melhor das intenções. E, em 1949, o erudito alemão Paul Kauhausen, conservador dos arquivos da cidade de Dusseldorf, ao escrever sobre Souto na Alemanha renana, refere-se a «Nicolas» Jean de Dieu.

Descendente de uma família provençal, Jean de Dieu Souto era filho de um notário que morreu cedo, deixando, com dez anos apenas, o mais velho dos seus herdeiros. Essa carreira forjada na pobreza disciplinada

Apesar dos seus méritos e ideias rasgadas, reconhecidas por Bonaparte, o filho de um notário de La Bastide recebera da cultura do foro, dos seus antepassados, a ideia romana de que os generais fazem-se para ser reis



Agustina Bessa-Luis

que converte os sonhos em direitos, só foi possível graças às convulsões da História e ao génio de quem as combina com as audácias oportunas.

Aos vinte e cinco anos Souto era general. Isto é uma abreviatura do destino para com os homens que ele protege.

Quando Luís XVI, foi guilhotinado, Jean de Dieu considerou esse acontecimento um crime. Havia já nele um monólogo interior, desses que se propagam a partir de imaginações ambiciosas. Ele contava que o pai se dizia descender dos condes Souto, da Provença, o que o levou a fazer investigações, de resto interrompidas pelas obrigações de quartel.

Quando nos enobrecemos, ou é porque aspiramos a grandes destinos, ou é porque desistimos de todo de aspirações. Não é de estranhar, que o marechal Souto caído na em-

boscada de uma expedição para a qual não tinha homens, nem provisões, mas que lhe parecia mais política do que guerreira, insiste junto do Imperador para que ele designasse um soberano para Portugal. Obtendo 30 000 assinaturas das cidades desde Braga até Aveiro, tanto do clero como da nobreza e dos negociantes, apresentou um *dossier* a Napoleão tão volumoso que teve de ser destruído quando da retirada, para não comprometer os signatários caso caísse nas mãos do inimigo. O Imperador levou muito a mal a pretensão de o seu general, duque da Dalmácia entretanto, pôr na cabeça a coroa de Portugal. Sobretudo levou a mal que ele estivesse a fazer mais intriga do que campanha. Como se verifica pelo género de invasão que foi a de Massena, munida de jovens oficiais, escolhidos para deslumbrar a mocidade de Portugal, desiludida com a casa de

Bragança e as suas táticas, ou simplesmente as suas desistências, Napoleão pensava conquistar Portugal graças a uma acção política, uma vez que não o podia assegurar com garantias permanentes. De qualquer modo, Souto incomodava-o porque se adiantava com uma intriga pessoal, em vez de trabalhar para uma causa comum, que era a glória da França. No seu gabinete do Palácio dos Carrancas, Souto devia ter estremecido com a carta que recebeu de Bonaparte: «Como é que esqueceu que o poder que exerce sobre os Portugueses derivava do comando que lhe confiei e não do jogo de paixões e de intriga? Como, com o talento que tem, pode pensar que eu consentiria jamais em deixá-lo exercer qualquer autoridade sem que a tivesse de mim? Há, em tudo isto, um esquecimento dos princípios e um desconhecimento do meu carácter...»

Entretanto, por insídia e escárnio, debaixo das janelas do salão, ainda fresco das pinceladas de mestres italianos, os vadios davam vivas ao «Rei Nicolau». Um homem de porte arrogante, alta estatura, fisionomia latina, o bastante grosseiro para agradar ao povo e o suficientemente culto para não alegrar os seus rivais, merecia ser rei de qualquer coisa. As calúnias nasceram-lhe pelo caminho e chegaram depressa à corte de Bonaparte, que se pôs feito uma fúria, tanto mais que devia emburrar com aqueles colossos sujeitos a depressões nervosas e que custavam fortunas. Ele conhecia o espírito do saque que anda a par do sentimento da glória. Mas desprezar um general do Império estava longe das suas cogitações.

Faz parte da disciplina do soldado amar a vitória, e ela só pode ser conseguida quando se acredita nos homens que a presumem.

As calúnias eram tão evidentes, que Napoleão nunca deixou de manifestar a Souto uma afeição cordial e até saudosa já quando ditava as suas *Memórias a Las Cases*. Ele sabia que não medira seriamente as dificuldades a ter em conta na expedição de Portugal; e que Souto tivera alguma razão ao querer dar um soberano a um país desgraçado pela anarquia e que acabaria por se arriscar a tudo com as forças que dá a desilusão e que são mais devastadoras do que até o sentimento da desforra.

O Rei Nicolau não chegou a ter viabilidade, apesar dos seus méritos, que eram muitos, e das suas ideias rasgadas, reconhecidas por Bonaparte. O filho de um notário de La Bastide tinha recebido da cultura do foro que seguiram os seus antepassados a ideia romana de que os generais fazem-se para ser reis. O historiador inglês Robert Southey afirma que uma deputação de portugueses do Porto lhe propuser tomar o poder num país abandonado pelos seus soberanos. E que Souto teria respondido que não estava na sua mão um tal assunto. Mas, entretanto, dizia-se que mandava cunhar moeda e pagava a quem gritasse pelas ruas da cidade: «Viva o Rei João». Tudo é possível, inclui-se a suspeita venenosa de que Souto estava louco. É a última praxe da calúnia. Uma vida longa remedia, no entanto, as perdas dos inimigos e até as razões da imparcialidade, que são tenebrosas algumas vezes, e que se chamam diplomacia.

Salman Rushdie está a preparar romance

SALMAN RUSHDIE, que vive escondido há mais de três anos após ter sido condenado à morte pelo ayatollah Khomeini, começou a escrever um novo romance, *The Moor's Last Night* («O Último Suspiro do Mour»), e anunciou a editora. A obra deverá estar pronta em Dezembro de 1993 e será publicada pela Jonathan Cape and Vintage. A editora sente-se «honrada em publicar o novo romance de Salman Rushdie», afirmou a sua directora, Frances Coady. Segundo o autor dos *Versículos Satânicos*, o seu próximo romance fala de uma história contemporânea que se passa num mundo onde vivem todos exilados, orientais e ocidentais, depois de abandonarmos as nossas velhas certezas.



O que é o CONSELHO PORTUGUÊS DE IGREJAS CRISTÃS

pelo Pastor MANUEL P. CARDOSO*



O Conselho Português de Igrejas Cristãs, que é costume abreviar com a sigla COPIC, é uma organização através da qual as Igrejas e Projectos Sociais cooperam uns com os outros.

São membros deste Conselho a Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, a Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal e a Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica. O Exército de Salvação e a Igreja Evangélica Alemã de Lisboa têm o estatuto de observadores.

Em quase todos os países de maioria cristã existe agora o que se designa "Conselho Ecuménico de Igrejas" ou "Conselho Nacional de Igrejas". O COPIC é, pois, o conselho ecuménico português. A própria lei portuguesa prevê a necessidade da existência de uma tal organização quando, por exemplo, para os cidadãos beneficiarem de dedução no IRS são tomados em consideração os donativos que fizerem a "Igrejas, entendidas estas como as confissões cristãs ou organizações, além da Igreja Católica, que estiverem agrupadas no Conselho Ecuménico das Igrejas" (ofício-circular nº X-5/91, do SAIR).

ENTRE AS IGREJAS PORTUGUESAS

O COPIC nasceu de uma proposta feita no dia 12 de Maio de 1982 no seio da Comissão Intereclesiástica Portuguesa pelo distinto médico

e musicólogo Dr. Leopoldo de Figueiredo, pregador da Igreja Lusitana e filho do primeiro Bispo-eleito que aquela Igreja teve. A acta dessa reunião reza assim: "Foi em seguida dada a palavra ao Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo que falou sobre a necessidade de desenvolver o ecumenismo em Portugal, o qual precisa de ser dinâmico e não estático. Para tal torna-se indispensável, disse, uma união das Igrejas sinodais. Sugere a organização de grupos de pessoas interessadas das diferentes Igrejas, no Norte e Sul, para estudo destes problemas, e promover-se a realização de um retiro no qual tomem parte todos os pastores no intuito de se afirmar o espírito ecuménico. Apresentou depois a seguinte proposta cujo teor é apenas para base do início da discussão: Conselho Nacional de Igrejas - Artigo 1º) A fim de que entre as diferentes Igrejas Evangélicas Portuguesas possa desenvolver-se um espírito ecuménico para acordo dos problemas de evangelização e compreensão mútua, e possibilidades de contacto dos diferentes sistemas eclesiológicos e estudo comparado da sua teologia, num nível superior e especulativo, é criado em Portugal o Conselho Nacional de Igrejas, com representação oficial das denominações de que se compõe".

Vale a pena sublinhar nesta proposta o desejo do seu autor de que a organização a criar fosse aberta às "diferentes Igrejas Evangélicas Portuguesas". Como não havia em Portugal nenhuma organização que pudesse congregiar e representar as Igrejas Evangélicas, o Dr. Leopoldo

de Figueiredo via no futuro Conselho Nacional essa organização tão necessária.

ORIENTAÇÃO ECUMÉNICA

Parece que uma das dificuldades que até recentemente foram sentidas por algumas Igrejas para pedirem a sua adesão ao COPIC é a orientação ecuménica que o anima. Os fundadores do COPIC usavam a palavra "ecuménico" no sentido já usado pelos evangélicos no século passado de *pluridenominacional* - é ecuménico o movimento em que se envolvem cristãos ou Igrejas de *diferentes denominações*. Mas os mais conservadores têm visto no movimento ecuménico duas coisas e ambas a seus olhos más: 1) Ecuménico lembra-lhes o Conselho Mundial de Igrejas (o **Mundial** em algumas línguas é **Ecuménico**, *Conseil Oecuménique des Eglises*, por exemplo) e o CMI lembra-lhes, por sua vez, o Programa Contra o Racismo que levou a PIDE e o governo português da época a acusar aquela organização de "ajudar os terroristas" a matar portugueses. É claro que a ajuda do CMI não era a "terroristas" mas de tipo humanitário: a associação, porém, ficou em muitos espíritos; 2) outra ideia que se tem em certos meios do ecumenismo é que ele significa o regresso dos protestantes a Roma. É um disparate pensar-se assim, bem entendido, mas é um facto que alguns tiram essa conclusão. É de supor, entretanto, que Portugal está a mudar, começa a vislumbrar-se um modo menos tacanho

de ver os problemas e pode esperar-se que possamos vir a ultrapassar todos os preconceitos de outros tempos e venhamos a trabalhar em conjunto.

JUNTOS E AUTÓNOMOS

Trabalhar em conjunto não implica perda de identidade. Os conselhos ecuménicos de Igrejas têm, em geral, uma base fundamental, ou, digamos, uma "declaração de fé", muito reduzida, justamente para não serem confundidos com "super-igrejas". Eles são, acima de tudo, instrumentos de cooperação, de acção comum, e não têm de requerer das Igrejas membros senão o mínimo no campo da fé. Veja-se a Base Fundamental do COPIC: O COPIC é um organismo cooperativo de Igrejas que confessam Jesus Cristo como Deus, Senhor e Salvador, segundo as Escrituras, e que, portanto, procuram cumprir juntas a vocação comum para a glória de Deus Uno, Pai, Filho e Espírito Santo" (Base I). O que é que isto tem contra os 39 Artigos da Comunhão Anglicana? Ou contra a Confissão de Westminster? Ou contra as várias declarações de fé que existem em Igrejas reconhecidas pela sua seriedade? Nada. Mas é suficiente para não permitir no seu seio grupos que nada têm a ver com o Cristianismo.

No dia em que escrevemos estas linhas recebemos um telegrama do conselho congénere da Finlândia, o Conselho Ecuménico da Finlândia, de seu nome, onde colhem informação que acaba de ser ele novo

Secretário-Geral, agora um Pastor baptista. Neste país, de maioria luterana, há dez Igrejas que formam o Conselho, entre os quais, obviamente a Igreja maioritária, mas também a Igreja Ortodoxa, a Igreja Metodista, a Igreja Baptista, o Exército de Salvação e a pequena Igreja Católico-Romana da Finlândia.

A acção comum pode fazer-se na diaconia, no testemunho, na reflexão teológica, na evangelização, etc. Tudo o que pudermos fazer juntos não o devemos fazer separados.

UMA ESTRUTURA SIMPLES

A estrutura adoptada na fundação do COPIC (10 de Junho de 1971) não se pode dizer que seja muito simples. Nos últimos anos vimos reflectindo na necessidade de a simplificar, havendo já alguns avanços nessa reflexão, mas, de qualquer forma tal como existe não é um impedimento à sua acção. Tem quatro órgãos: o **Colégio da Presidência**, formado por cada representante máximo das Igrejas-membros, com a participação do Secretário-Geral; a **Direcção**, constituída por três delegados de cada Igreja-membro; o **Secretário-Geral**, alguém eleito pela Direcção para coordenar toda a acção do Conselho; e o **Congresso**, órgão facultativo que, sob proposta da Direcção, o Colégio da Presidência pode convocar de três em três anos, sem número fixado de participantes. O Colégio da Presidência dá orientação geral ao COPIC, a Direcção toma as decisões

e o Secretário-Geral vela pela sua execução. Para assegurar o direito das Igrejas-membros à sua identidade, existe o recurso ao **veto**: nenhuma decisão pode ser tomada se uma das delegações unanimemente votar contra. A figura do veto pode levar por vezes a demoras e obstruções, mas é um desafio para que se aprofunde entre nós a discussão. O extraordinário movimento cristão chamado "Quakers" (Sociedade dos Amigos) há séculos que tem o princípio de só tomar decisões por unanimidade, e não se tem dado mal com isso...

Além dos órgãos mencionados, há secretariados que actuam sob a sua supervisão. Mas a tendência que a prática inspira é concentrar as actividades do COPIC na sua Direcção, como já acontece em Conselhos de Igrejas formados mais recentemente. Na França, por exemplo, onde, curiosamente, o Conselho nasceu por proposta da Igreja Católico-Romana (que, naturalmente, é um dos seus membros, com baptistas, pentecostais, irmãos, reformados, metodistas, etc.) a estrutura é muito simples e tem quase como única e suficiente razão de ser a relação permanente entre as Igrejas.

Este artigo já vai longo. Esperamos ter com estas linhas deixado informação suficiente para que os membros das nossas congregações possam ter um conhecimento maior desta organização de que, através das suas Igrejas, também fazem parte.

* Actual Secretário-Geral do COPIC.

Índice chega ao quinquilhão

Estudo da Andima revela que a inflação brasileira chegou a 9.018.006.445.190.841.344% (nove quinquilhões) de 1829 a setembro de 1993. Só nos últimos 5 anos, a alta de preços ultrapassa a média de

1.000% ao ano. Para o ex-ministro Máilson da Nóbrega, as condições macroeconômicas e políticas este ano são as mesmas de 1989, só que agravadas pelo déficit do Tesouro. (*Negócios e Finanças*, página 1)

O Supremo Tribunal Federal decidiu, por unanimidade, receber a denúncia do Ministério Público contra o ex-ministro do Trabalho Antônio Rogério Magri, por crime de corrupção passiva. Os ministros dividem-se, porém, quanto à validade da principal prova da acusação, a fita gravada na qual Magri confessa haver recebido uma propina de US\$ 30 mil para intermediar "um negócio do FGTS". (Página 4)



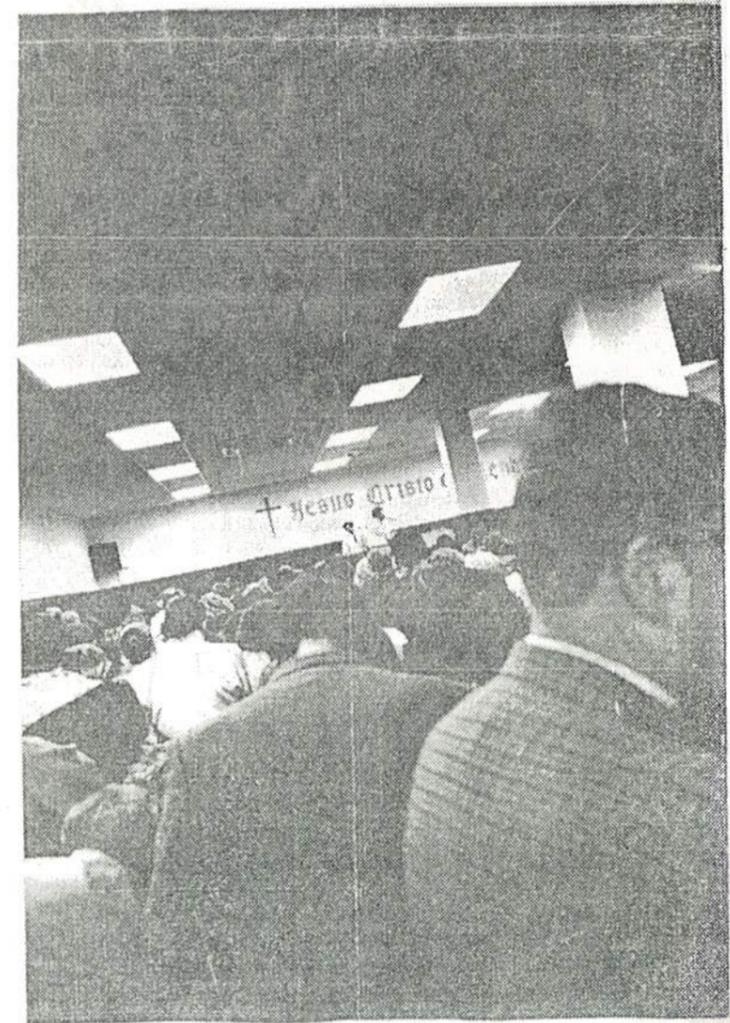
Às
avessas

VASCO PULIDO VALENTE

Ind.
10/9/93

As «seitas»

As «seitas» estão aí para ficar e a Igreja Católica não perderia com um pequeno exame de consciência.



Por conversas de amigos, por um pequeno artigo de Frei Bento Domingues, por uma notícia aqui e ali, por um editorial no «Diário de Notícias», por alguns lamentos do padre Carreira das Neves e por dois ou três minutos de televisão, lentamente percebi que existia hoje em Portugal um problema com as denominadas Igrejas Evangélicas, a que a Igreja Católica denomina «scistas». Não falo, evidentemente, da Igreja Ortodoxa ou das Igrejas protestantes tradicionais: os luteranos, os presbiterianos, os anglicanos ou os baptistas, embora a sua influência cresça a olhos vistos. Nem falo sequer dos adventistas do Sétimo Dia ou das Testemunhas de Jeová, instituições já velhas ou, pelo menos, notórias. Falo das Igrejas Evangélicas modernas, ou pelo menos aqui desconhecidas, cuja audiência e quantidade têm aumentado extraordinariamente. Só na lista dos telefones, descobri as seguintes: a Igreja Cristã Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia - Movimento de Reforma, a Igreja de Cristo, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, a Igreja Evangélica das Boas Novas, a Igreja Evangélica Pentecostal do Movimento Missionário Mundial, a Igreja Filadélfia, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica, a Igreja do Nazareno, a Igreja Portuguesa de Cientologia, a Igreja Universal do Reino de Deus, o Maná - Igreja Cristã e o Movimento Carismático Católico.

Confesso a minha ignorância sobre a origem e a natureza destas «seitas» e sobre a prática e os pontos de doutrina que eventualmente as dividem entre si. Também desconheço o que as separa do catolicismo romano. Mas não há dúvida de que meia dúzia delas prosperam. A Igreja de Filadélfia tem 5 telefones em Lisboa, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tem 27, bem como «estacas» (imagino que delegações) em Lisboa, Porto, Setúbal, Oeiras e Matosinhos, e uma missão. A XVI Assembleia do Movimento Carismático Católico, que se

reuniu em Fátima, compareciam 2500 participantes de todas as dioceses do país: este Movimento considera ser «uma alternativa» à Igreja Católica estabelecida, pretende «reeditar o cristianismo na sua fase inicial» e é também claramente evangélico. Nos trabalhos de Fátima, sobressaiu um leigo mexicano, um tal Prado Flores ou Pepe, que em especial exaltava os delegados. A Igreja Universal do Reino de Deus comprou em Lisboa os antigos cinemas Império (por dois milhões de contos) e Alvalade; no Porto, comprou o cinema Vale Formoso (por 300 000 contos); em Matosinhos o cinema York; em Vila Nova de Gaia, o Gaia; no Barreiro, o Cine-Teatro Barreirense; no Estoril, o S. João e o S. José; em Setúbal, o Júpiter; e, em Aveiro, pensa no Cine-Teatro de Estarreja. A Igreja Universal também tomou conta de várias estações de rádio: a Rádio Placard, a Rádio Miramar (Paço de Arcos) e a Rádio Liz (Leiria). Pela Rádio Placard (hoje a estação local mais ouvida no Porto) pagou 400 000 contos.

Quanto ao número de fiéis não se pode passar de um cálculo aproximado. A Igreja Universal encheu o pavilhão Rosa Mota com 10 000 pessoas. Esta semana a «bolha» do Maná, uma espécie de festival que a RTP mostrou, andava perto disso e oficialmente o Maná reclama 250 000 crentes no país inteiro. Na generalidade, estes cultos vieram do Brasil (a Igreja Universal e, suspeito, o Maná) ou do Estados Unidos (o Movimento Carismático Católico e a Igreja de Filadélfia). Infelizmente os jornais dizem pouco sobre a sua essência. Parece que a Igreja Universal procede a «exorcismos» e que o seu chefe e fundador, o bispo Edir Macedo, foi processado no Brasil por curandeirismo. Pelo que observei na RTP, os exorcismos e o curandeirismo não são igualmente anátema no Maná: a saída da

«bolha», por exemplo, uma senhora admitia com inteira candura que Deus lhe dera a miraculosa faculdade de curar ou, com mais precisão, que através dela Deus curava. E dois adolescentes garantiam que o Maná os redimira do tabaco e da droga.

Esta acrescentar que a prosperidade de parte destas Igrejas se deve à contribuição dos fiéis. Tanto a Igreja Universal como o Maná cobram, ou tentam cobrar, a velha «dízima», por outras palavras, um décimo do rendimento total dos conversos. O Maná chega mesmo a proclamar que «o melhor cofre é a Obra de Deus», uma variante do aforismo clássico, segundo o qual

cada moeda do tributo a Deus (de facto, à Igreja) renderia cem. Não há maneira de averiguar quanto recebem os pastores evangélicos das suas ovelhas. Mas não parece que essa esmola, ou esse investimento, seja irrisório.

E a Igreja Católica no meio de tudo isto? Perante o sucesso das «seitas», o bom padre Carreira das Neves declara que há nelas qualquer coisa «de

atraente, de sedutor e de verdadeiro». Sem dúvida. Conviria, no entanto, completar o argumento: há nelas qualquer coisa «de atraente, de sedutor e de verdadeiro» que não há na Igreja Católica. Para não ir mais longe, em poucas semanas, o bispo de Setúbal defendeu o uso do preservativo, o padre Feytor Pinto acusou o clero e os leigos de não «investirem» no ensino da sexualidade por medo e por causa de «uma mentalidade muito obscena» (sic) e o próprio Movimento Católico de Estudantes, num requisitório que lembra os piores excessos do livre-pensamento jacobinizante, declara o ensino da Igreja em matéria de sexo: irrealista, inaplicável, sem «credibilidade» e sintoma de uma vontade de domínio «profundamente imoral» (sic). Em suma, desta e de outras maneiras, a comunidade dos crentes, a

«Mãe», à sombra da qual se nascia, se vivia e se morria, acabou por se tornar numa prisão. As «seitas», pelo contrário, com regras fluidas ou talvez até sem regra alguma, criam uma comunidade em que se consola o desespero e o vácuo da grande multidão hedonista, ignorante e desiludida das cidades. A «seita» ela pertence, como não pertence à família (que desapareceu), ao partido (que faliu) ou à Igreja Católica (que permanece remota e autoritária). Na seita se exprime em liberdade, imediata, directa e carnalmente.

Contra esse apelo tão forte e tão definido, a Igreja Católica propõe-se recomendar aos padres «tolerância» e mandá-los «sair de casa» ao «encontro das pessoas», «com genica e sentido crítico» (sic). Será fatalmente uma catástrofe. A complacência intrínseca a este programa não serve para trazer ninguém ao redil. E para quê pôr os padres na rua à procura de pecadores? Não têm eles milhares de igrejas paroquiais? Não têm a Rádio Renascença? Não têm a TVI, agora ornada com a reluzente cara de Albarrã? Não lhes basta para «encontrar pessoas»? Basta. O ponto é que, por alguma razão, cada vez mais pessoas recusam o «encontro» e preferem as «seitas». As «seitas» estão aí para ficar e a Igreja Católica não perderia com um pequeno exame de consciência.

A minha primeira Bíblia

A notícia, no último número do «Portugal Novo», sobre o falecimento de minha irmã, D. Mariana de Figueiredo Gomes, palavras de sentimento que agradeço, trouxe mais uma vez à minha memória o modo como uma Bíblia, a primeira que possuí, me caiu nas mãos. Tinha minha irmã, já casada, uma casa de pensão em Coimbra, e eu freqüentava o seminário, estudando então preparatórios para seguir o curso de teologia. Um dia dirigiu-se ela a mim, com um livro na mão, e disse-me:

— Isto é uma Bíblia, que certo hóspede me ofereceu: não quero cá este livro, que é da religião dos protestantes, leva-o para tua casa, e queima-o. Tem cuidado, não o leias, que são doutrinas heréticas!

Minha irmã tinha sido educada num convento, sendo por isso profundamente católica romana nas doutrinas e práticas da sua Igreja. Nêsse caminho religioso não fez ela adeptos, mas era grandemente querida de toda a família pelo seu bom coração, sendo estimada por quantos a conheciam pelo seu carácter bondoso.

Quando a entregar-me a Bíblia com a forte recomendação de não a ler, vê-se bem que era pouco psicóloga. Dar a um rapaz de 17 anos um livro, e ao mesmo tempo dizer-lhe que não o lêsse por ser livro perigoso, isso equivalia a lançar êsse jovem no caminho contrário!

E penso eu às vezes: que força misteriosa a impediu de pôr no fogo com as suas mãos o excomungado volume, que ela receava poder envenenar-me a alma?!

Nessa ocasião, eu não sabia coisa alguma a respeito da Religião Reformada, ou dos protestantes. Tinha uma vez ouvido dizer que esta gente não ia á missa, e confessava-se a um buraco, feito na parede. Isto não satisfazia a minha curiosidade: queria saber mais. Mas, na ignorância da doutrina religiosa, seguida pelos protestantes, continuei eu, até áquela ocasião em que das próprias mãos d'aquela crente católica-romana recebi o indispensável livro para o meu esclarecimento.

— É agora a ocasião, dizia eu comigo, quando levava a Bíblia para minha casa, de conhecer a religião dos protestantes.

E não tardou muito tempo, que a não abrisse. Li algumas páginas no princípio, folheei o meio, e também fiz a leitura de páginas dos Evangelhos. Após tal exame, tive êste pensamento:

— Não encontro cousa alguma desarrazoada, o que tenho lido é tudo bom: como vou estudar teologia, hei-de certamente descobrir então doutrinas falsas.

Chegou essa ocasião. Possuía já a Vulgata Latina, e por muito tempo andei confrontando êste livro, considerado verdadeiro, com a tal Bíblia, julgada falsa. As passagens, porém, que nos livros de teologia eram apresentadas como base do dogmatismo católico romano, lá estavam na tal Bíblia exactamente, sem palavra a mais, sem palavra a menos!

— Ha aqui qualquer cousa, que ainda não pude perceber, foi a conclusão a que cheguei do confronto que fiz.

Tendo ido, passado pouco tempo, a uma povoação perto de Coimbra, encontrei providencialmente um livro, para ali abandonado, cheio de pó, e que tratava de religião. Intitulava-se «Lucilia» o livro achado, e a sua leitura interessou-me extraordinariamente, porque me ensinava o que tinha grande desejo de saber.

Em certa parte d'êsse livro lamentava-se a proibição da leitura da Bíblia, e ao mesmo tempo se afirmava que os ultramontanos, convindo-lhes a ignorância do que ali estava escrito, declaravam que as bíblias de edição protestante estavam corrompidas, falsificadas, viciadas!!!

Fez-se então luz no meu espírito: a verdade religiosa estava nas Sagradas Escrituras. E guardei a Bíblia, que uma piedosa católica-romana colocou em minhas mãos, longe estando ela de alcançar os salutares resultados, que graças a Deus havia de produzir o livro santo na minha educação religiosa.

J. Santos Figueiredo

quatro semanas seguindo depois para Cádiz.

Primeira portuguesa ordenada pastor

Miriam Valente, de 35 anos, casada, é, desde o fim da tarde de ontem, a primeira mulher pastor protestante portuguesa.

liderada pela ex-presidente da Conferência Metodista da Grã-Bretanha, Kathleen Richardson, e pelo superintendente-

Miriam Valente ordenada no Porto

«A IGREJA necessita tanto do homem como da mulher, até porque, em certos aspectos, nomeadamente na formação pessoal, a mulher tem uma maior sensibilidade», referiu, ontem, no Porto a britânica Kathleen Richardson, presidente da Conferência Metodista, durante a ordenação de Miriam Lopes Valente, a primeira mulher portuguesa a exercer a função pastoral.

A cerimónia, em que foi ordenado também o pastor José Cerqueira, decorreu, ontem, no templo da igreja do Mirante, no Porto, na presença do superintendente-geral, reverendo Ireneu Cunha, o mais alto responsável metodista português.

Roupa normal

Miriam Valente apresentou-se vestida normalmente, envergando a toga de pastor a meio da cerimónia, na qual estiveram presentes cerca de cem membros da Igreja Metodista e, ainda, alguns curiosos.



DN-Eduardo Tomé

► MIRIAM VALENTE foi ordenada na igreja do Mirante

A Igreja Evangélica Metodista instalou-se em Portugal através de pastores ingleses. Actualmente, conta com cinco mil fiéis portugueses, estando a maioria concentrada no Norte do País. Kathleen Richardson referiu ainda que «o ministério feminino iniciou-se, há 20 anos, em Inglaterra e tem sido muito bem acolhido, porque tem o seu lugar na Igreja».

MULHERES NA IGREJA



Portugal passa a ter, a partir de hoje, a primeira mulher pastora de uma igreja protestante, enquanto o Parlamento britânico confirma, por larga maioria, o ministério feminino na Igreja Anglicana

IGREJA METODISTA ABRE CAMINHO

Pastora ordenada no Porto

Chama-se Miriam, tem 35 anos e vai ser ordenada, hoje, no Porto, pastora da Igreja Metodista, tornando-se, assim, na primeira mulher portuguesa a assumir, formalmente, o ministério numa igreja protestante.

ANTÓNIA DE SOUSA

A ordenação de Miriam Lopes Valente será conferida pela representante da Conferência da Igreja Metodista de Inglaterra, Kathleen Richardson, que foi a primeira mulher presidente da Igreja Metodista. Miriam apresentar-se-á vestida «normalmente», devendo envergar a toga de pastor a meio da cerimónia, que se realiza na igreja do Mirante, no Porto, de onde é natural.

Teóloga, a ensinar o Antigo Testamento no Seminário Evangélico de Teologia, a nova pastora conta já com dois anos de estágio pastoral numa igreja metodista.

«Há dois anos que faço todo o trabalho pastoral. Apesar de não ser ordenada, tenho uma autorização para celebrar os sacramentos, que é dada na falta de pessoa habilitada. Tenho realizado todos os actos do culto e feito assistência espiritual. É um trabalho que não é muito diferente do que faz um padre católico na sua paróquia.»

Filha de um pastor metodista, casada com um membro da Comissão Executiva da Igreja Presbiteriana e mãe de uma menina, a viver em Santo António dos Cavaleiros, confessa que o pai, um homem muito tolerante, teve grande influência na sua vocação. «O meu pai ficou um

pouco famoso porque abriu uma igreja metodista numa aldeia do Minho, chamada Valdosende, onde fez uma experiência de evangelização, que reverteu numa melhoria das condições de vida das populações.»

Educada na Igreja, teve na adolescência o seu tempo de opção de a frequentar ou não. Situa essa fase nos fins dos anos 60, princípios de 70, «uma época de modificações de cultura e de mentalidades». Viveu esse tempo «com grande activismo político na esquerda, influenciada pelos hippies e pelas movimentações dos estudantes, em 69, em Portugal».

Na acção, aprendeu a reflectir: «Nessa altura, fiquei com a sensação de que a Igreja tinha ficado nos anos 50. Não se tinha deixado desafiado pelos novos tempos. E achei que a mensagem do Evangelho tinha muito a dizer à nova geração, embora a Igreja não tivesse encontrado uma palavra activa para os jovens, por exemplo, que iam para a guerra do Ultramar. Também em relação ao conflito de gerações a Igreja tinha ficado desfasada.»

Processo lento

A vocação surge num processo lento, que se foi desenvolvendo, ao longo da vida, através «de muitas formas e vivências», que considera «como parte de um chamado». «Eu tinha certa atracção por alguma espiritualidade na religião, na filosofia e até nas questões esotéricas.» O seu caminho viria a determinar-se, porém, num encontro de jovens europeus de igrejas protestantes e ortodoxas, que se realizou em França, em 1978.

«Fiquei muito impressionada com uma celebração ecuménica da Ressurreição feita pelos ortodoxos, pela diferença de religiosidade em relação ao protestantismo, que é muito mais seco e mais pobre.» E sublinha:



DN-Eduardo Tomé

MIRIAM LOPES VALENTE, a primeira mulher portuguesa ordenada pastora

TESE DE Mestrado sobre Antigo Testamento

PERFUMES E EROTISMO

O perfume e o erotismo no Antigo Testamento é o tema da tese de mestrado que a teóloga Miriam Lopes Valente está, actualmente, a preparar.

«Como soube?» E diz que ainda é cedo para falar, que está ainda muito atrasada e que a sua tese não é sobre o erotismo, mas sobre os perfumes, que têm a ver com o erotismo, isso sim.

O tema apaixonou-a, obviamente. Foi o comércio dos perfumes que nos levou à Índia!

O cravinho, a pimenta, o açafraão eram essências, na época. Passa a explicar-nos as diversas utilizações de cada um desses produtos, ainda só em conversa.

Depois pedimos-lhe que nos contasse como tudo começou.

«Tudo começou por um trabalho. Peguei no *Cântico dos Cânticos* e fiz um estudo dos termos das plantas aromáticas. A seguir comeci a pesquisar o valor desses aromas na

cultura, comércio e na religião. Achei que era um tema interessante, porque foi um elemento que ficou de fora no protestantismo, que despiu o culto de imagens e de tudo que evocava os sentidos e a emoção. A partir daqui decidi que era um tema interessante para o mestrado.»

Fez já todas as leituras, embora ainda não tivesse passado à fase de sistematização. Insistimos para que nos diga o que descobriu.

«Descobri que a noção de bem-estar, prazer, alegria de viver era manifestada, na Antiguidade, através dos perfumes, dos óleos aromáticos, do aroma do vinho e da comida.»

Qual é então o significado dos perfumes no Antigo Testamento?

«No Velho Testamento, os perfumes são referidos no culto e exaustivamente nomeados no *Cântico dos Cânticos*, que é um poema erótico e, ao mesmo tempo, religioso. É essa a chave da interpretação. Se

dissociarmos a alegria do culto do bem-estar geral afectivo, de tudo aquilo que há de bom na vida, criamos um grande problema. Pensar que o prazer da vida e inimigo da fé deu lugar ao puritanismo, de que o protestantismo é muito herdeiro.»

Em relação à presença e significado do perfume no Novo Testamento, quando Maria Madalena derrama perfume sobre os pés de Jesus, afirma:

«No Novo Testamento, os perfumes aparecem também associados à pessoa de Jesus, como forma de manifestação da gratidão e da alegria das mulheres pela sua presença.»

«E Jesus gostava e valorizava esses gestos, porque, dizia, em tempo de festa não era tempo de se jejuar. Quando ele estava connosco era tempo de festa, não era tempo de jejum.»

A. S.



► O BISPO ANGLICANO de Boston é uma mulher: Bárbara Harris

PARLAMENTO BRITÂNICO VOTA EM PESO

Igreja Anglicana vai ter pastoras

A ordenação de mulheres na Igreja Anglicana foi confirmada, sexta-feira, na Câmara dos Comuns, por uma esmagadora maioria de 215 votos contra 21. A inequívoca votação dos deputados britânicos removeu assim um obstáculo legal, inesperadamente colocado por uma das tendências mais conservadoras. A contestação, apresentada pela Church Society, alegava que o Sínodo Geral da Igreja Anglicana (que em Novembro de 92 aprovou a ordenação de mulheres) e a comissão parlamentar eclesiástica ultrapassaram os seus poderes legislativos ao aprovarem a Priests Measure, uma matéria que poderia ser discutida pelo Parlamento, mas nunca aprovada com força de lei.

A Church Society argumentava que a ordenação de mulheres representa uma mudança fundamental na doutrina e que, por isso, só um *full act of Parliament*, que exige uma maioria extraordinária de votos, pode votar uma matéria que implique a aprovação de uma emenda à actual legislação.

A ser ganha pela Church Society, esta batalha jurídica viria atrasar a ordenação de milhares de mulheres - e de passagem devolver novo fôlego ao processo de reconciliação entre as igrejas Anglicana e Católica, seriamente comprometido pela opção

tomada no sentido da ordenação de mulheres. Mas o Supremo rejeitou a contestação e o processo seguiu para debate parlamentar, onde colheu a «extraordinária maioria de votos» necessária, abrindo assim caminho à ordenação das mulheres.

A decisão do sínodo anglicano foi, então, comentada pelo Vaticano nos seguintes termos: «Por razões teológicas, a Igreja Católica considera não ter o direito de autorizar tal ordenação. Esta decisão da Igreja Anglicana constitui um novo e grave obstáculo ao conjunto do processo de reconciliação.»

Uma posição semelhante à do bispo anglicano de Londres, David Hope, que alerta para a consequente perturbação da vida da Igreja, levando a que «todos os que defendem o sacerdócio masculino sejam ignorados e marginalizados.»

Na altura, falou-se num novo e ameaçador cisma, o que não impediu o arcebispo de Cantuária de defender acaloradamente a ordenação de mulheres, afirmando que «Deus chama-nos para tomarmos um risco de fé. Creio que Deus pede à sua Igreja para ordenar mulheres como sacerdotes». Na circunstância, um dos mais conhecidos opositores, Michel Silver, garantiu não haver outra alternativa senão «reconstruir a Igreja de Inglaterra a partir do exterior».

Antes, em Setembro de

1988, quando a diocese de Boston, a maior da Igreja Episcopal dos Estados Unidos, elegeu uma mulher para o cargo de bispo, a Comissão Mista Católica-Anglicana, em Roma, veio a público reafirmar que a ordenação sacerdotal de mulheres constituía «um grande problema», lembrando a posição inflexível do Vaticano: «Segundo uma tradição nunca interrompida, as igrejas Católica e Ortodoxa ordenam sacerdotes apenas homens.»

Aliás, na carta apostólica *Mulieris Dignitatis (Da Dignidade da Mulher)* de então, João Paulo II não poderia ter sido mais explícito: «Cristo escolheu apóstolos apenas homens e fê-lo de modo totalmente livre e soberano.»

Note-se que a questão do sacerdócio feminino, resolvida há muitos anos por várias igrejas do protestantismo, como as luteranas da Europa do Norte ou as reformadas da tradição calvinista na França, Suíça, Alemanha e muitos outros países, colocou-se aos anglicanos no momento em que se tornava visível a tração crescente de duas tendências: uma mais liberal, liderada pelo primaz Robert Runcie, favorável à aceitação do sacerdócio feminino, e uma mais conservadora, que admitia, em última instância, o «regresso» a Roma, primeiro representada pelo arcebispo Graham Leonard e depois pelo seu actual sucessor, David Hope.

«Quando acabou o culto, havia uma corrente que nos fazia partilhar a alegria da Ressurreição. Quando o celebrante nos vem comunicar, um a um, «Cristo ressuscitou», eu senti-me a viver a Ressurreição há dois mil anos atrás. Ficámos todos muito emocionados.»

E acrescenta: «A minha participação com a juventude ecuménica das três igrejas sinodais presentes despertou-me a convicção de ser possível ajustar a minha visão do Evangelho de Jesus Cristo, com a sua força, à geração actual e de a concretizar numa igreja nova, com esses mesmos jovens e num espírito actual.»

Seria a partir daí que foi estudar para o seminário, sem ter ainda intenções de ser pastora. «O meu pai sofreu muito. Eu sabia que era um ministério muito penoso e não queria trazer isso para o meu marido e os meus filhos.» A decisão surgiu já depois de ter terminado o curso de Teologia. «Senti então que gostaria de trabalhar pastoralmente na região onde moro, num trabalho novo com metodistas que vivem nesta região. Ninguém me convidou. Eu vi que gostava e candidatei-me.»

Culto da fertilidade

Para uma compreensão mais profunda do problema, a teóloga recorda o culto da fertilidade.

«A concepção mais antiga da religião centrava-se no valor da fertilidade, da vitalidade e estava ligada com os conhecimentos científicos da época. Era a mulher que gerava os filhos. Ela concentrava em si todas as potencialidades dessa força geradora de vida divina. Eva era chamada «a mãe de todos os viventes».»

Essa predominância do feminino foi combatida no judaísmo. «Com o tempo, houve uma procura de suplantar o papel que a mulher tinha na função vital e reprodutora, através do poder masculino, que tinha nela a grande rival. Foi poder contra poder. Também em termos religiosos, a fé iavesta teve por grande rival o poder da deusa da fertilidade. A luta foi ganha pelo sistema patriarcal, que relegou a mulher para um papel secundário, de objecto, de propriedade.»

Jesus contestou princípios

A mensagem de Jesus Cristo, acrescenta, veio precisamente ao arripio «dos princípios sociais e culturais do judaísmo do seu tempo». E afirma: «As mulheres são as suas mais fiéis amigas, até à morte e na Ressurreição. No acto mais degradante da sua vida, quando Cristo desce da cruz, elas estão ao seu lado. Porque fizeram isso? Porque reconheceram nele a voz do Deus que as criou, tal como aos homens, à sua imagem.»

A teóloga também afirma que as mulheres tiveram um papel muito próximo em relação a Jesus. E lembra: «No princípio da comunidade cristã, ainda elas tinham alguns vestígios dessa valorização. Foi com a passagem

do tempo que tudo voltou ao que era dantes e a comunidade cristã as encerrou de novo no tabu do pecado, chegando a afirmar que a mulher era um meio de manifestação do Diabo.»

Ultrapassados estes preconceitos pela Igreja Metodista, como vai Miriam exercer a sua actividade pastoral? A sua condição de mulher vai permitir-lhe introduzir alguma diferença na sua acção pastoral?

«Sim e não. Numa profissão onde não há o hábito de haver mulheres, é costume exigir-se que a mulher desempenhe o seu lugar com uma qualidade superior à que seria exigida a um homem. Ela tem de mostrar o que vale. Gostaria de ser aceite com a mesma naturalidade com que se aceita um homem. E, portanto, gostaria que fosse igual. Mas gostaria também de ser diferente, porque a mulher tem uma perspectiva diferente do homem. Eu posso desenvolver o trabalho pastoral em áreas em que é difícil a um homem chegar, porque me é mais fácil ter, por exemplo, acesso à casa e à intimidade das pessoas. Não fazem tanta cerimónia comigo.»

Problema de consciência

A terminar, fizemos-lhe mais duas perguntas: uma de ordem pessoal e outra sobre os preceitos da própria Igreja. A primeira: como é aceite o facto de uma pastora ser casada com o membro de uma outra igreja? Isso não lhe vai trazer problemas?

Miriam diz que não: «Na nossa Igreja, não há a pressão para as pessoas casarem dentro da Igreja. Os pastores estudaram num seminário ecuménico e alguns casaram com pessoas doutra igreja.»

Pela resposta à segunda pergunta, sobre a posição da Igreja Metodista em relação à contracepção e ao aborto, tivemos a surpresa de saber que não há directrizes precisas de comportamento no que toca à moral sexual. Até em relação ao aborto, a Igreja Metodista deixa a decisão à consciência da pessoa.

«Na prática, penso que deve haver acompanhamento pastoral do problema, sobretudo quando há conflito de consciência.» De resto, sublinha, a Igreja Metodista tem «uma doutrina de santificação, que nos incita a sermos respeitadores de nós próprios, da nossa natureza, do nosso eu psicológico, do nosso corpo, do nosso próximo, do mundo que nos envolve». E conclui: «Santificar é separar para Deus.»

Poder patriarcal

Implantada por ingleses, em Portugal, há mais de cem anos, a Igreja Metodista portuguesa tem 1500 membros e é «um distrito da Igreja Metodista inglesa, que é, na Inglaterra, a segunda maior a seguir à Anglicana». Apesar de Miriam ser a primeira mulher ordenada em Portugal, a Igreja Metodista inglesa já tem pastoras há mais de 30 anos. O sacerdócio feminino continua, porém, a ser tabu na Igreja Católica e não deixou ainda de ser contestado por sectores importantes das igrejas protestantes. Porquê? Que fundamenta tão pertinaz recusa?

«Porque se concebeu sempre o sexo como pecado e que o pecado estava concentrado na mulher, o ser que, na Criação, tinha espoletado toda a carga negativa da humanidade!»

Argumento que a teóloga contesta: «Deus criou-nos. Para não pecarmos, devia ter-nos criado sem sexo, mas criou-nos com sexo. E na proclamação tanto da fé judaica como cristã somos todos filhos de um Deus bom.»

Mulheres fortes

Reconhece, aliás, a existência no judaísmo de uma evolução negativa da con-